ANO 6 Nº61 1999 R$ 5,00
BOOKMAKERS
MACMANIA
A VITRINE DO MACINTOSH
Luciano Kubrusly conta os planos da Apple
Workshop: FileMaker Pro
SCSI, USB, porta paralela, FireWire, porta serial: Saiba tudo sobre protocolos
Criptografia para os simples
Norton Antivirus x Virex
Banho de loja
O que fazer e quanto gastar com seu Mac velho
3Com U.S. Robotics
56K Faxmodem
SONNET
CRESCENDO G3
Yum.

As Cartas Não Mentem

Editor de temas

Na seção “As Cartas não Mentem” da edição nº 60, vocês responderam o Pedro Thomi, que estava divulgando um site que disponibilizava temas para Mac OS: “... Daqui a pouco aparece um programa para criá-los (os temas)”. Pois agora não falta mais. Existe um programinha que edita qualquer tema (menos o Platinum), deixando-o com a sua cara. Vocês podem encontrá-lo no site de Hotline do MacBBS (hot.macbbs.com.br). O nome do programa é “Themes Machine”.

Caule R. Moreira
arm@ez-bh.com.br

O Themes Machine não é bem um programa para criar temas, mas um editor, como você mesmo disse. O próprio pessoal que o criou (www.digitalsanctuary.com/themes) o considera um “work in progress”, um trabalho em andamento. Ainda não é o programa que estamos esperando, mas já é um começo...

Machomania e homofobia

Estou até agora estarrecido com a seção de cartas da edição 60. Nunca vi um desfile tão incrível de intolerância e recalque por conta da comunidade gay contra aquele famoso Macintóshico “Saiba Identificar um Gay”. É um exemplo de patrulhamento ideológico de fazer inveja à SS de Hitler. Sou editor de uma revista de rock (Rock Brigade, 18 anos de estrada, 60 mil exemplares mensais e 100% feita em Mac) e já vi todo tipo de patrulhamento, principalmente contra os rockeiros, que carregam milhares de estigmas absurdos neste país. Porém, sempre soube distinguir o que é humor e o que é ofensa. E posso dizer com absoluta certeza que o texto da Macmania foi de puro humor.

Fernando Souza Filho
São Paulo/SP
fsf@cafemusic.com.br

Fiquei embasbacado com a reação de algumas pessoas quanto ao Macintóshico da edição 58, que encarei como uma excelente brincadeira com a própria revista. Não vejo isso como uma agressão, ou algo que seja passível de uma ação legal, e principalmente não quero desmerecer a grande qualidade desta revista por uma mera atitude desrespeitosa (talvez mais do que desrespeitosa). Por favor, para o bem dos olhos de quem também lê a seção de cartas, não provoquem mais polêmicas!

Estevão de Carvalho Laurito
elaurito@sanet.com.br

Quem diria que um simples suplemento humorístico poderia causar todo esse barulho! Na minha humilde opinião, isso é fruto da desinformação e da ignorância alheia. Pessoas que nem sequer leram a revista e “ouviram falar” do “teste” e que precisam de alguém de bode expiatório. No dia em que o Macintóshico for o Editorial da Macmania, a Apple vai dar iMacs rosa-choque de graça pra todo mundo.

João Henrique F. Souza
jonny1@altavista.net

Proponho uma vaquinha entre os leitores, para que mandemos esses infelizes com passagem só de ida para São Francisco.

Marcio Palermo
m_palermo@yahoo.com

Tudo isso acontece porque a Macmania teima em não ser apenas mais uma revista de informática. Acreditamos que fazer a revista pessoal, irreverente e opinativa a torna mais agradável, mais fácil de ler. De revista de computador séria e insossa, o mundo já está cheio.

Palm x iMac

Tenho algumas dúvidas e sugestões. Primeiro, onde eu encontro a base (se não for a mesma do PC), o cabo e o software para conectar meu Pilot ao iMac? E ainda, gostaria de saber mais sobre ICQ e versões dele e do NetMeeting para Macintosh: o que são esses softwares, para que servem, quais as vantagens e desvantagens?

Tadeu
tadeunet@zipmail.com.br

A Keyspan (www.keyspan.com) tem um adaptador DB9 (serial de PC) para USB, feito especialmente para ligar o Palm no iMac ou no G3 azul. Ainda não tem distribuidor no Brasil. O ICQ é um programa que permite que você crie uma lista de amigos e converse com eles. O NetMeeting é um programa da Microsoft para chat e videoconferência que não tem versão para Mac.

Gravando CDs

Eu e meu filho somos leitores constantes da Macmania. Gostaríamos de ver nas páginas da revista mais dicas de como trabalhar com o Mac e outros periféricos. Ou como gravar CD, utilizando o CD-ROM da Panasonic.

Jesus Carlos e Vladimir Leon.
ilatina@uol.com.br

Demos um tutorial de como gravar CDs de becape e de áudio na Macmania 57. Estamos preparando uma continuação, ensinando como queimar CDs híbridos.

Dúvidas e mais dúvidas

1) Quando eu utilizo o Virtual Game Station, ele altera a resolução do monitor e faz com que a minha Control Strip vá lá para cima, mas eu não consigo fazer ela voltar. Como posso mudar a Control Strip de lugar e fazer com que ela volte a ficar no canto inferior esquerdo do meu monitor?
2) Será que tem algum jeito de programar o botão On/Off do meu iMac e ele desligue o computador sem apareça aquela tela perguntando se eu quero desligar, reiniciar ou dormir?
3) Quando faço o teste de benchmark do Norton 4.03, ele diz que o meu processador roda a 180 MHz, só que eu tenho um iMac 233 Rev. A. Quando rodo o mesmo teste no iMac Rev A do meu irmão ele diz que o processador dele roda a 240 MHz. O mesmo fato ocorre se eu rodo o MacBench 5. Será que o meu processador tem algum problema?
4) Em casa são 2 iMacs Rev. A, ambos com 64 MB de RAM, conectados em rede com crossover cable via Apple Talk. Eu precisava que os dois pudessem se conectar à Internet ao mesmo tempo, sem que um tivesse que esperar o outro sair da Internet para poder se conectar.

Paulo Eduardo Barcellos
pauloedu@colband.com.br

1) Isso é um bug do sistema. Tem uma extensão que é instalada no sis-

Índice

O Mac na mídia

Cheire diferente. Esse poderia ser o slogan do perfume “Bits”. O iMac verdinho combinou totalmente com a cor do produto e o modelo se esforçou pra fazer cara de nerd.

tema 8.5 e superior que supostamente guarda a posição dos ícones e da strip quando você muda de resolução. Para mover a Control Strip, é só segurar Option *e arrastá-la para qualquer canto.*
2) Não sabemos como. E é uma coisa perigosa, vai que você bata sem querer no botão e desliga o seu Mac de repente. Melhor clicar no botão e na tecla Enter em seguida. Não cansa tanto.
3) Tente rodar o TechTool Pro que ele tem testes de processador e clock que funcionam direito.
4) Eu também uso a mesma linha para conectar cinco Macs e um PC em rede em casa. Uso o programa IPNetRouter 1.4c12, que é facil de configurar e não usa proxy nem nada. Pegue-o em www.sustworks.com/products/product_ipnr.html

Gil Barbara

Eu quero uma placa AV!

Gostaria de saber se existe alguma placa para expansão de vídeo de meu Performa 6360. Sei que é onboard, mas tem aquele slot PCI. Existe alguma placa para aumentar a resolução do vídeo, pois quando tenho resolução 800 x 600 consigo apenas 256 cores? Outra pergunta: meu PlayStation opera no sistema PAL-M e o Apple Video Player apresenta opções de NTSC, PAL e SECAM; por isso as imagens ficam somente em preto e branco. Existe a possibilidade de resolver esse problema? Devo usar outro software? Devo usar um conversor?

Helton Bertini
helton.bertini@tetrapak.com

No Brasil vai ser difícil você encontrar uma placa de vídeo do para o Performa. Quanto a conectar o PlayStation, só usando um conversor. Um que tem uma boa relação custo benefício é o Transcoder N 75 da Transcortec (Av. Pedro Bueno, 237 - São Paulo - tel. (011) 5581-7264.)

InDesign: a vingança

Sobre a matéria do InDesign (edição 58), concordo plenamente com as afirmações de que o complicado QuarkXPress se estagnou. Adoro o PageMaker, acho muito mais fácil e rápido de usar em layouts simples. Acompanho o PageMaker desde sua versão 4, quando ele era da Aldus e no Brasil o Quark era novidade. Foi complicado ter que mudar da água para o vinho, e confesso que até hoje tenho problemas com o Quark, talvez por birra ou pela interface, talvez... Bom, agora acho que posso sorrir novamente, pois o InDesign tem tudo do Quark, com cara de PageMaker, fora a sua integração com outros programinhas da Adobe. Finalizo pedindo para os bureaus da vida ficarem espertos, pois o Quark acabou, e já tava mais do que na hora, e não digam que eu não avisei que seria vivo para ver esse dia chegar.

Gustavo O. de Souza
syco@uol.com.br

A Adobe pretende lançar o InDesign em uma campanha muito agressiva. A americana MacZone já está vendendo um crossgrade dele (pra quem já tem o PageMaker ou Quark) por US$ 299. A Quark que se cuide.

AppleScript teimoso

Não estou conseguindo gravar o script que eu fiz. O meu Performa acusa erro: "Não pôde gravar o arquivo devido a @err". Que diabos é isso? É normal?

André Ribeiro
ruivo@bignet.com.br

Não sei dizer se é normal ou não. Ao que parece, existem dois problemas aí. Um deles é o erro do AppleScript, que pode ter sido um system crash ou até uma maneira de dizer que seu hard disk está cheio. O outro é um erro na tradução do sistema, que impossibilita a resposta. @err tem todo o jeitão de ser uma variável contendo uma maior descrição do erro. Parece que fizeram algo na tradução pra mostrar @err, e não aquilo que @err representaria.
Recomendo checar o espaço disponível no disco em que ele está testando o script. Versões antigas do sistema em português não se comportavam bem com o AppleScript. É sempre uma boa idéia instalar o sistema operacional em inglês se você vai brincar com AppleScript, afinal, para escrever scripts é preciso ter uma boa compreensão de inglês. Assim, você evita qualquer tipo de problema que a tradução do sitema possa causar.

Mauricio Sadicoff
msadicof@cse.fau.edu

A impressora e o pulha

O diretor de operações internacionais aqui do escritório comprou um Performa 6320 para os pais. Agora, ele não consegue achar uma impressora por menos de R$ 800 pra ele. Eu achei o preço um absurdo, mas o pessoal da MacWorld e outras me juraram que não e possível ligar nenhuma impressora SCSI que não seja a que eles vendem. E possível ligar uma dessas HPs SCSI de 300 pilas nesse Performa? Basta ter o software ou é algo mais? Serei mesmo obrigado a me curvar perante o monopólio financeiro? Itamar: gênio ou pulha? Deus existe?

Doca Corbett
doca_corbett@amcham.com.br

1) Acho muito difícil a impressora ser SCSI, acho que você quis dizer paralela. Leia o Bê-A-Bá deste mês.
*2) O único jeito de ligar uma impressora de PC numa serial de Mac é usando o PowerPrint (US$ 100 nos EUA), da Infowave (*www.infowave.com*). É melhor tentar encontrar uma Epson 600, que saiu de linha, mas custava cerca de R$ 350.*
3) Não, precisa do cabo adaptador.
4) Retroceder nunca, render-se jamais!
5) Pulha, é claro.
6) Sim. Mas se vier, que venha armado.

Atendendo a pedidos

Tenho acompanhado a revista faz uns dois anos, e sinto que vocês não estão dando a devida atenção aos usuários de máquinas mais antigas. Que tal uma matéria sobre como turbinar seu Mac com dicas de memória, placas de expansão, vídeo, etc. Afinal de contas, eu tenho meu Performa, adoro ele demais e não tenho vontade de comprar um iMac agora, mais sim expandir a minha máquina (um modesto 6230). Pensem bem, o usuário de Mac é diferente pela sua ligação com sua máquina, e não simplesmente um devorador de modelos.

Bruno Doiche
doiche@yahoo.com

Você leu nossos pensamentos, Bruno. Aí está a matéria que você pediu. Aqui é assim, o leitor manda.

Bomba do leitor

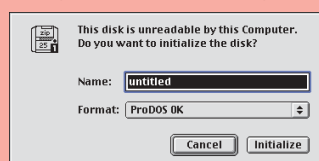
Estou mandando esta misteriosa mensagem do Mac OS 8.5. Ainda não ouvi falar de nenhum Zip 25 MB. Detalhe: meu Zip nem na sala estava.

Renato H. Alves
mgpublicidade@mgpublicidade.com.br

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*
Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*
Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Carlos Muti Randolph, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*
Gerência de Produção: *Egly Dejulio*
Gerência Comercial: *Francisco Zito*
Gerência de Assinaturas: *Rodrigo Medeiros, fone/fax (011) 253-0665, 287-8078, 284-6597*
Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*
Fotógrafos: *Andréx, J.C.França, Ricardo Teles, Hans Georg*
Capa: *Idéia: Tony de Marco*
Photoshop: Mario AV
Foto: Vladimir Fernandes
Modelo: Fernanda Vargas
Agência: Mega
Produção: Claudia Tenório
Make-up: Marcia Lima
Local: Apple Store
Macacão: Costume (011) 844-3411
Bota: Pyrâmidis (DDG) (051) 800-5170
Redatores: *Márcio Nigro e Octávio Maron*
Revisora: *Danae Stephan*
Assistente de Arte: *Pavão*
Colaboradores: *Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Daniel de Oliveira, David Drew Zingg, Dejanir de Castro, Dimitri Lee, Douglas Fernandes, Eduardo Loos, Everton Barbosa, Fargas, Fido Nesti, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, Irineu de Carli Jr., J.C.França, João Velho, Luis Carlos Zardo, Luiz F. Dias, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberto Conti, Rodrigo Martin, Silvia Richner, Tom B.*
Fotolitos: *Postscript*
Impressão: *Gráficos Chesterman*
Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. – Rua Teodoro da Silva, 577 – CEP 20560-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone (021) 575-7766*

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua Itatins, 95 – Aclimação – CEP 01533-040 – São Paulo/SP*
Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br
*A Macmania surfa na Internet pela **U-Net** (0800-146070).*
Macmania na Web:
www.macmania.com.br

Steve Jobs x Bill Gates

Filme "Pirates of Silicon Valley" mostra a história quase verdadeira dos homens que mudaram o rumo da informática

Uma das maiores sensações da TV americana no mês de junho será o filme **Pirates of Silicon Valley** (Piratas do Vale do Silício), a tão aguardada produção inspirada nas vidas dos dois maiores nomes da história da indústria de informática: Steve Jobs e Bill Gates.
Produzido pela (TNT - Turner Network Television), o filme é estrelado por Noah Wyle (o Carter do seriado ER), no papel de Jobs, e Anthony Michael Hall (Edward Mãos de Tesoura). Steve Wozniak também está no filme, é claro, interpretado por Joey Slotnick (Twister).
O roteiro do filme não é necessariamente baseado em fatos reais – o roteirista, aliás, parece que fez questão de não falar nem com Jobs, nem com Gates para não ser influenciado. Ou seja, já dá para antecipar que o enredo está recheado de situações romanceadas de efeito dramático ou humorístico. A se julgar pelo trailer, o filme possui bastante cenas de ação e de tensão entre os dois personagens, o que obviamente nunca aconteceu na vida real. É claro que, se o filme for bom, isso tudo importa muito pouco. A estréia estava prevista para o dia 20 de junho nos Estados Unidos e só deverá passar na TV a cabo brasileira em setembro. Enquanto isso não acontece você pode visitar o site do Pirates of Silicon Valley (http://TNT.turner.com/movies/tntoriginals/pirate) onde é possível encontrat um série de informações sobre o filme e também sobre a vida de Bill Gates e Steve Jobs (você sabia, por exemplo, que os dois nasceram no mesmo ano e que Jobs é adotado?). Dá para baixar também um trailer do filme.

O Jobs ate' que está parecido (o verdadeiro não é um gato?) mas o ator que faz o Gates está bonito demais para representar o monstrinho dono da Microsoft.

Macromedia lança Flash 4

Grandes novidades no Flash 4, a nova versão do software de animação vetorial da Macromedia. Entre elas está a capacidade de enviar arquivos de áudio no formato MP3 por streaming.
Agora é possível criar filmes em Flash nos quais basta pressionar um botão para disparar o stream de áudio MP3.
Outro recurso inovador permite criar campos para entrada de dados dentro das animações Flash. Assim, você pode criar formulários animados contendo campos para senhas totalmente customizáveis. Os dados digitados podem passar por um script CGI para integração com uma base de dados, tornando o Flash uma poderosa ferramenta para criação de interfaces de comércio eletrônico.
O novo Actions facilita a criação de interfaces, menus e botões customizados para sites, e o comando Publish atualiza animações na Web em apenas um passo. Além disso, o Flash 4 inclui numerosos avanços de interface, alguns tomados emprestados do FreeHand, como as paletes de inspeção que oferecem controle sobre objetos, transformações e frames. O programa deverá estar sendo lançado em junho nos EUA ao preço estimado de US$ 299 (US$ 269 se baixado do site da Macromedia). Quem já é usuário pode fazer upgrade por US$ 129 se tiver a versão em CD-ROM, ou por US$ 99 se possuir uma versão baixada da Web. O preço no Brasil deverá ser equivalente ao dos EUA. O produto deverá começar a ser vendido no Brasil em meados de julho.
Macromedia:
www.macromedia.com

Software da Casady & Greene acelera o startup do Mac

A Casady & Greene acaba de lançar o **Speed StartUp**, um novo utilitário que possibilita fazer com que seu Mac inicie num tempo recorde. Do mesmo autor do Conflict Catcher, Jeffrey Robin, o programa não requer configuração ou qualquer coisa do tipo; é só instalá-lo que ele toma conta do resto. O Speed StartUp acelera o startup, pré-carregando as informações necessárias para o processo e, como um benefício a mais, as suas janelas vão abrir mais rapidamente, uma vez que o produto também acelera a animação de zoom do Finder. Essa notícia é particularmente interessante para os detentores de PowerBooks, que sabem o quanto demora para esses pequenos notáveis iniciarem. A Casady & Greene relata economia de mais de 45 segundos no startup de um PowerBook G3/300 com 192 MB de RAM. Já um G3/233 com 96 de RAM ganhou cerca de 20 segundos durante o processo. Segundo a empresa, quanto maior for o número de extensões carregadas e a quantidade de memória RAM maior será a economia de tempo. O preço é US$ 19,25. É pagar para ver.
Casady & Greene:
www.speedstartup.com

Nintendo troca MIPS por PowerPC

A **Nintendo** anunciou que vai incorporar os processadores PowerPC da IBM como o cérebro de sua próxima geração de consoles de jogos, a ser lançada mais para o final do ano que vem. Com a troca de processador, a Nintendo abre um novo universo de possibilidades, como uma versão de seu console compatível com o OpenGL, por exemplo.
Não é preciso dizer o quanto isso facilitaria a vida dos desenvolvedores de jogos. Sem contar que cada novo game para o novo chip da Nintendo vai estar bem mais próximo de um Macintosh, o que é uma boa notícia para os mac-game-maníacos.
Nintendo: www.nintendo.com

Programas para DJ

MegaSeg e Baytex fazem do Mac uma jukebox

O MegaSeg tem uma cara moderna e um preço mauricinho

Chega de carregar CDs para lá e para cá. Para que isso quando você pode decidir a trilha sonora de sua festa ou o set de sua discotecagem com apenas alguns cliques? DJs e animadores de festas que estejam a fim de entrar na era da baladas eletrônicas precisam dar uma conferida no MegaSeg, programa que permite criar suas próprias coletâneas de músicas, classificá-las por estilo e tocá-las na ordem que quiser. Ele até realiza suave transições (cross-fade) entre as músicas no ponto em que você determinar. A janela principal do MegaSeg inclui uma lista de títulos onde são adicionadas músicas, importadas diretamente de um CD ou de arquivos AIFF e AIFC e depois comprimidas no formato IMA 4:1 (o que pode ser demorado nos Mac menos potentes), com qualidade próxima à de um CD. Uma ferramenta de busca por palavras-chave facilita a localização dos títulos à medida que sua coletânea cresce. O preço é salgado: US$ 349. É possível baixar uma demo – que funciona por apenas 20 minutos consecutivos – diretamente do site.

Outro programa do mesmo calibre é o BayTex Fiesta, que mixa com crossfades arquivos de MP3. Ainda em beta, ele é compatível com playlists criadas pelo tocador de MP3 MacAmp.

BayTex Fiesta: http://business.fortunecity.com/bronfman/204/BTF/

Fidelity Media: www.megaseg.com

Macintosh + rádio + Web = MacTuner

Uma junção de RealAudio e RealVideo, combinada com uma base de dados de mais de 1.500 rádios, TVs e outros tipos de informação, tudo ao vivo. Quem já viu o MacTuner sabe do que estamos falando. Chegando agora à versão 2.0.5, esse software permite que os usuários selecionem regiões geográficas usando mapas mundiais para saber as últimas notícias ou até mesmo para escutar um sonzinho em seu computador. O MacTuner inclui um mecanismo de busca para ouvir a estação de rádio ou TV em que você está interessado, e a boa surpresa é que é possível encontrar uma grande variedade de rádios, TVs e sites informativos brasileiros, para que ninguém acuse o programa de ignorar a República das Bananas. Selecione a estação desejada e, depois, se quiser, coloque-a nos Preset Buttons para que você possa acessá-la a qualquer momento. O produto suporta RealAudio e RealVideo, é claro. Uma versão de avaliação por 15 dias está disponível para download. Você pode também comprar o MacTuner no próprio site da empresa, por US$ 22,95. Para ter um radinho no seu Mac, parece um preço justo.

MacTuner: www.mactuner.com

Jogue sua TV fora e fique só no Mac

NaturallySpeaking chega ao Mac

Pondo fim em uma longa batalha litigiosa com a Apple, a Dragon Systems acaba de anunciar que vai criar e comercializar produtos compatíveis com Mac baseados no Dragon NaturallySpeaking, o software de reconhecimento de voz mais vendido do mundo. O anúncio foi feito em conjunto com a Apple durante a WWDC (World Wide Developer's Conference). Steve Jobs não perdeu a oportunidade de abençoar a decisão da Dragon. "A arquitetura da plataforma Mac, com rápidos processadores PowerPC e incrível suporte a áudio, vai fazer do Macintosh a melhor plataforma para o Dragon Naturally-Speaking", disse ele. Os produtos da Dragon Systems para Mac estão planejados inicialmente para o inglês americano e britânico, a serem lançados mais para o final do ano. Em seguida deverão vir versões para francês, alemão e japonês. O português ainda está de fora.

Dragon Systems: www.dragonsystems.com

Apple coloca OpenGL 1.0 em seu site

O OpenGL 1.0 já está disponível no site da Apple. O OpenGL é um componente de software que permite a seu computador rodar gráficos tridimensionais acelerados usando aplicações desenhadas para tirar vantagem dele, como será o caso do Quake 3 Arena, ainda em fase de desenvolvimento. O instalador inclui todas as bibliotecas para acelerar a renderização em sistema com placas de vídeo RAGE II, RAGE Pro e RAGE 128. Desde sua introdução em 1992, pela Silicon Graphics, o OpenGL tornou-se a API (interface de programação) de gráficos 2D e 3D mais disseminada do mercado.

Para quem desenvolve jogos, esta tecnologia é um kit de mágicas. O OpenGL oferece 250 rotinas de gráficos, RGBA ou modo de indexação de cor, lista de displays ou modo imediato, além de capacidades como luz e sombra, anti-aliasing, mapeamento de textura efeitos atmosféricos, entre vários outros recursos.

Apple: www.apple.com

O iMac portátil vem aí

Fabricante de Taiwan deverá produzir o novo modelo

Agora é pra valer. O iMac portátil (também apelidado provisoriamente como P1, iMate, iNote, iBook, ou mesmo WebMate) vem aí, e vem com tudo. Ele deverá ser lançado até a Macworld Expo de Nova York, no final de julho. Nunca um produto da Apple recebeu tanta atenção e especulação. Tanto em relação às suas formas, que deverão seguir a linha do extinto eMate, quanto às suas características. Os últimos boatos apontavam para um subnotebook em um case (gabinete) de plástico rígido, com chip de 300 MHz, drive de DVD e portas USB e FireWire. Mas é tudo especulação. O que se tem de concreto é que a taiwanesa Alpha Top ganhou a licitação para produzi-lo. A Apple começou este ano a terceirizar a produção de muitos produtos-chave, como o iMac e o PowerBook G3, com o objetivo de reduzir os custos de fabricação e suprir a crescente demanda por seus novos e revolucionários computadores.

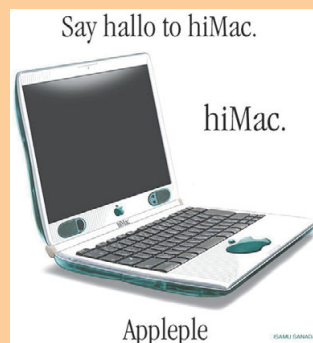
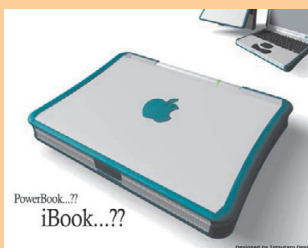
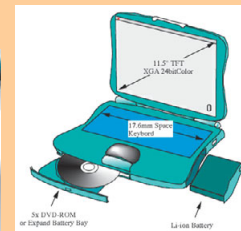
Agora vai!

A Alpha Top deve começar a produzir o novo portátil ainda em junho, pois a Apple quer colocar o produto no mercado a tempo de pegar o início do ano letivo americano, que começa em setembro. De qualquer maneira, o anúncio formal do novo Mac só deverá ser feito quando houver um estoque amplo, pronto para ser embarcado.

O otimismo é grande. Os analistas de mercado esperam que a venda do iMac portátil atinja nada menos do que um milhão de unidades no período de um ano, ou seja, 250 mil unidades por trimestre – três vezes mais do que é esperado para a linha de PowerBooks G3. Se cada unidade for vendida por uma média de US$ 1.200 e essa meta de vendas for atingida, a Apple vai faturar algo em torno de US$ 300 milhões por trimestre, só com esse produto. Não é à toa que as ações da Apple estão subindo...

Exercícios de imaginação

Depois do iMac, tentar adivinhar como será cada novo produto da Apple virou uma espécie de esporte de âmbito mundial. Só que, a cada tentativa, fica mais claro que só a Apple mesmo sabe fazer as coisas

www.macfuture.com/macfutureart/iBook.jpg

www02.u-page.so-net.ne.jp/rb3/mrc/himac.jpg

www02.so-net.ne.jp/~t-2-taro

www.avis.ne.jp/~meteor/picture/101

www.dvdesign.com/fun/Apple/design/big

Este seria interessante ver na vida real: um notebook que pode ser virado e transformado numa prancheta

www.palmunderground.com/digitalconcepts

Apple dá G3 a jovens criativos

Foram abertas as inscrições para o Prêmio Apple de Criatividade 99, uma oportunidade para jovens de até 25 anos que querem mostrar o seu talento. Para participar do concurso, basta criar um anúncio ou uma peça eletrônica para a Fundação Abrinq. Os primeiros colocados receberão prêmios e terão os trabalhos publicados na Folha de S. Paulo, na Revista da Criação e no site da StarMedia. E não é só isso: a dupla vencedora na categoria Jovens Profissionais de Propaganda vai para o Young Creatives do Festival de Cannes 2000, patrocinado pela Apple. O Prêmio Apple 99 ainda conta com mais duas categorias: Estudantes de Propaganda e Web Designers. A ficha de inscrição, que contém o briefing de cada categoria e o regulamento, estará disponível nas faculdades e agências de publicidade, revendas Apple e nos sites da Apple e da StarMedia.

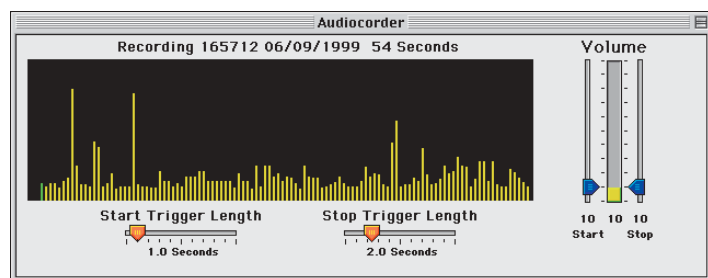
Para as três categorias, os prêmios serão os seguintes:

- **1º lugar:** um computador Power Macintosh G3 350 MHz Zip, com monitor de 21", Adobe Publishing Collection e Adobe Web Collection.
- **2º lugar:** um computador Power Macintosh G3 350 MHz DVD, com monitor de 17", Adobe Publishing Collection e Adobe Web Collection.
- **3º lugar:** um computador Power Macintosh G3 300 MHz, com monitor de 17", Adobe Publishing Collection e Adobe Web Collection.
- **4º a 10º lugares:** menção honrosa.

A faculdade que possuir o maior número de alunos inscritos na categoria Estudantes ganhará um prêmio especial: três G3 300 MHz com monitor de 17". E o professor que possuir o maior número de alunos classificados entre os 100 melhores ganhará um computador G3 300 MHz com monitor de 17". Quer dizer: um monte de felizardos.

Apple: www.apple.com.br/premioapple/premioapple.htm

StarMedia: www.starmedia.com.br

Shareware para gravar voz

Transforme seu Mac gravador

A Black Cat Systems lançou um shareware interessante para gravação de voz. O Audiocorder 1.0 funciona de modo parecido com alguns modernos gravadores de mini-cassetes, permitindo que você estabeleça o volume que o som deve alcançar para que o programa comece a gravar e o volume necessário para interromper a gravação. Também é possível determinar o quão rápido esse disparador de "start e stop" irá funcionar, permitindo, por exemplo, que a gravação seja interrompida durante pausas curtas, como acontece na fala normal. Os sons são armazenados no formato AIFF e sampleados com resolução de 22 KHz e 8 bits. O nome de cada arquivo contém o dia e hora em que o áudio foi registrado.

Black Cat Systems: www.blackcatsystems.com

Timbuktu chega à versão 5.0

Uma nova versão do Timbuktu Pro, popular ferramenta para acesso remoto de computadores, está na praça. Capaz de controlar totalmente Macs e PCs à distância, o Timbuktu Pro é indicado para empresas ou pessoas ligadas à Internet ou a redes locais que precisem operar um computador à distância, como administradores de rede e webmasters.

A nova versão oferece uma velocidade 200% maior em conexões via modem e permite a criação de listas via TCP/IP, localizando usuários que estão conectados em rede local ou pela Internet. O Timbuktu Pro 5.0 traz também uma função Tele/Modem, que permite utilizar uma mesma conexão para envio de voz ou acesso remoto, sincronização automática de arquivos e diretórios entre os computadores e mais dois programas para compatibilidade com Windows (Timbuktu Pro 32 e Timbuktu Pro).

O produto já está disponível nos Estados Unidos e custa a partir de US$ 99.95 (versão monousuário), podendo chegar a US$ 1.250 (para 50 usuários).

Netopia: www.netopia.com

iMacs invadem a E3

Apple anuncia novos games para Mac, mas se esquece de avisar os fabricantes

Los Angeles, maio de 1999. Começou a E3 (Electronic Entertainment Expo), a conferência mais importante do mercado de jogos eletrônicos dos EUA. Ao contrário das feiras tipo Comdex, para consumidores, a E3 é uma feira para a indústria, o que se chama por aqui de *trade show*, onde negócios são feitos, parcerias se criam e novidades são divulgadas. No primeiro dia havia press-releases de todas as grandes empresas, cada uma anunciando uma novidade – algumas muito interessantes, mas a maioria falando coisas que o mundo inteiro já sabe.

As novidades mesmo ficaram por conta da Sega, que demonstrou seu já lançado novo sistema para competir com o PlayStation, chamado Dreamcast; da Sony, demonstrando o espantoso PlayStation II; e (tcham-tcham-tcham-tcham) da Apple, anunciando que várias empresas estarão fazendo lançamento simultâneo para Mac e PC dos jogos mais esperados do mercado, como Madden NFL 2000 (futebol americano, grande de mercado aqui nos EUA), TRIBES II e o mais esperado de todos, o jogo que causou sensação na E3, Star Wars Episode I: Pod Racer.

Ninguém sabe de nada

Deus – quer dizer, Steve Jobs – anunciou que realmente quer ver jogos sensacionais rodando em Macs, porque graças ao sucesso do iMac e dos Power Macs G3, os usuários ficaram realmente com fome de jogos.

Muito lindo isso, né? O problema é que ninguém avisou o pessoal das companhias envolvidas de que isso estaria acontecendo. No stand da Blizzard Entertainment, conversei com o responsável pela divulgação do Diablo II. Ele falou que não sabia de nenhuma versão para Mac, apesar de o jogo ter sido divulgado no press-release da Apple como um dos lançamentos simultâneos.

A mesma coisa aconteceu na Nintendo. Ninguém lá sabia dizer nada sobre o Dolphin, o novo console em desenvolvimento que vai usar processadores de cobre da IBM, chamados de “Gekko”, baseados na tecnologia PowerPC, rodando a 400 MHz. Disseram que foram pegos de surpresa pelo anúncio de que o console seria lançado mundialmente já no final do ano 2000.

iMacs a dar com pau

Quanto à presença da Apple na E3, temos uma boa e uma má notícia... A boa é que havia iMac pra todo lado. No stand da Bungie, demonstrava-se o simplesmente estonteante jogo Oni, que está para sair no fim deste ano, em lançamento simultâneo para Mac e PC, no mundo inteiro. No stand do The Stone, um jogo para ser jogado via Internet, só usaram iMacs, porque “precisavam de ótima qualidade de imagem e só os iMacs nos proporcionam isso”, segundo a dona da empresa. Até no stand da revista PC Gamer tinha um iMac...

A má notícia é que o stand da Apple ficava meio separado do resto da feira, totalmente fora do buxixo. Era grande, lindo, cheio de iMacs coloridos com demos de programas, os novos PowerBooks, campeonato de Unreal em monitor de tela plana etc. Mas era meio de esquina, muita gente provavelmente nem viu. Havia faixas pra todo lado falando do iMac, mas nenhuma apontava pra onde o stand ficava; então, era difícil de encontrar.

MAURÍCIO L. SADICOFF

Jogos que sairão juntos para PC e para Mac
Segundo a Apple

- Madden NFL 2000
- TRIBES II
- Star Wars Episode I: Pod Racer e The Gungan Frontier
- Deer Avenger II
- Diablo II
- Fly!
- Oni
- Quake 3: Arena
- Star Trek Deep Space Nine: The Fallen

Epa! O que esse marmanjão está fazendo com o joguinho da Barbie num iMac rosa?

A LucasArts retorna ao Mac com alucinantes jogos baseados no novo episódio de Star Wars

O que vem por aí em games para Mac

Star Wars Episode I: Pod Racer

Lembra aquelas motos voadoras de Endor, o mundo dos Ewoks, em "O Retorno de Jedi"? Imagine uma daquelas, bem mais vitaminada, puxada por duas turbinas de avião. Agora imagine-se pilotando uma. A versão para Nintendo já está disponível nos EUA, mas a versão pra Mac só vai sair no final do verão americano, lá para setembro, e a para PC já está saindo do forno. O atraso não é tão ruim, se se levar em conta que, até o estouro do iMac, a LucasArts estava abandonando a plataforma.

Pod Racer é o que faltava para Mac. Um jogo de corrida fantástico em que – cáspite! – não se dirige carros, mas turbinas flutuantes voando em várias "pistas" a velocidades ridiculamente altas. Não é surpreendente que o stand de Star Wars era o que tinha as maiores filas, com gente esperando até mais de uma hora para poder jogar por cinco minutos.

A idéia do jogo é bem simples. Quem chegar primeiro vence. O difícil é vencer o computador, com até seis oponentes, sendo que um deles, Sebulba, tem uma arma e atira nos outros durante a corrida. Claro que é possível correr com o pod do Sebulba, mas aí perde-se a capacidade de curvas e a velocidade máxima do pod de Anakin Skywalker, que é o que todo mundo acaba escolhendo.

O visual do jogo não fica devendo muito ao filme (compare com a imagem menor na página ao lado)

A heroína de Oni lembra uma personagem de mangá, mas só superficialmente. Os autores são americanos

Oni apresenta a sucessora de Lara Croft

A Bungie não descansou. Depois do pioneirismo no Mac com Marathon e o sucesso brutal de Myth no Mac e no PC, ela criou um jogo com pretensões de cativar o público do Tomb Raider.

Oni é um jogo de ação/aventura em 3D, com perspectiva em terceira pessoa. Ou seja, tem muita pancadaria, mas também tem uma história, e o controle da personagem principal é mais ou menos como o da Lara Croft. As semelhanças com Tomb Raider param aí. Se você se sente frustrado quando a Lara está correndo e tem que parar para pular, ou quando ela pula e só pode atirar ou mudar o ângulo de visão depois de chegar ao chão, vai gostar de Oni. O jogo utiliza movimentos "interpolados", o que permite que as ações reajam imediatamente ao teclado (ou joystick). Ou seja, você salta no meio de uma passada, gira e atira enquanto está em pleno ar, cai no chão e vai rolando, sem parar de atirar; tudo num movimento suave, extremamente realista (alguém pensou em Matrix?...). A iluminação também ajuda bastante na recriação da realidade, graças a outra inovação, uma técnica chamada *radiosity lighting*. Quer mais? Então, que tal juntar as técnicas de inteligência artificial, que permitem que a atitude de um personagem mude de acordo com a situação? O personagem controlado pelo computador pode estar com medo ou com raiva, e suas ações refletem seu estado de espírito. Todos os personagens têm senso de auto-preservação, ou seja, se abaixam num tiroteio, saem correndo se acham que não têm chance numa briga etc. Junte a isso uma imensa variedade de personagens, com movimentos de luta específicos (o jogo gera mais de 800 movimentos de luta diferentes só na versão beta mostrada na E3). Para completar, a trama é bem bolada. A heroína Konoko é uma policial no ano 2032, perseguida por Oni (fantasma ou demônio, em japonês), e com a missão de se infiltrar e destruir um sindicato do crime. Há personagens amigáveis que podem trair Konoko, e personagens que parecem letais e são. O visual é modernoso, num estilo aparentado ao anime japonês, e o jogo tem 17 níveis com mapas baseados na vida real, bolados por arquitetos.

Infelizmente, a versão de teste para Mac rodava bem lenta nos G3. De acordo com o chefe de desenvolvimento da Bungie, é porque começaram a desenvolvê-la apenas uma semana antes da convenção.

Luciano Kubrusly: um ano à frente da Apple Brasil

O primeiro funcionário da Apple Brasil agora é o principal executivo da Apple no Brasil. Luciano Kubrusly, 29 anos, completou este mês um ano no cargo de diretor geral da filial brasileira da empresa. Ele também acumula mais de oito anos de experiência com o "negócio Apple", iniciados como assistente do assessor de imprensa da Apple, Tomas Fischer, em 91. De lá para cá, Luciano fez demonstrações de tecnologias, carregou caixas, localizou programas, correu à alfândega para liberar equipamentos, organizou feiras, reorganizou a empresa depois de sua pior crise e hoje decide a estratégia para ampliar seu mercado. A Macmania conversou com Kubrusly para saber sua avaliação dos quatro anos da Apple no Brasil e seus planos para o futuro.

Macmania - Qual o maior desafio para a Apple no Brasil?

Kubrusly - Demoramos um ano para começar a colocar a casa em ordem, depois de uma chegada ao país cheia de erros. Mas o nosso maior desafio não é esse. O maior desafio será crescer, a partir do momento em que tivermos ocupado todos os espaços que temos por natureza. A gente cresceu sem fazer esforço ocupando esses espaços. Crescemos 180% de dezembro de 97 a dezembro de 98 e continuamos crescendo até hoje. Saímos de menos de 1% para 2,8% do mercado. Este ano, devemos crescer a taxas superiores às do mercado de informática.

Ricardo Teles

Macmania - E qual é a estratégia para continuar crescendo?

Kubrusly - Chegar a lugares onde a gente já devia estar e não estamos, por uma distorção da nossa cabeça. Existem 14 mil gráficas neste país e a gente tem que saber por que muitas delas não usam Apple. Ou é porque somos incompetentes ou porque nosso canal não está chegando a elas. Temos soluções maravilhosas para gráficas e editoras. A idéia é fazer uma série de road shows, publicar brochuras sobre como utilizar o Macintosh nessa área, quais suas vantagens. Para educar não só o usuário, mas a revenda também.

Macmania - Como vocês pretendem crescer nos outros estados?

Kubrusly - Vamos ter um gerente regional de vendas para cada região, um no Rio, um no Nordeste e um no Sul. Eles vão estar baseados na região para saber qual é a melhor revenda, quem são os clientes importantes. É impensável que a Apple só tenha uma revenda em Curitiba e nenhuma em Santa Catarina.

Macmania - O atendimento no varejo ainda é muito ruim. Os vendedores não sabem nada sobre o Mac. Como vocês pretendem consertar isso?

Kubrusly - Estamos criando programas de capacitação de vendedores e revendas. Estamos colocando um "comprador Apple misterioso" para visitar as lojas. Uma pessoa que faz perguntas sobre o Mac para o vendedor. Se ele responder certo, ganha cem reais na hora.

Macmania - E a falta de software? Quatro anos de Apple Brasil e a principal reclamação do usuário ainda é essa.

Kubrusly - Costumo dizer que o Mac é apenas 50% do nosso produto. Software (e impressoras e periféricos) são os outros 50%. A situação já melhorou muito em relação a tempos atrás. Uma das minhas grandes alegrias é que hoje eu consigo ver meu saldo no Unibanco do meu Mac. O Dicionário Aurélio deve sair até a Fenasoft; o último problema que ele tinha – uma incompatibilidade com o Word – acaba de ser resolvido. Já temos uma presença grande dos programas gráficos profissionais.
Falta resolver o lado doméstico. O Office já pode ser encontrado facilmente. Acredito que venha a surgir uma versão do Office em português para Mac, só não sei dizer quando. O volume de que a Microsoft precisa para um lançamento desses a gente já tem. Estamos trabalhando com os dez maiores fabricantes de jogos para ter títulos como Tomb Raider e Quake 3 no Brasil, não só em revendas como a Apple Store, mas também nas prateleiras do varejo.

Macmania - Quando a Apple vai começar a atacar o mercado educacional no Brasil como faz em outros países?

Kubrusly - Hoje temos várias histórias de sucesso em escolas de ensino superior ligadas aos mercados onde a Apple é forte, como a Escola Panamericana, a Belas Artes e a ESPM. No momento em que tivermos uma solução competitiva para o mercado de 1º e 2º graus, iremos atrás dele. Nunca tivemos isso no Brasil. Além do que, acredito que atualmente

Oito anos de altos e baixos

1991 *Primeira participação oficial da Apple em um evento no Brasil: um estande de 150 m dentro do pavilhão EUA na Comdex/Sucesu.*

"A Comdex de 91 foi meu primeiro sucesso de importação. Um dia antes de a feira abrir, tive que ir para Guarulhos, conversar com um funcionário da alfândega, abrir as caixas e mostrar os Macs para ele liberar a entrada. Na época, ninguém sabia o que era um Macintosh."

1992 *Apple escolhe a CompuSource como sua distribuidora exclusiva.*

1993 *System 7 começa a ser traduzido para o português.*

1994 *Apple começa a estudar a implantação da filial brasileira.*

1995 *Apple chega ao Brasil e começa a escolher os diretores da filial. Toma posse a primeira diretoria da Apple Brasil.*

"Cometemos muitos erros, do aluguel do prédio aos investimentos de marketing. Tinha uma área de treinamento que nunca foi usada. A gente nunca convidou o usuário final para ir até aquela sede."

"Houve um grande equívoco nas contratações das pessoas e na forma como a Apple chegou no mercado. Trouxemos bons profissionais do mundo PC, mas que não conheciam o universo Mac. A gente devia ter entrado com uma comunicação segmentada para o mercado profissional, mas as pessoas que estavam na empresa não conheciam esse mercado, não sabiam trabalhá-lo e não davam ouvidos a quem conhecia. Eles conheciam o mercado doméstico e tentaram atacar esse mercado, o que não deu certo porque os usuários Apple, que poderiam nos ajudar, estavam totalmente insatisfeitos."

1996 *Apple Brasil decide atacar o mercado doméstico e credencia mais três distribuidoras. No final do ano, Macs (Performas 6360) começam a ser montados no Brasil.*

"Montar o computador aqui não foi uma atitude errada. Foi uma atitude certa tomada com o produto errado. Quando começamos a vender o Performa 6360, ele já estava obsoleto."

"Criou-se, no começo, um sério problema de distribuição. Achava-se que, aumentando o canal de distribuição, a venda aumentaria. Isso não é verdade... não é qualquer revenda que vende Apple... se ela não tiver o treinamento adequado, se não tiver a mentalidade, não vai vender. Para conseguir fazer o Extra vender mil máquinas por mês, demoramos um ano e meio."

"O usuário estava desistindo de com-

esse não é um mercado sério. Com algumas exceções, a maioria das escolas tem computador não como ferramenta de ensino, mas como ferramenta de atrair matrículas.
Macmania - Na Macmania 60 publicamos um Ombudsmac levantando a questão dos consultores de Mac. O que a Apple pretende fazer para estimular o trabalho deles?
Kubrusly - Sem querer menosprezar o trabalho deles, devo dizer que, dentre todos os problemas que temos, esse é um dos menores. Os consultores têm um papel importante, entendo isso até porque eu já fui consultor. Temos que ajudá-los e ajudar o mercado. Precisamos formar melhores consultores, mas não só isso. Precisamos formar profissionais para trabalhar com Apple e vender Apple. Não posso prometer algo agora. É um problema importante, mas não é prioritário. Não tenho estrutura hoje para designar alguém para pensar nisso. Hoje a prioridade é treinar as revendas e o varejo e colocar softwares na prateleira. Quando isso estiver resolvido a gente vai poder pensar nos consultores.
Macmania - Muita gente tem reclamado que os iMacs 233 MHz que estão sendo vendidos no Brasil têm um estranhíssimo teclado mexicano. Por que isso?
Kubrusly - Eu tinha duas alternativas: parar de vender iMac ou vender com esse teclado, que eles chamam de "teclado Mercosul". Preferi vender com esse teclado. Particularmente acho que, para o primeiro usuário, o teclado Mercosul é mais fácil. Tirando o ponto de exclamação de cabeça para baixo e o N com til, o resto é igual, os acentos estão no lugar certo. Para nós, que estamos acostumados com o teclado americano, é um horror. Eu poderia ter comprado o teclado americano, mas aí o iMac iria ficar mais caro.
Macmania - Mas quando teremos um teclado ABNT, como existe no PC?
Kubrusly - Quando o nosso usuário parar de ser tão exigente e reclamar que não quer o teclado ABNT, quer o americano. É uma decisão complicada. Se nós decidirmos que vamos ter um teclado ABNT, todas as máquinas terão esse teclado. Não dá para trazer 2.500 iMacs com teclado americano, 2.500 com teclado brasileiro.
Macmania - Quando o iMac 333 chega ao Brasil?
Kubrusly - Ainda não temos uma perspectiva. Nosso objetivo atual é vender o 233 MHz, que está barato e deve ter ainda uns 30 dias de estoque. Estamos fazendo tudo para conseguir trazer o 333 MHz a um preço menor que o do 266 MHz.
Macmania - Outra grande reclamação é em relação às assistências técnicas. Acabamos de receber um email de um leitor do Rio Grande do Sul que ficou quase um mês esperando seu G3 porque a assistência não tinha um drive de Zip interno.
Kubrusly - Existem dois fatores que causam isso. O primeiro é que acabamos de mudar de fornecedor de peças. Antes era a Kodak e agora é a Logistick. Essa transição se deu nos últimos três meses, período em que o *fill rate* chegou a 50%. Agora ele está nos 90%. Hoje há 90% de chance de você encontrar a peça quebrada em uma assistência técnica. A parte técnica foi resolvida. A assistência acessa nosso estoque de peças pela Web e consegue dizer em cinco minutos se ela está disponível no Brasil. Se estiver, ela entrega em três dias o equipamento. O outro problema é o contrabando, que diminuiu drasticamente mas ainda afeta nossas estimativas de provisão de peças de reposição. Às vezes a gente acerta, às vezes erra.
Macmania - O contrabando é tão forte assim hoje em dia?
Kubrusly - Por competência nossa, hoje não faz mais sentido comprar um Mac do muambeiro. Antigamente a proporção de Macs contrabandeados e comprados legalmente era 70/30. Hoje essa razão se inverteu: 30% dos Macs no Brasil são comprados ilegalmente.
Macmania - E em relação ao software nacional, produzido por desenvolvedores brasileiros? O que a Apple pretende fazer para estimulá-los?

"O maior desafio será crescer"

Kubrusly - O DRC esta sendo reestruturado e terá o estímulo ao desenvolvimento de programas para Mac como sua principal função. Vamos pesquisar soluções verticais que existem no mundo PC para médicos, advogados e dentistas e portá-las para o Macintosh.
Macmania - O marketing da Apple no último ano tem sido feito em cima de campanhas desenvolvidas lá fora. Isso vai continuar?
Kubrusly - Não. A partir de julho vamos começar a produzir as peças aqui. Será uma campanha mais de cunho produto-explicativa do que institucional. Todo mundo já tem uma imagem boa da Apple outra vez, agora está na hora de explicar nossa linha de produtos.
Macmania - É possível a Apple vir a montar o iMac no Brasil?
Kubrusly - Eu diria que isso está na nossa pauta. A gente estabeleceu o canal, estabeleceu o volume e, agora que a gente sabe que a coisa está funcionando, vamos começar a analisar essa possibilidade. E não só o iMac, mas também o G3. A manufatura local é uma coisa importante, não por ser um comprometimento da empresa com o país, mas pelo fato de o governo dar uma redução de 22% de imposto, que teria um impacto muito grande em nossas vendas.
Macmania - Qual foi o maior erro da Apple Brasil?
Kubrusly - O principal erro da Apple no Brasil – e até no mundo – era a forma como ela encarava o mercado e os seus clientes. A Apple era uma empresa voltada para dentro, uma empresa que achava que o distribuidor era o seu cliente. Isso criou uma grande frustração por aqui. A Apple chegou ao Brasil, não conseguiu resolver os problemas que o usuário já tinha e ainda criou uma série de outros. O usuário até perdoava a empresa quando a Apple não estava aqui. A gente entrou no país com medo do nosso usuário, quando ele deveria ter sido nosso maior aliado. O cara ficou frustrado ao quadrado.
Macmania - A Apple aprendeu a ouvir o usuário, então?
Kubrusly - Hoje temos uma política totalmente aberta. Qualquer revenda pode entrar aqui, qualquer cliente pode me mandar email (luciano.k@apple.com.br). Recebo dezenas de cartas e tento responder algumas delas. A gente nunca esteve tanto no caminho certo quanto hoje. Não preciso mais pedir paciência para o nosso usuário. Ele já viu que as coisas estão acontecendo. M

prar 7100 e 8100 para comprar o 6360, que estava muito barato. Estávamos canibalizando nosso mercado e deixando o usuário insatisfeito, porque ele estava comprando uma máquina que não era a ideal. Ele não estava falando pro vizinho que a máquina dele era do cacete.
Além disso, você tinha o mercado inteiro falando mal da Apple... que estava indo pro buraco... era o momento de dizer: 'pára tudo, não vamos atrás de novos usuários, vamos segurar o que a gente tem'. Essa discussão gerou uma série de atritos internos e impediu o desenvolvimento do canal, coisa que até hoje a gente ainda precisa fazer."

1997 *Equipe original da Apple Brasil é desmantelada. Apple Brasil fica sem diretor geral.*
"E aí, quando a coisa foi pro vinagre... saiu todo mundo... muitos foram 'saídos'. Houve um layoff e só sobraram seis pessoas. Dividimos o mercado. Eu fiquei com o mercado doméstico, o Inácio Pereira com o profissional e a Brasilina Passarelli com o educacional."

1998 *CompuSource fecha as portas. Lojinha da Apple na Fenasoft.*
"Mike Caram (diretor da Apple Latin America) me nomeou diretor de marketing e vendas e disse que, se as coisas fossem bem, em seis meses eu seria apontado diretor geral. Fizemos uma reunião com as revendas, perguntamos aos clientes o que faltava, como eles queriam comprar da gente. Como sabíamos que não iríamos ter um produto doméstico tão cedo, decidimos desmontar o canal de varejo e focar no profissional com os G3. Aí a coisa começou a subir."
"A Fenasoft foi o grande momento da virada. Fizemos um dos estandes mais bonitos da feira, exatamente como nosso usuário queria. Com uma loja para poder comprar boné, moleton, toner, software. Foi aí que eu consegui convencer as revendas de que elas tinham que criar lojas de rua. A MacMouse acreditou primeiro e a MacWorld em seguida. Logo depois chegou o iMac e a coisa começou a crescer. Isso aconteceu basicamente porque a gente começou a viver a vida do nosso usuário."

1999 *Crise cambial. iMacs vendidos pelo preço dos EUA.*
"Mesmo com a crise, a gente já estava preparado para saber como expandir nosso mercado. Expandir para outros mercados (Rio, Minas, Sul Nordeste), ampliar o número de revendas profissionais. Ter mais gente bem treinada, criar ferramentas de treinamento, voltar a olhar o mercado educacional."

Upgrades

O que você pode fazer para turbinar o seu Mac sem ter que sair do Brasil

Reza a lenda que fazer upgrades em Macs no Brasil é uma tarefa impossível. As placas custam caro, você nunca encontra o que quer e ninguém entende do assunto. Mas a Macmania não é uma revista que se assusta com tarefas aparentemente impossíveis. Atendendo a muitos pedidos de leitores, fomos vasculhar as revendas de Mac para saber o que é possível fazer para dar uma garibada em um Mac antigo. (Evitemos dizer "velho", pois na verdade os Macs não ficam velhos: viram clássicos...)

Se você é daqueles que acham que seu Mac já deu o que tinha que dar e que não há muito o que se possa fazer a não ser comprar um novo, muita calma.

Antes de mais nada, é preciso analisar bem a situação. Se você tem dinheiro no bolso e quer comprar uma máquina nova acima de tudo, vá em frente, pois não há nada melhor do que a sensação de ter um computador compatível com as suas necessidades. Mas se você faz parte do imenso grupo cuja máquina deixa a desejar e que está com o bolso da calça furado, existe esperança nos upgrades, com os quais é possível dar uma boa recauchutada em seu Mac sem comprometer o leite das crianças.

As opções variam com o modelo de Mac que você quer turbinar, das suas expectativas e do que pode você pode tirar da carteira. Os upgrades de processador, memória, disco rígido, placa de vídeo, modem, conectores USB, placa SCSI e outros são itens que podem fazer de seu Mac um computador melhor. Não interessa se você possui um LC, Quadra, Performa, Power Mac ou mesmo um G3: sempre é possível levá-lo além de seus limites. Em último caso, também vamos dar algumas idéias para dar ao seu Mac um destino mais nobre do que o fundo do armário ou a lata de lixo (pensando melhor, será que alguém tem coragem de jogar um Mac no lixo?).

Este é um guia do que há no mercado brasileiro para tornar isso possível da maneira mais realista.

por MÁRCIO NIGRO*

Vladimir Fernandes

Máquinas clássicas

Talvez alguns dos Macs de que falamos aqui já tenham mesmo dado tudo o que tinham que dar. Mas a reforma de um Mac "clássico" não precisa visar o trabalho nele: é bom tê-lo sempre em bom estado de funcionamento, entre outras razões, para demonstrá-lo para as visitas ou matar a saudade dos softwares dos bons tempos em que tudo era mais simples. Escolhemos para upgradear alguns dos modelos mais populares de todos os tempos. Veja a seguir o que descobrimos.

Macintosh SE

SE

Seria ridículo comparar o SE, de 1987, que tem processador 68000 de 8 MHz, com os G3 atuais. Mais ridículo ainda é lembrar que esse Mac custava US$ 2.700 e tinha como objetivo o usuário executivo. As limitações dele são claras: pouco poder de processamento, tela pequena em preto e branco e RAM limitada. Mesmo assim, ele ainda pode ser útil para tarefas de texto e impressão. Para isso, basta acrescentar:

•Quatro pentes de RAM de 1 MB, do tipo SIMM de 30 pinos e velocidade de 150 ns (nanossegundos), nada fáceis de encontrar.

•Um HD externo SCSI (um interno também é possível, mas dará muito mais trabalho). Não se incomode em achar um drive muito rápido, pois a performance da interface SCSI do Mac SE é bem baixa e as versões de Mac OS que podem ser instaladas (2.0 a 7.5.5) não suportam transferências de grandes volumes de informação.

•Instale o System 7.0.1, um processador de textos (como o Tex-Edit ou o Nisus Writer 4.0, ambos disponíveis para download gratuito), conecte uma impressora (uma Ima geWriter basta) e saia escrevendo.

•Também e possível conectar um modem à porta serial, mas a velocidade ficará limitada a 9.600 bps. Ou seja: dá para mandar uns emails e só.

Macintosh Classic II

Classic II

Lançado no final de 1991, o Classic II dobrava a performance do Classic original (derivado do SE) com um processador 68030, 2 MB de RAM na placa (expansível para 10 MB) e FPU opcional. Essa máquina foi vendida até 1993, com o nome mudado para Performa 200, e foi o último modelo com o gabinete baseado no formato do Mac original. Se o SE ainda pode ser útil, imagine o Classic II. Eis o que se pode fazer:

•Revire os baús das revendas Apple ou lojas de PC e arranje dois pentes de 4 MB de memória SIMM de 30 pinos e 100 ns ou mais rápido (não vai ser fácil, como já dissemos). Remova qualquer pente menor que já esteja instalado e encaixe os dois módulos.

•Já que você está indo atrás de memória velha, não custa nada perguntar se a revenda possui uma FPU para o Classic II. Com ela, você consegue redesenho de tela mais rápido, melhor performance gráfica e cálculos de planilhas mais rápidos.

•O Classic II vinha com discos de 40 ou 80 MB. Se isso não for suficiente, instale outro disco SCSI de "um terço de altura". Se o HD não for da Apple, talvez sejam necessários drivers e formatadores de terceiros, como o famoso FBW Hard Disk Toolkit. Outra opção, mais fácil, é conectar um drive externo na porta SCSI.

•Atualize o sistema operacional. Serve qualquer versão até o System 7.6.1.

Macintosh LC II

LC II

Esta máquina, lançada em 1992, teve dias de glória graças ao seu baixo custo para a época (US$ 1.700) e seu processador 68030 de 16 MHz. Apesar da pouca altura do gabinete, há vários modos de dar uma anabolizada no LC II.

•O LC II vem com 4 MB de RAM na placa e é possível colocar mais dois pentes de 4 MB de 100 ns nos dois slots SIMM de 30 pinos para chegar a 12 MB, apesar do fato de esse modelo não conseguir utilizar mais do que 10 MB. Mas é melhor ter dois megas a mais do que a menos, certo? Você ainda pode ligar a memória virtual (opção lerda) ou usar o RAM Doubler, da Connectix (opção rápida).

•Troque a memória de vídeo de 256K para 512 K, a fim de conseguir 256 cores à resolução de 640 x 480.

•Se os 80 MB de HD incluídos no LC II são muito pouco para você (e realmente devem ser), conecte algum drive externo SCSI e tenha certeza de ter o System 7.6.1 instalado.

Quadra 900

Quadra 950

Em outubro de 1991 o 900 era o rei dos Macs, mais ou menos o que é hoje o G3 azul e branco de 400 MHz. A diferença é que ele custava incríveis US$ 7.000 (nos EUA) e tinha processador 68040 de 25 MHz, sem cache. Mas seu tamanho era imponente! De fato, o enorme gabinete torre do 900 (e do 950, o seu "irmão" ainda mais alto) é, dentre todos os já bolados pela Apple, o que menos se parece à primeira vista com um Macintosh. Mas, graças ao espaço interno, há várias modificações úteis que podem ser feitas:

•O Quadra 900 não tem memória incluída na placa, mas é possível colocar até 256 MB de RAM nos 16 slots SIMM de 30 pinos, que aceitam módulos com velocidade de 80 ns ou mais rápidos. Os pentes têm que ser instalados em grupos de quatro.

•Essa máquina vem com 1 MB de VRAM (memória de vídeo), o que é suficiente para obter resolução de 1.152 x 870 pixels a 256 cores. Mas você pode chegar a 2 MB, instalando módulos SIMM de 156 K.

•Você pode instalar o Mac OS 8.1 no Quadra 900, mas os discos de 80 MB ou 160 MB desses modelos não serão suficientes para a instalação. Portanto, adicione mais um HD SCSI "full-height". Outra opção é arrancar fora o drive de disquete (ninguém usa mais isso, mesmo) e adicionar um HD, uma mídia removível ou até mesmo um drive de CD-ROM, o que facilitaria bastante a instalação do Mac OS 8.1.

Mac IIvx

Uma máquina de sete anos de idade que, por fora, se parece com os Power Macs 7100, 7500 e 7600 e até com o G3 bege desktop. De fato, o IIvx foi o primeiro modelo com esse formato.

O Mac IIvx oferecia uma CPU relativamente rápida (68030 de 32 MHz), mas o barramento de sistema (*bus*) era vagaroso. Na verdade, seu maior atrativo era o CD-ROM opcional, que, graças ao novo gabinete, aparecia pela primeira vez num computador da Apple.

IIvx

Macs não ficam velhos: viram clássicos...

Ele foi rapidamente substituído pela família Centris, deixando alguns usuários na mão. Para estes, aqui vão algumas dicas:
•Você pode colocar mais 64 MB além dos 4 MB que já se encontram na placa-mãe. Para isso, arrume quatro módulos de 16 MB (30 pinos e 80 ns ou superior) e preencha os quatro slots SIMM.
•O IIvx sem CD tem apenas 512K de VRAM, o que é suficiente apenas para ver 256 cores na resolução de 640 x 480. Se você substituir os dois módulos originais por versões com velocidade de 100 ns ou mais, será possível chegar a milhares de cores na mesma resolução. Também é possível instalar uma placa de vídeo NuBus. Os Macs IIvx que vieram com o drive de CD têm 1 MB de VRAM.
•Troque o HD por outro maior, SCSI. Porém, pode ser mais fácil deixar um HD externo conectado à porta SCSI.
•Aproveite um dos três slots NuBus para colocar uma placa Ethernet ou uma placa de vídeo.

Performa 630

Linha Performa

Existem duas categorias de Performas: os com processador 68K e os Power Macs. Não é preciso nem dizer que os Performas com chip PowerPC estão muito mais próximos dos Macs atuais do que os com chip 68K. Para a turma dos Power Macs, empresas como a Newer e a Sonnet têm upgrades de processador que podem deixar essas máquinas mais próximas da rapidez dos G3 *(ver "Processador novo")*.
Já para o pessoal do 68K, a coisa não é tão fácil, mas também não é motivo para desespero. Como no seguinte caso.

Performa 630

Apesar de ele ter a mesma aparência de muitos dos Power Macs bege mais recentes, a CPU 68LC040 de 33 MHz, sem FPU (só um tiquinho mais rápida que as dos "irmãos" Quadra 605 e Performa 475), pode deixar a desejar.
Há várias coisas que podem deixar o seu Performa melhor:
•A reforma (sem trocadilho) mais radical e eficiente é trocar a placa-mãe, colocando a do Performa 6200, que tem processador PowerPC 603 de 75 MHz ou 90 MHz e traz Ethernet embutida e 256K de cache. Mas isso é inviável no Brasil. Sai mais em conta comprar um 6200.
•Coloque o máximo de RAM que a máquina permite. Utilize um pente de 32 MB SIMM de 72 pinos e 70 ns.
•Esse Mac tem um slot de comunicação no qual é possível instalar uma placa Ethernet. Se você quiser colocar o Performa 630 na rede, a Apple fez três modelos: 0 10Base-T, 10Base-2 e AAUI. Um deles deve servir para conectar o Mac aos outros dispositivos de sua rede.
•Se o HD de 250 MB for pouco para você, arranje outro disco IDE do mesmo tamanho e, claro, com maior capacidade.
•O Performa 630 tem ainda um slot de sistema de vídeo, que funciona legal se você conseguir achar os componentes que se encaixam nele. A Apple tinha o Video System, que permitia conectar equipamentos de vídeo NTSC, PAL e SECAM; o Video/TV System, para assistir TV no desktop; e o Presentation System, que possibilitava usar uma TV como monitor ou gravar as imagens num videocassete. Infelizmente, esses dispositivos não são mais comercializados, mas ainda podem haver alguns perdidos no estoque de alguma revenda.

Destinos nobres para o seu Mac

Calma! Não jogue seu Mac fora! Mesmo se as dicas nestas páginas não forem suficientes para tornar seu Mac velho em algo mais útil, ainda existem algumas tarefas nobres que podem ser assumidas por ele.

Servidor de intranet

Tá a fim de montar uma redezinha local e fazer com que todos os seus Macs acessem a Internet através de uma mesma conexão? Simples: é só colocar o seu Mac mais velho para funcionar como servidor.
A produtora de vídeo O2 possui toda a sua intranet baseada em um Mac IIci, com 8 MB de RAM e disco de 150 MB. O consultor e conselheiro editorial da Macmania, Carlos Freitas, dá aqui a dica de como fazer isso:
"Na O2, utilizamos o Mac IIci como servidor de intranet. Ele não chega a conectar na Internet, mas chega bem perto, servindo email, FTP e os endereços HTTP internos (como freitas.o2filmes.com.br*) via MacDNS."*
"Com ele, resolvemos toda a comunicação interna da O2, não precisando usar mais mensagens escritas em papel. Qualquer nome externo é enviado ao DNS do servidor Internet (um Windows NT rodando o Wingate). Os acessos à Internet propriamente dita são feitos através do servidor NT, mas o DNS primário é o Mac."
"Os servidores rodando no IIci estão, na medida do possível, interligados com o outro servidor dedicado à Internet. O DNS repassa os pedidos que não consegue resolver, como qualquer endereço Internet. O único registro nele é dos endereços internos, cerca de quarenta (entre Macs, PCs, SGIs e máquinas de vídeo como a Accom).
"Todos os usuários têm dois setups de email: um que consulta a intranet e outro que consulta a Internet. No Mac, basta duplicar o Eudora Folder ou criar uma outra conta no Claris Emailer; já no PC é necessário duplicar a pasta do aplicativo todo, ou a coisa não rola."
"As contas de email são cadastradas em um servidor de email, o AIMS, da Apple mesmo. Nele estão as 30 contas da casa (espalhadas pelos setores de atendimento, produção, finalização, diretoria, administrativo etc.). A maioria dos usuários deixa seus programas de email (geralmente o Eudora) checando automaticamente a cada cinco minutos se chegou alguma mensagem. Nem todos ficam assim: alguns acabam deixando o programa fechado para economizar a memória dos vários Quadrinhas 605 com 8 MB de RAM, que são usados a mil."

Jukebox

Se você é daqueles que se ligam em arquivos MP3, por que não fazer de seu Mac um "MP3 Jukebox Player"? Assim, você poderá entulhá-lo de arquivos MP3, instalar um player como o MacAmp e deixá-lo em qualquer lugar da casa, tocando as suas músicas favoritas por horas a fio. Um CD-ROM cheio de músicas codificadas em MP3 pode ter a duração (na compressão mais comum, de 128 kb/s) cerca de 15 vezes maior que a de um CD típico, o que dá em torno de 18 horas de som contínuo!
Só é necessário que o jukebox seja um Power Mac de qualquer safra (Macs 68K não tocam arquivos MP3). Dá para usar a saída de áudio do Mac para ligá-lo no seu aparelho de som, por meio de um cabinho com um plug P2 estéreo de um lado e dois RCA do outro, encontrável em qualquer loja de acessórios eletrônicos.

É possível recauchutar seu Mac sem comprometer o leite das crianças...

Power Macs

Power Mac 8100

Ele foi anunciado em 1994 como o "mais rápido computador pessoal de todos os tempos" (uma frase que se repetiria a cada novo Power Mac lançado). Trazia o novo PowerPC 601, processador tipo RISC criado pela IBM e usado pela Apple até hoje e, certamente, ainda por um longo tempo no futuro. O gabinete é o mesmo do Quadra 800, sóbrio, com a frente de plástico e o resto em metal.

8100

O reinado do 8100 durou um ano, até a chegada do 9500/120. Hoje, o 8100 não é mais grande coisa, mas você ainda pode fazer com que ele recupere um pouco de sua majestade.

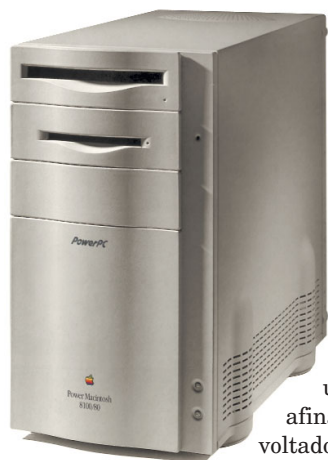
•Coloque pelo menos 64 MB de RAM, a fim de poder rodar o Mac OS 8.5. Os slots de memória do 8100 suportam até 264 MB, utilizando módulos SIMM de 80 ns e 72 pinos, que têm de ser instalados em pares.

•Com exceção dos modelos AV, o 8100 pode pular de 2 MB para 4 MB de VRAM, se você instalar quatro módulos de 512K.

•Instale uma placa Crescendo G3, da Sonnet, ou uma MAXpowr, da Newer, a fim de trazer seu 8100 para mais perto da atual geração de Macs G3.

•Arranje um drive de CD-ROM mais rápido. Pode ser interno ou externo.

•Adicione mais um drive SCSI de 3,5" na baia pré-cabeada, ou uma mídia removível tipo Jaz (interno ou externo).

•O 8100 tem uma porta HDI para telas de 16" ou menores, ou um conector DB-15 para outros monitores. Se você está usando este último, tire o cache L2 de 256K do slot e coloque um módulo de 1 MB para acelerar as tarefas gráficas. Se aumentar o cache custar mais do que metade do preço de uma placa aceleradora de vídeo, é melhor comprar a placa e plugar seu monitor nela em vez de usar o HDI-45. Assim, você consegue mais performance e mantém o cache. Caso o dinheiro esteja sobrando, você pode fazer as duas coisas: comprar uma placa de vídeo e aumentar a memória cache.

7300

Power Mac 7300

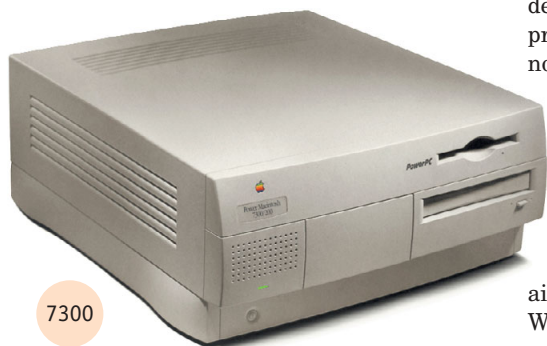
Lançado em fevereiro de 1997, o 7300 era rápido, com processadores PowerPC 604e de 180 MHz ou 200 MHz, e com preço razoável (tão razoável quanto o preço de um Mac poderia ser na época; afinal, Steve Jobs ainda não havia voltado). Um ano depois, veio a geração G3, que deixou o 7300 no chinelo. Mas não adianta chorar pelo leite derramado, até porque dá para dar uma boa turbinada nessa máquina.

•O 7300 aceita até 512 MB de RAM, utilizando módulos DIMM de 168 pinos e 70 ns ou mais rápidos. Isso é mais que suficiente para quase todos os mortais. Para rodar o Mac OS 8.5, coloque pelo menos 64 MB. Instalando os pentes de memória e mantendo a paridade dos bancos, você consegue melhorar a performance de 10% a 30%.

•Substitua o cache de 256K por um módulo de 512K ou 1 MB. Se você pretende instalar uma placa de upgrade G3, essa medida pode não valer a pena, pois talvez seja necessário retirar o cache.

•Se os 2 MB de VRAM não forem suficientes para você, é possível aumentar esse montante instalando módulos adicionais nos slots disponíveis. Assim, você poderá obter resolução de 1152 x 870 pixels com milhões de cores.

•Você pode substituir o processador PowerPC 604e de 180 MHz ou 200 MHz, que vem na placa-filha da CPU, por outro processador 604e mais rápido. Mas o melhor mesmo é adicionar uma placa de upgrade para G3.

•O HD de 2 GB pode ser suficiente para muitos usuários. Porém, para os colecionadores de software e usuários mais profissionais, ele pode ser pequeno demais. Se for esse o caso, adicione mais um drive SCSI de 3,5" à baia de expansão, que já vem pré-cabeada. Como o barramento SCSI suporta até 10 MB/s, é melhor usar um disco interno que um externo, pois o conector SCSI traseiro suporta apenas 5 MB/s. Se você tem slots PCI sobrando, ainda pode adicionar uma placa SCSI Wide, para obter maior transferência de dados *(leia o Bê-A-Bá sobre interfaces e conectores, nesta edição)*.

Uma memória para cada Mac

SIMM de 30 pinos
Plus, SE, SE/30; II, IIci, IIsi, IIvx; Classic, Classic II, Color Classic; LC, LC II; Performas 200/400/600

SIMM de 64 pinos
IIfx

SIMM de 72 pinos
Color Classic; LC III; Quadras 605/700/840AV/900/950; todos os Performas, menos 200/400/600 e 5400/6360/6400; todos os Centris; Power Macs 6100/7100/8100

DIMM de 168 pinos
Power Macs 4400, 5200, 5260, 5300, 5400, 6200, 6300, 6360, 6400, 6500, 7200, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600; G3 beges

SDRAM de 168 pinos
iMacs; G3 azuis

G3 azul e branco

Quem tem um G3 azul e branco tinindo de novo não precisa pensar em upgrade de hardware por um bom tempo, certo? Errado. Embora atualíssimo em termos tecnológicos, o novo G3 não vem com modem, e a falta de uma porta serial impede a utilização de um modem externo comum.

Adivinhe quem?

Para resolver esse problema, a Global Village tem o TelePort Internal 56K (R$ 477), um modem de 56 kbps compatível com o padrão V.90 *(leia o teste do modem Teleport Internal na página seguinte)*.

Processador novo

Quando chegamos ao terreno dos Power Macs, a idéia do upgrade é bem mais animadora. No mercado americano existe uma farta oferta de placas de upgrade de todos os modelos para o G3, o que realmente dá uma vida nova à sua máquina mais velha que vinha dando claros sinais de cansaço. Infelizmente, aqui no Brasil as opções não são tão fartas, para não dizer que são muito poucas.

Felizmente, uma das maiores fabricantes, a Newer Technologies, é representada no

Qualquer Mac antigo dá um ótimo servidor de intranet...

mercado brasileiro pela Passport. A Newer oferece a linha MAXpowr, com versões que servem para os Power Macs 6100, 7100 e 8100. Utilizando o slot PDS desses modelos, essas placas oferecem processadores G3 de 240 a 300 MHz, com cache de 512K ou 1 MB (para 7100 ou 8100).
São três modelos diferentes, com preços de R$ 1.930 (G3 240-266 MHz para 6100), R$ 2.394 (G3 240-266 MHz para 7100 ou 8100) e R$ 3.108 (G3 192-300 MHz para 7100 ou 8100).
A Newer também tem a linha MAXpowr para Macs 7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500 ou 9600, utilizando o slot PCI de seu Mac. O modelo mais básico tem 300 MHz e backside cache de 150 MHz com 512 KB. Já a placa mais potente oferece processador de 400 MHz e 1 MB de backside cache a 233 MHz.
Insira o produto no slot PCI, instale o painel de controle e a extensão fornecida e *voilà!* Um Power Mac que virou G3.
Assim como a velocidade de processamento, os preços variam bastante (de R$ 2.095 até R$ 3.745).
Mas se você tem aquele velho Performa que adquiriu em uma promoção, também é possível colocar nele um processador G3 de 300 ou 400 MHz. Para conseguir essa mágica, a Newer desenvolveu uma placa que se conecta ao slot de cache L2 dos Power Macs e Performas 5400, 5410, 5420, 5430, 5440, 5500, 6360, 6400, 6410, 6420 ou 6500. Os preços variam de R$ 1.940 até R$ 3.976.

A família MAXpowr ainda conta com placas para Macs G3, com velocidades que vão de 300 a 466 MHz e preços que variam de R$ 2.669 até R$ 3.745.
Você deve estar achando os preços dos produtos da Newer bem salgados e, realmente, está coberto de razão. Aqui no Brasil, eles estão quase três vezes mais altos do que os preços de lista americanos (o normal seria algo em torno de duas vezes).
A Passport diz que a culpa é dos altos impostos de importação e, provavelmente, também da Newer, que baixou seus preços lá fora e ainda não repassou a redução para as bandas de cá. Por isso, talvez valha a pena esperar um pouco para ver se os preços realmente diminuem para algo mais humano.

Crescendo grandão

A Sonnet Technologies é outra conhecida empresa que oferece placas de upgrades G3. Apesar de não ter um representante oficial no Brasil, algumas revendas e distribuidores estão trazendo para o Brasil os produtos da companhia. A Sonnet tem a linha de placas Crescendo G3/PCI, que abrange praticamente todos os modelos de Power Macs já lançados, inclusive para 5400, 5500, 6400, 6500; Performa 5400, 5410, 5420, 5430, 5440, 6360, 6400, 6410, 6420; e o 20th Anniversary Mac. Ela ainda tem outros produtos voltados para acelerar Macs mais antigos das linhas Quadra, LCs, Performa, Classic e Mac II.
No entanto, no mercado brasileiro será mais fácil encontrar a família Crescendo ou a Encore, com placas de 366 e 400 MHz, voltadas para os Macs G3. A Apple Store, por exemplo, está vendendo os modelos Crescendo G3 266 MHz e 300 MHz por R$ 1.400 e R$ 1.640, respectivamente. Essas placas servem em Macs 7300, 7500, 7600, 8500, 8515, 8600, 9500, 9515 e 9600, entre outros.

Transplante de cérebro

Mas não vá instalando uma placa de upgrade achando que vai ter performance igual à de um Mac G3 legítimo. Isso vale principalmente para o caso dos Performas. Embora o upgrade tenha o mesmo processador G3 dos Macs mais recentes, outros componentes de sistema – como memória RAM, barramento de sistema etc. – são diferentes. Independente disso, esse tipo de upgrade é um transplante de cérebro e pulmão para seu Mac, que irá pensar mais rápido e respirar mais livremente.
Outra coisa que você precisa ter em mente ao comprar uma placa de upgrade G3: o Mac OS X. Alguns produtos poderão ser incompatíveis com o novo sistema operacional que será lançado no ano que vem, e podem apresentar problemas até mesmo com o atual Mac OS 8.6 e com o 8.7, esperado para outubro. Por isso, informe-se com o revendedor ou com o fabricante sobre esses assuntos de compatibilidade antes de comprar algo. A menos que você queira ficar preso ao Mac OS 8.5 para o resto da vida.

Modem para G3 azul é rápido e fácil de instalar

Você é um dos felizardos que acabaram de aquirir um novo G3, com um superprocessador, um design lindo e tudo mais. Só tem um problema: ele não vem com modem. E não tem porta serial para acomodar seu modem velho. E até o momento não existem modems USB no mercado.
Se você está nessa situação, a única solução é adquirir o novo modem interno da Global Village, o Teleport Internal 56K.
Testado no laboratório da Macmania, a primeira conclusão a que se chega é que o mais difícil de tudo é desenroscar o parafuso da placa que tampa a porta do modem. É preciso retirar esse parafuso, que fica um pouco abaixo da porta do modem, segurando uma chapinha de metal. Feito isso, é só prender o cabo de conexão no modem e aparafusá-lo no mesmo lugar. Só depois disso prenda a outra ponta do cabo na placa-mãe e feche o G3. Muito cuidado com esse cabo: ele pode ser amassado se você não der uma empurradinha ao fechar a tampa do G3.

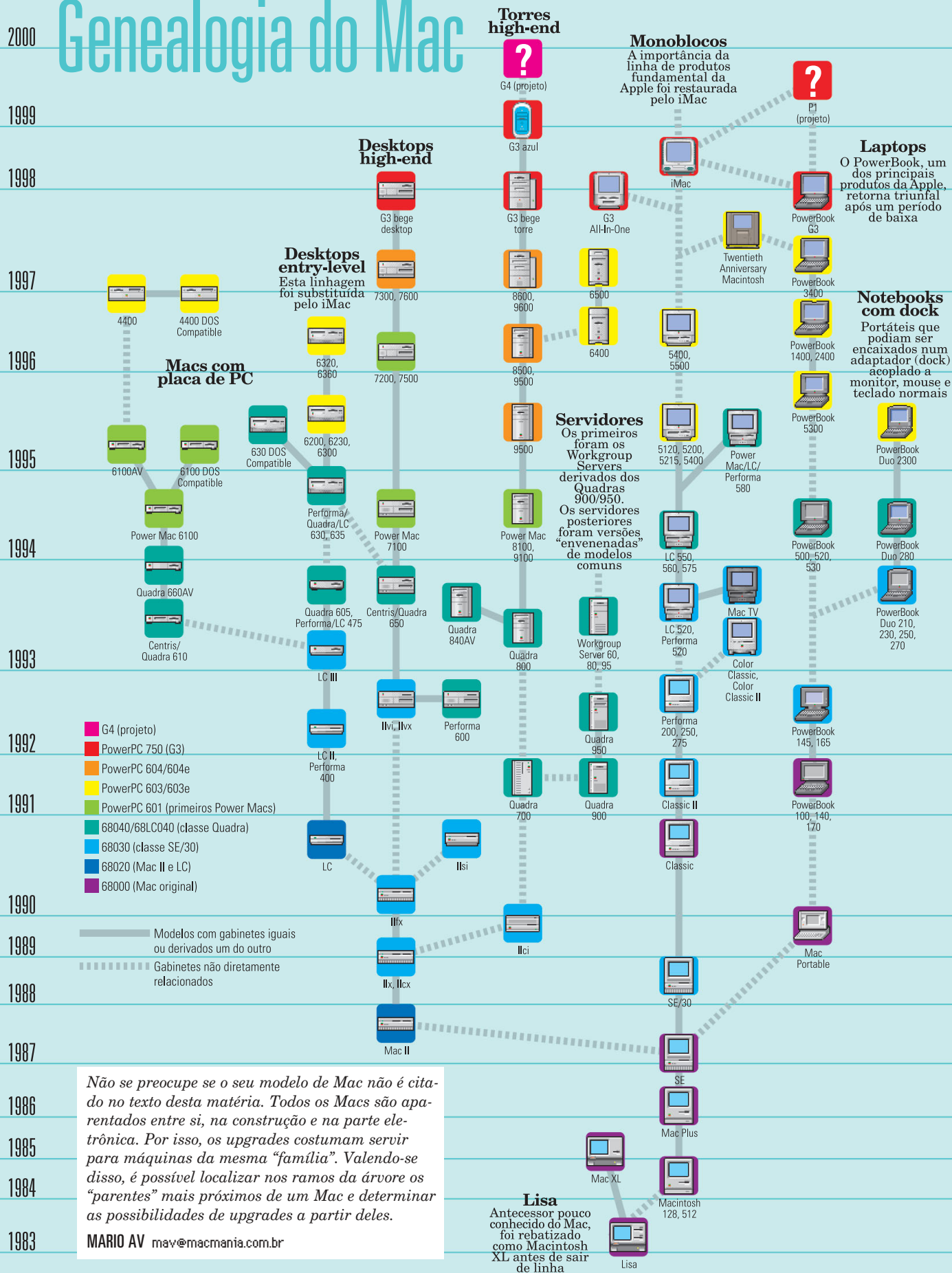
O modem vem com o GlobalFax Center, um software de fax muito simples de ser usado. Basta arrastar o documento que você deseja enviar para cima do ícone do programa, digitar o nome e o número da pessoa, e o resto é por conta dele. Se você não quiser instalar o programa de fax, pode selecionar a opção "customizada" e instalar apenas os scripts de conexão.
Comparado com o modem Supra 56K V.90 em uma mesma linha telefônica, o Global Village mostrou-se mais estável. Ao se conectar a um provedor com link de 56K, o Supra (ligado a um Power Mac 7300) conectou a apenas 33.600 bps (testado no 7300), enquanto o GV conectou a 48.000 bps. A diferença se reflete em downloads de 1 a 1,5 kbps mais velozes que os do modem Supra, ambos baixando um mesmo arquivo via browser.
Por ser o único modem atualmente compatível com os G3 azuis, você não tem outra opção. Mas, mesmo se tivesse, com certeza o GV 56K continuaria sendo uma boa pedida. Se há alguma ressalva a ser feita, é em relação ao preço. A quase R$ 500, o GV custa bem mais que outros modems de sua categoria. Mas, enfim, se você já gastou mais de R$ 5 mil no seu computador…

OCTÁVIO MARON oct@macmania.com.br

Onde encontrar: *Magna, (011) 3649-0888*
Preço: *R$ 477*

Seu Mac pode virar um jukebox, tocando música por horas a fio...

Não se preocupe se o seu modelo de Mac não é citado no texto desta matéria. Todos os Macs são aparentados entre si, na construção e na parte eletrônica. Por isso, os upgrades costumam servir para máquinas da mesma “família”. Valendo-se disso, é possível localizar nos ramos da árvore os “parentes” mais próximos de um Mac e determinar as possibilidades de upgrades a partir deles.

MARIO AV mav@macmania.com.br

Quem tem um G3 azul tinindo de novo também precisa de upgrade...

Peças de PC no Mac

Tudo que é para Mac é mais caro. Não adianta tapar o sol com a peneira, isso é verdade. O motivo básico é a falta de economia de escala, aliada ao custo de importação. Quem pode trazer um container cheio de periféricos de PC com certeza consegue um preço melhor que aquele importador que traz apenas algumas dezenas de peças para atender o mercado Mac.
Mas nem tudo é tristeza nessa área; gradativamente, o Mac foi ficando mais parecido com os PCs, adotando padrões da indústria como discos IDE, barramento PCI e conectores USB. Por isso, o fato é que nem sempre é preciso comprar componentes "para Macintosh" e pagar mais caro pela griffe.
Vários itens podem ser comprados em "queimas de estoque" de lojas pecezistas e depois instalados no Mac. Veja alguns deles.

Memória RAM

A primeira coisa a fazer é checar o tipo de memória que o seu Mac usa. Munido de informações como número de pinos, velocidade e voltagem da memória, é só ir à loja de informática mais próxima (ou a mais barata) e comprá-la.
Na maioria dos casos, aumentar a quantidade de memória RAM instalada em seu Mac é suficiente para ver uma sensível melhoria de performance, mas só até certo ponto. Não adianta entuchar seu Mac de memória, que ele não irá andar mais rápido. Se você utiliza o Mac OS 8.5, por exemplo, faça o upgrade para pelo menos 64 MB, o que é mais do que suficiente para tarefas básicas – instalar mais do que isso não vai mudar muito o desempenho do Mac. Para gamemaníacos, pilotos de Photoshop e usuários profiças, a regra é o contrário: RAM nunca é demais.

Disco rígido

Discos rígidos também são independentes da plataforma. Donos de Macs antigos (68K e os primeiros Power Macs) podem penar um pouco para encontrar discos SCSI para colocar internamente. Se esse não é o seu caso, não tem problema: discos IDE são encontrados em qualquer esquina. Não dá para viver sem HD. Se seu disco interno é pequeno demais para suas necessidades (ou muito lerdo), é chegada a hora de sacar seu talão de cheque ou cartão de crédito e comprar um novo. Se seu Mac tiver espaço interno, é possível adicionar mais um HD e manter o outro. Se não, será preciso substituí-lo, mesmo. Você pode adquirir um disco interno SCSI de 4 GB por cerca de R$ 820. Se não for suficiente, o negócio é partir para um de 9 GB, que custa em torno de R$ 1.500. Considere também uma mídia removível como o Iomega Jaz, com cartuchos de 2 GB, que está na faixa de R$ 1.600.

Placa de vídeo

Existem duas formas de acelerar a performance gráfica de seu Mac. A primeira é aumentar a VRAM (memória de vídeo), para permitir maior resolução de tela e aumentar o número de cores que podem ser visualizadas (para milhares ou mi

Upgrades de CPU para G3

Placa	Em quais Macs serve	Preço (R$)
Sonnet Crescendo G3 266 MHz	7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600	1.400
Sonnet Crescendo G3 300 MHz	7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600	1.640
Newer MAXpowr 266 MHz	6100	1.930
Newer MAXpowr 266 MHz	7100, 8100,	2.394
Newer MAXpowr 300 MHz	7100, 8100	3.108
Newer MAXpowr 300 MHz	7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600	2.094
Newer MAXpowr 300 MHz 512K cache	7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600	2.668
Newer MAXpowr 300 MHz 1 MB cache	7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600	3.185
Newer MAXpowr 400 MHz	7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500, 9600	3.745
Newer MAXpowr 300 MHz	G3	2.668
Newer MAXpowr 366 MHz	G3	3.185
Newer MAXpowr 400 MHz	G3	3.503
Newer MAXpowr 466 MHz	G3	4.259
Newer MAXpowr 300 MHz	5400, 5410, 5420, 5430, 5440, 5500, 6360, 6400, 6410, 6420, 6500	1.937
Newer MAXpowr 400 MHz	5400, 5410, 5420, 5430, 5440, 5500, 6360, 6400, 6410, 6420, 6500	3.976

Os preços listados são a média dos valores da primeira quinzena de junho e variam com o dólar.

Outras peças para seu

Memórias RAM

Tipo de memória	MB	Preço (R$)
72 pinos SIMM	4	4
	16	69
72 pinos DIMM (para Power Macs antigos)	8	29
	16	69
	32	185
168 pinos DIMM (para Power Macs não-G3)	16	76
	32	180
	64	385
168 pinos SDRAM (para G3 beges)	16	80
	32	180
	64	385
	128	508
	256	1.648
168 pinos SDRAM (para G3 azuis)	64	283
	128	510
	256	1.800
144 pinos SDRAM (para iMacs)	32	145
	64	330
	128	540

Memórias cache

Tipo	Preço (R$)
256K 6400	119
256K 7200/120	119
256K 7500/8500	119
512K 6400	169

Placas de vídeo

Tipo	Preço (R$)
VRAM 1 MB 7500/8500	79
VRAM 1 MB PDS 7100	69
VRAM 4 MB G3	147
Placa AV com kit Power Mac 6100	99
ATI 4MB XClaim 3D RAGE	500
ATI VD 8MB XClaim 3D RAGE	760

Placas SCSI

Tipo	Preço (R$)
SCSI PCI 2906 Kit	175
SCSI PCI 2940UW Mac Kit	1.420
SCSI PCI Jaz Jet	80

lhões de cores). Até há relativamente pouco tempo, os Macs vinham com pouca memória de vídeo e só podiam mostrar 256 cores. Isso é péssimo para fazer qualquer coisa que não seja digitar texto. Para os Power Macs mais antigos, o preço de 1 MB de VRAM varia de R$ 70 a R$ 80. Para os G3 bege, o módulo de 4 MB sai por R$ 147, proporcionalmente mais em conta. A outra saída é adquirir uma placa de vídeo separada. Isso é recomendado principalmente para os gamemaníacos e usuários profissionais que querem melhorar a performance dos gráficos 3D. A utilização de uma aceleradora de vídeo também melhora o desempenho dos Macs que têm circuito de vídeo onboard (na própria placa-mãe), uma vez que ele passa a não ser mais responsável pelas tarefas relacionadas a vídeo e a máquina pode dedicar o poder de processamento de CPU para outras tarefas. Uma placa ATI RAGE de 4 MB sai por volta de R$ 500, enquanto que a de 8 MB custa mais ou menos R$ 760.

Placa 3D

Desde o Performa 6400, os Macs vêm com um chip de aceleração 3D ATI RAGE embutido na placa-mãe. Mesmo assim, proprietários de Macs PCI interessados em obter o melhor desempenho possível em games como Quake e Unreal precisam de uma placa de aceleração gráfica. A mais popular, tanto no Mac quanto no PC, é a Voodoo II. Existem três fabricantes de placas Voodoo II específicas para Mac: a TechWorks (Power3D), a VillageTronics (Picasso Overdrive) e a MicroConversions (GameWizard). A má notícia é que essas placas são bem mais caras que as similares para PCs, sem contar a dificuldade em se obter uma aqui no Brasil.
É possível utilizar uma placa Voodoo de PC no Mac, mas para isso você precisa conseguir um dos drivers "não-oficiais" que circulam pela Internet *(falaremos detalhadamente sobre isso na próxima edição).*
Qualquer Mac se beneficia com uma placa Voodoo; entretanto, um mínimo de velocidade de CPU é necessário para que o sistema consiga enviar as informações com eficiência para a placa. Placas Voodoo II são um bom investimento para quem tem Macs com chip 604e ou Power Macs G3 bege. Para usuários de 603e, uma Voodoo I é suficiente. Pouco ganho, se algum, será obtido com uma Voodoo II. Quem tem um G3 azul não precisa se preocupar com aceleração gráfica. A RAGE 128 embutida nesses Macs é equivalente a uma Voodoo II.

Modems

A única diferença entre um modem de Mac e um de PC é o conector que liga o periférico ao micro *(ver o Bê-A-Bá desta edição).* Teoricamente, bastaria comprar um cabo de modem para Mac para ligar um modem de PC nele. Dizemos teoricamente porque, para que ele funcione, também é necessário que exista um script de modem compatível. A US Robotics tem o seu tradicional modelo Sportster 56K, que custa em torno de R$ 480. A Diamond oferece a família Supra Express, que é um pouco mais barata, com opções que vão de R$ 330 a R$ 370, todas de 56 kbps. Na mesma faixa de preço está o modelo de 56 kbps da Best Data.

Outros upgrades

Placa SCSI

A porta SCSI do Mac oferece taxa de comunicação máxima de 5 MB/s, enquanto que internamente essa velocidade vai a 10 MB/s. No entanto, alguns usuários podem precisar de um placa mais rápida, para aplicações específicas como áudio e vídeo, com taxas de 20 MB/s para cima. Já quem comprou um G3 azul e quer conectar um Zip, um scanner ou um gravador de CD, também vai precisar de uma placa SCSI, pois as novas máquinas da Apple vêm apenas com conectores USB e FireWire. Para ambos os casos, existe uma variedade de modelos com preços que vão de R$ 80 até R$ 1.500. É claro que, quanto mais rápida for a performance, maior será o preço.

Placa de rede

Se o seu Mac precisa estar conectado a uma rede local, mas a porta AppleTalk é lenta demais ou inviável, o melhor mesmo é arranjar uma placa Ethernet. As placas Ethernet podem ser encontradas por preços a partir de R$ 160.

Cache L2

Alguns modelos de Mac permitem o upgrade da memória cache, uma espécie de RAM muito rápida onde são armazenadas as instruções executadas mais freqüentemente pelo processador. Aumentando o cache, você deixa seu Mac um pouco mais rápido. O preço dos módulos vai de R$ 119 (256K) até R$ 169 (512K), e eles podem ser achados em várias revendas. **M**

MÁRCIO NIGRO
mnigro@magnet.com.br
É músico e tem um 8600 seco para ganhar uma placa de upgrade G3.
*Colaborou LUÍS CARLOS ZARDO

Onde encontrar

MacMouse: *(011) 280-5523*
Apple Store: *(011) 535-6161*
Magna: *(011) 3649-0800*
Caps: *(011) 5505-1699*
MGI (MacAlly): *(011) 287-0448*
Passport: *(061) 344-0550*

Mac

Periféricos USB

Tipo	*Preço (R$)*
MacALLY iMouse	*89*
MacALLY iHub com quatro portas	*229*
MacALLY Extended Keyboard	*138*
Imation SuperDisk	*449*
Iomega Zip 100 MB	*449*
Belkin cabo paralela/USB	*152*
Belkin PL PCI Busport	*114*
Belkin Hub Express com quatro portas	*180*
InfoWave PowerPrint	*290*

Modems

Modelo	*Preço (R$)*
US Robotics Sportster 56K	*480*
Diamond Multimedia SupraExpress 56K externo	*330*
Diamond Multimedia SupraExpress 56K SpeakPhone	*365*
Diamond Multimedia SupraExpress 56K V.90 ITU	*345*
Best Data 56 K	*365*
Global Village 56K V.90 (para G3 azuis)	*477*

Placas Ethernet

Tipo	*Preço (R$)*
10/100Base-T	*175*
LC PDS	*175*
Asanté RD 10/100 NuBus	*658*
Asanté RD 10BT PCI 100 Mbps	*165*
MacSense Combo PCI 100 Mbps	*250*

Discos rígidos internos

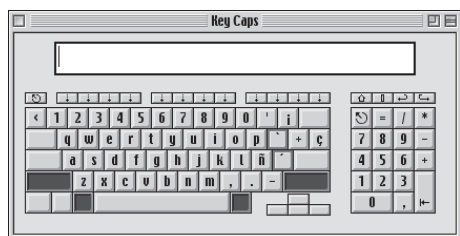
Tipo	*Preço (R$)*
HD SCSI 4 GB	*825*
Cheetah Ultra Wide SCSI 9 GB	*1.485*

Este teclado é pequeno demais para nós dez...

Facilite sua vida com um Del em seu teclado

O iMac, a despeito do que pensa Steve Jobs, não é um computador perfeito. Alguns usuários reclamam da falta de disquete, do mouse redondo, da virtual impossibilidade de se fazer um upgrade. Mas, com certeza, um dos detalhes que mais incomodam os usuários é o teclado diminuto, onde faltam algumas teclas muito úteis no teclado expandido, com o qual muita gente já se acostumou. Teclados sempre foram um problema para o Mac no Brasil. A falta de um teclado genuinamente nacional – que siga as regras da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), como é comum nos PCs – já fez muita gente achar o Mac mais difícil que o Windows. Quem nunca se embatucou na primeira vez que teve que digitar Option E para conseguir um simples acento agudo?

¿Teclas español?

Para complicar um pouco mais a coisa, a Apple Brasil passou a vender por aqui recentemente iMacs destinados ao mercado latino-americano, com teclas em espanhol. Como qualquer teclado, você acaba se acostumando com ele, mas que é estranho, é.

Teclado em español, mais problemas nos iMacs

Felizmente, é muito fácil mudar a combinação das teclas no Mac OS. Dentro da maleta System, no System Folder, existem vários documentos, os chamados layouts de teclado. São eles que dizem que caractere vai aparecer quando você apertar determinada tecla. O sistema traz dezenas de layouts para diversas línguas, do inglês ao norueguês, passando pelo finlandês. E não é tão complicado alterar um desses layouts para se adequar ao seu gosto pessoal.

Delete para a frente

Você pode até se acostumar com o teclado espanhol, irlandês ou coreano. O que realmente não dá para se acostumar é com a falta de uma tecla que você costumava usar e que não existe no seu novo e moderno iMac. Estou falando da tecla Del, também conhecida como "delete pra frente", que não existe no iMac (e também não existia nos Macs mais antigos). Quem já se acostumou com ela acha tenebroso ter que usar o mouse para colocar o cursor após o texto só para deletá-lo.

Para sanar esse problema, resolvemos criar um layout onde a tecla Num Lock/Clear (que ninguém usa mesmo) funcione como se fosse a tecla Del do teclado Extended. O layout está disponível no site da Macmania para a versão da Apple Brasil (BrasilKbd) e para a versão desenvolvida nos laboratórios da Macmania, que é compatível com o QuarkXPress.

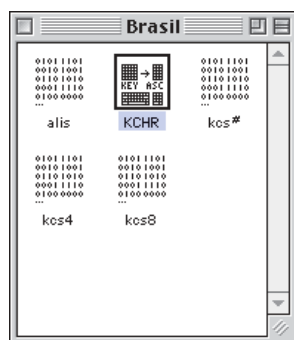
Mude seu layout de teclado

Modificar um layout de teclado até que não é difícil. Basta ter um programa como o ResEdit ou o Resorcerer. Conhecidos como editores de recursos, esses programas permitem mudar características de programas ou até mesmo do Mac OS.

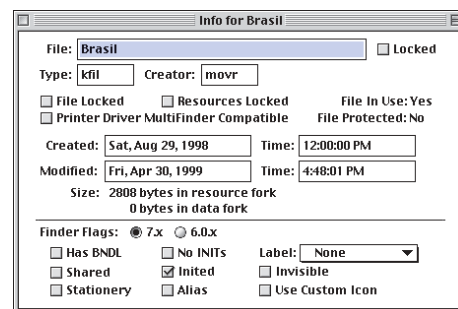
Antes de começar, é bom lembrar que esses programas exigem muito cuidado. Só os utilize em cópias, nunca no arquivo original.

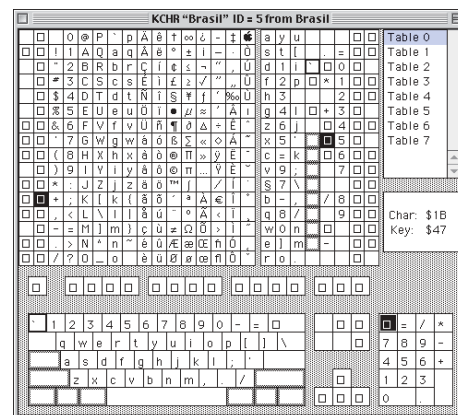
Agora veja como foi feita a modificação que permite o uso do "delete pra frente" no iMac.

1 Copie o layout de teclado que você quer modificar de dentro da maleta System para o seu Desktop (arraste-o enquanto segura Option). Nós utilizamos o teclado Brasil, disponível no site da Macmania. Se você quiser utilizar o teclado que usa normalmente, terá que desselecioná-lo no painel Keyboard, pois o teclado em uso fica invisível na maleta System.

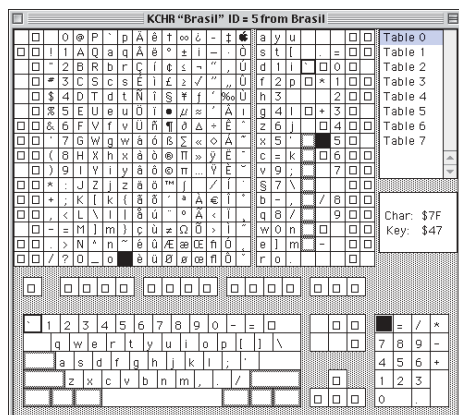
KCHR, onde tudo começa

2 Abra o layout no ResEdit. Você verá vários ícones dentro de uma janela. Clique duas vezes no ícone KCHR. Vai aparecer outra janela com outro item (no nosso caso, "Brasil"). Dê outro clique duplo.

3 Você vai ver uma janela com um teclado na parte inferior e uma tabela de caracteres na parte superior. Se você pressionar qualquer tecla, ela irá aparecer marcada no teclado e na tabela de caracteres.

4 Antes de começar a modificar, temos que checar se o arquivo está trancado *(locked)*, ou seja, se ele não pode ser modificado. Para isso, clique no menu File ▸ Get Info for Brasil. Nessa janela você verá todas as qualidades do arquivo. Verique se a caixa *locked* está marcada. Se estiver, desmarque-a e feche a janela, salvando-a.

Destrave o teclado para editá-lo

5 Em um iMac, a coisa se torna um pouco mais complicada, porque nós não temos a tecla Del para utilizar como base, então será preciso um pouco mais de atenção. Aperte a tecla Num Lock/Clear. Você verá que ela aciona dois quadradinhos na tabelinha superior.

Antes da mudança, o Clear tem um quadradinho

6 A função de delete pra frente é normalmente mapeada no oitavo quadradinho da esquerda pra direita, na última linha da tabela da esquerda (entre a letra *o* e a *è*).

7 Arraste o quadradinho para cima do Clear, que ele se transformará na tecla Del.

É assim que tem que ficar

8 Salve o arquivo, renomeie como "iMac Brasil", por exemplo, e coloque-o de volta na maleta System. Simples, não?

OCTÁVIO MARON

oct@macmania.com.br

É webmaster e está super feliz só por não ficar mais ouvindo a sua tia reclamar do teclado.

Onde encontrar

ResEdit: www.macdownload.com

Resorcerer: www.mathemoesthetics.com

O que você quer no próximo iMac? Quais as características faltam no iMac e a Apple deveria colocar na próxima versão?

- Novas cores
- Processador G4
- Drive de disquete
- Zip Drive
- Drive de DVD
- Porta FireWire
- Porta SCSI
- Slot PCI
- Monitor de 17"
- Teclado e Mouse tradicionais

A Macmania quer saber a sua opinião. Vá até nosso site no ZAZ e vote. O resultado da pesquisa será divulgado na próxima edição.

Macmania: www.macmania.com.br

HP lança novas inkjet

A Hewlett-Packard lançou no começo de junho duas impressoras equipadas com USB e compatíveis com o iMac. O principal atrativo das **HP DeskJet 810 e 812C** é o preço, posicionado agressivamente em US$ 199. O objetivo é atingir os usuários domésticos. As HP DeskJet 810/812C trazem também uma porta paralela, podendo ser compartilhadas entre um Mac e um PC. Ambas têm velocidade de 6,5 páginas por minuto em preto e branco e 4,5 no modo colorido. Ainda não há previsão sobre quando as impressoras chegarão ao Brasil.

Hewlett-Packard: www.hp.com

Sai Firmware Update 1.2

A Apple colocou em seu site o **iMac Firmware Update 1.2**. Segundo a companhia, a atualização deve ser instalada em todos os iMacs para prevenir problemas durante o startup do computador. Ou seja, se você tem um iMac, faça a atualização. O update de firmware é indicado principalmente para as unidades usadas como clientes em ambientes NetBoot, uma vez que incrementa o suporte a NetBooting e melhora o Open Firmware para Mac OS X Server. O update ainda corrige uma condição rara segundo a qual montantes de SGRAM acima de 2 MB podem não ser identificados corretamente durante o startup. Essa atualização incorpora também o software iMac Firmware Update 1.1, para quem ainda não fez o update anterior.

Apple: www.apple.com

Ariston lança câmera USB

A Ariston Technology anunciou mais quatro novos produtos USB. A câmera digital **iSee** permite que você capture, salve, imprima e veja vídeos de alta qualidade em seu iMac. Ela também pode ser utilizada para videoconferência, video mail e monitoração de segurança – é possível adicionar lentes de 8 mm ou uma grande angular de 3,6 mm. Outro produto é o **iView**, um dispositivo para captura de vídeo a 30 quadros por segundo e resolução de 160 x 120. Por fim, a Ariston apresentou o iFloppy. Como o próprio nome diz, é um drive de disquete USB para quem ainda acredita que essa mídia serve para alguma coisa. A disponibilidade e os preços ainda não foram divulgados.

Ariston: www.ariston.com

Vendas de iMac caem em abril

O **iMac Bondi Blue com chip de 233 MHz** ainda é o computador mais vendido da Apple. Nos Estados Unidos ele está custando cerca de US$ 900, enquanto os iMacs coloridos de 266 MHz têm preço de US$ 1.200. Isso não é por acaso. O mês de abril revelou que o iMac já não se encontra mais na lista dos cinco computadores mais vendidos no mercado americano, posição que ocupava desde seu lançamento em agosto de 1998. O iMac azul-esverdeado foi o sétimo computador mais vendido no mês passado, enquanto que as versões coloridas ficaram com a 11ª posição, com os "sabores" amora e uva liderando a turma dos novos iMacs.

A explicação da Apple para o fato é que, em abril, a empresa estava fazendo a transição dos modelos de 266 MHz para os de 333 MHz. Mas a explicação de muitos analistas é outra: os consumidores estão dando preferência para as máquinas mais baratas.

Epson 740 agora é translúcida

A febre de periféricos translúcidos e coloridos provocada pelo iMac continua. Desta vez foi a Epson, que lançou novamente a **Epson 740 USB**, sua jato de tinta de 1400 dpi, só que agora nas cinco cores do iMac. Rebatizada como Epson 740i, ela já está disponível nos EUA em cinco sabores (os mesmos dos novos iMacs) e deve chegar em breve ao Brasil. Além de USB, a Epson 740i também funciona em portas seriais de Mac e paralelas de PC, agradando a todos e podendo colorir o ambiente bege.

Epson: www.epson.com

Ligando o iMac na TV

A Focus Enhancements anunciou o **i-TView** e **i-TView Gold**, que a empresa afirma serem "as únicas soluções para ligar o iMac em uma TV". Com esses produtos, os usuários de iMac podem conectar a saída de vídeo do computador a qualquer televisor, o que pode ser uma boa principalmente para salas de aula e outros tipos de apresentação.

O i-TView e o i-TView Gold convertem resoluções de 640 x 480 até 1024 x 768 para os padrões NTSC ou PAL, fazendo a saída direta para qualquer TV via conexões Composite, S-Video ou SCART. Ambos os modelos já vêm com visual iMac e incluem o coprocessador de vídeo digital da companhia, o FS300, que procura produzir as imagens mais nítidas e estáveis possíveis.

O i-TView e i-TView Gold serão lançados em junho nos EUA ao preço de US$ 199 e US$ 269, respectivamente.

Focus Enhancements: www.focusinfo.com

USB para Macs PCI

Quem disse que USB é coisa de Mac de última geração? A Entrega Technologies anunciou kits de upgrades USB para Mac mais antigos, oferecendo versões de duas e quatro portas juntamente com drivers para sistemas PowerPC com slots PCI e utilizando o Mac OS 8.1 ou superior. Essa é uma alternativa muito boa para quem quer aproveitar a invasão dos periféricos USB, que começaram a aparecer após o sucesso de vendas dos iMacs e, agora, dos novos G3. O kit com quatro portas USB inclui uma placa PCI-para-USB e conectores externos USB ao preço de US$ 49.95. Já o modelo de duas portas sai por US$ 39,95, ambos os preços no mercado americano.

Entrega Technologies: www.entrega.com

Conectores de cabo a rabo

Entenda porque o mundo está cheio de padrões de conexão

A linguagem técnica do submundo da informática sempre foi um estranho dialeto meio-inglês-meio-português recheado de um monte de letras e números aparentemente sem nenhum sentido. Exemplo clássico disso são os padrões de cabos e conectores dos Macs – e dos computadores em geral –, que formam uma grande sopa de letrinhas capaz de deixar confusos até usuários experientes. Em vez de escolher um nome simpático, ou pelo menos um apelido, os engenheiros preferem usar acrônimos como ADB, SCSI, USB, IDE, IEEE 1394, SSA. Quantos podem dizer com segurança que sabem como funciona cada um desses padrões de conexão?

Na verdade, todas essas interfaces servem para transferir dados de um dispositivo para outro. O que determina a sua aplicação é a velocidade, número de dispositivos e confiabilidade. Para tornar tudo isso mais claro, vejamos quem é quem nessa história de tira-daqui-conecta-ali.

ADB

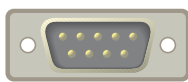
Comecemos com as nossas velhas conhecidas que logo, logo serão coisas do passado. Transmitindo dados à modesta velocidade de 300 kbps (kilobits por segundo), a porta de comunicação ADB (Apple Desktop Bus) serve basicamente para conectar o teclado e o mouse ao seu Mac, embora seja possível ligar até 16 dispositivos (tablets etc.) a uma dessas portas, desde que cada um deles tenha entradas e saídas e que o mouse seja a última coisa da cadeia. No iMac a porta ADB nem existe mais. Os novos G3 azuis ainda preservaram a bendita, mas não deverá durar muito.

Mini DIN 4

Seriais

As portas de modem e de impressora também podem ser chamadas de portas seriais ou de comunicação.

A porta serial do Mac (RS-422) é basicamente igual à do PC (RS-232), mudando apenas o conector: em vez do DB9, achatado, o Mac usa o Mini DIN, redondo. Como os dois padrões seriais são praticamente a mesma coisa, quando periféricos seriais de PC não funcionam em Mac ou vice-versa, geralmente é por falta de drivers. Porém, um modem, por exemplo, pode funcionar tanto numa quanto noutra plataforma.

Apesar de serem comumente chamadas de portas de modem e de impressora, as seriais não servem exclusivamente para esses tipos de dispositivos. Equipamentos como câmeras digitais, módulos MIDI e agendas pessoais também podem utilizar esse padrão de comunicação.

DB9

A velocidade máxima da porta serial dos Power Macs (GeoPort) gira em torno de 1,5 Mbps, desde que seja sincronizada externamente. É até possível conectar mais de um equipamento por porta, mas eles não podem ser utilizados simultaneamente.

Mini DIN 8

Nos iMacs e nos novos G3, as portas seriais foram substituídas pelas portas USB, que são mais rápidas e permitem a conexão de vários dispositivos funcionando ao mesmo tempo.

Paralela

Se você tem um Mac e não quer ver um PC na sua frente, nem precisa se preocupar com portas paralelas, pois elas não existem nos Macs e, futuramente, deixarão de existir nos PCs. Muita gente confunde a porta paralela do PC com a SCSI, porque os conectores (C50M e DB25) são os mesmos, mas a SCSI é bem mais rápida e aceita vários dispositivos. As portas paralelas são usadas para conectar impressoras, scanners e drives removíveis que não necessitam de grande velocidade de comunicação, suportando de 0,15 a 3 Mbps (megabits por segundo).

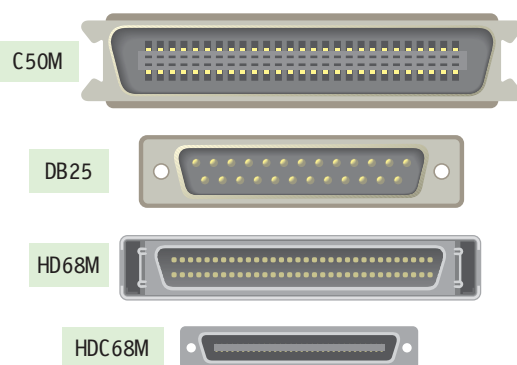
SCSI

O padrão SCSI (abreviação de Small Computer System Interface) foi criado nos anos 80 por um órgão público, o ANSI (American National Standards Institute), e desde então tem tido sucessivas reencarnações, com velocidades cada vez maiores. O padrão básico é o SCSI-1, utilizado em praticamente todos os Macs e comum em scanners, Zip Drives e HDs, entre outros dispositivos. No entanto, o conector presente na traseira do Mac é o DB25, e não o C50M, comum na maioria dos periféricos e nos PCs. Por isso, é comum usar um cabo com DB25 de um lado e C50M do outro.

O SCSI-1 oferece taxa de transferência de 5 MB/s e suporta até oito dispositivos simultâneos. É exigida a colocação de um plug especial, o terminador passivo, no conector livre do último dispositivo da cadeia.

O formato SCSI-2 também é bastante comum, sendo utilizado em diversos HDs, scanners, drives de CD-ROM e CD-R, além de mídias removíveis como o Jaz, da Iomega. As únicas diferenças em relação ao SCSI-1 são o conector de 50 pinos de alta densidade (HD), também podendo-se utilizar os de baixa densidade, e a transferência de dados a 10 MB/s. É totalmente compatível com o padrão anterior.

O Fast Wide SCSI, ou apenas Wide SCSI, por sua vez, oferece comunicação a 20 MB/s, suporta até 16 dispositivos e pode ser encontrado em discos de alta performance, servidores e sistemas de segurança de dados (RAID). É compatível com o SCSI-1/2, mas misturar dispositivos desses padrões com o SCSI Wide não é boa idéia, pois toda a cadeia SCSI fica mais lenta.

Só para confundir um pouco mais, existem seis outros tipos de SCSI (Ultra, Wide Ultra, Ultra2, Wide Ultra2, Ultra3 e Wide Ultra3), que alcançam velocidades de até 160 MB/s e utilizam conectores de 68 pinos de alta densidade (HD68M e HDC68M).

IDE/EIDE/ATAPI/DMA

Até alguns anos atrás, mais precisamente com a chegada da linha Performa, essas siglas todas não significavam nada nos Macs, uma vez que os discos rígidos utilizados até então eram todos SCSI. Não adianta procurar conexões externas desse tipo em seu Mac, porque elas são usadas apenas para HDs e drives de CD-ROM internos. O cabo é um tipo de fita, semelhante ao do SCSI interno. Padrão em todos os PCs – e, agora, nos novos Macs –, os dispositivos IDE podem ter taxas de transferência de 3,3 MB/s (megabytes por segundo), nos mais antigos, até 33, nos mais recentes e caros, conhecidos como UltraDMA.

USB

Criado pela Intel, o padrão USB (Universal Serial Bus) vem sendo divulgado há anos, mas só recentemente começamos a ver uma maior quantidade de periféricos desse tipo nas lojas – em grande parte, devido ao sucesso do

As principais interfaces

Por ordem crescente de velocidade

	Velocidade (Mbps)	Número máximo de dispositivos	Extensão máxima por segmento (m)	Extensão máxima total (m)
Serial	0,25	1	–	–
GeoPort Serial	1,5	1	–	–
Paralela EPP/ECP	3	4	10	–
SCSI-1	5	8	–	6
SCSI-2 Fast	10	8	–	3
USB	12	127	5	–
SCSI-2 Wide	20	16	–	3
SCSI-3 Ultra (Narrow)	20	8	–	1,5
IDE (Ultra DMA/33)	33	2	–	–
SCSI-3 Ultra Wide	40	16	–	1,5
Ultra2 SCSI	40	8	–	12
IEEE 1394 (FireWire)	40	63	4,5	72
Ultra2 Wide SCSI	80	16	–	12
Ultra3 SCSI	80	8	–	12
Ultra3 Wide SCSI	160	16	–	12
FC-AL (Fibre Channel)	400	126	–	10 km

iMac, que obrigou muitas empresas a tomar vergonha na cara e adotar o padrão de vez. No PC, o USB é o substituto oficial das velhas interfaces serial e paralela. Desde a sua concepção inicial, a idéia é oferecer um meio para que quaisquer periféricos possam ser conectados a qualquer computador, permitindo auto-identificação e auto-configuração (Plug and Play) dos dispositivos. O USB tem taxa de transferência de até 12 Mbps e suporta até 127 periféricos por porta, os quais podem ser alimentados a partir do próprio cabo de conexão. Outra grande vantagem é o fato de ser possível conectar qualquer dispositivo com o computador ligado.

B

A

Os conectores (conhecidos simplesmente como A e B) são muito pequenos e elegantes.

IEEE 1394 (FireWire)

A interface oficialmente chamada IEEE 1394 é conhecida pelos mac-maníacos como FireWire. Mas, como esse nome é licenciado pela Apple (a criadora do padrão), outros fabricantes usam nomes substitutos, como "1394" (Adaptec) e "i.Link" (Sony). A interface está caminhando rapidamente para se tornar padrão na indústria de câmeras de vídeo digitais, DVD players, mídias de armazenamento, impressoras e scanners.

Conector de 6 pinos

Com minúsculos e práticos conectores de quatro e seis vias, o FireWire suporta até 63 periféricos e oferece taxa de transferência de até 50 MB/s. Um equipamento FireWire pode ser conectado ligado e pode ser alimentado pelo próprio cabo de conexão.

Além disso, o FireWire pode transmitir dados de forma isócrona, isto é, com velocidade pré-definida e independente do que mais estiver sendo transmitido pela rede. Essa característica é o que o torna ideal para transmissões de dados em tempo real, como é o caso das camcorders digitais. Não por acaso, esse foi o primeiro (e, por enquanto, único) mercado em que o FireWire "pegou" forte. Sony, Matsushita e Kodak têm câmeras digitais que usam a nova tecnologia e a Philips vai adotá-la como interface universal para produtos digitais de consumo.

A indústria de computadores, por outro lado, tem sido relutante em adotar o padrão. Fora os Power Macs G3, a interface é item de série em pouquíssimos computadores, como os PCs da linha VAIO da Sony.

O FireWire não é visto pelos pecezistas como item de uso geral, ao contrário do USB. Além disso, a Intel vem tentando, nos últimos tempos, restringir o FireWire ao nicho de vídeo com o seu USB-2, uma versão acelerada do USB.

Uma revisão do padrão (IEEE 1394B) está sendo discutida e poderá oferecer transferência de dados a 200 MB/s. Eventualmente, ele será incluído nas placas-mãe para substituir o SCSI. Recentemente, foram lançados nos EUA discos rígidos FireWire, que têm como maior vantagem o fato de não necessitarem de fonte de força, podendo ser transportados facilmente.

Fibre Channel

Até o momento, é esse o padrão de conexão mais rápido disponível comercialmente, chegando a 400 MB/s (com a promessa de atingir 1 GB/s) e suportando até 126 dispositivos conectados. Porém, não faz parte da vida dos usuários normais.

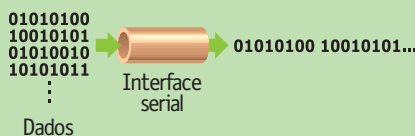
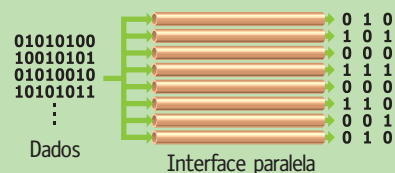
Fibre Channel é o único padrão que inclui a fibra óptica, além do fio de cobre, como meio de transmissão.

DB4

Graças às propriedades da fibra óptica, um cabo pode atingir 10 km de extensão, ao contrário dos outros padrões, nos quais os cabos freqüentemente não podem ter mais do que cinco metros. Aceita diversos esquemas de conexão e freqüentemente é chamado pelo nome do esquema de conexão mais conhecido, FC-AL (Fibre Channel-Arbitrated Loop).

O Fibre Channel é indicado para ambientes de rede que necessitem altíssima performance para armazenamento massivo de dados em servidores, ou em mídias externas acessíveis pelos protocolos SCSI e IP.

Serial e paralela: qual é a diferença?

Impressoras, modems e muitos outros dispositivos podem se conectar a interfaces seriais ou paralelas. Mas o que isso significa, exatamente? A comunicação paralela significa que o equipamento recebe mais de um bit por vez, simultaneamente, enquanto na serial os bits só podem ser recebidos um de cada vez, seqüencialmente.

Paralela

A porta paralela de PC normalmente tem um conector de 25 pinos (DB-25). O dispositivo pode ter um conector desse padrão ou de um outro de 50 pinos, o Centronics (C50M), assim chamado porque o desenho original da interface paralela foi feito pela empresa com esse nome. A interface Centronics dos PCs é usada para conectar impressoras, alguns scanners e drives de mídia removível, como o Zip Drive.

O tipo de porta paralela mais recente, baseado num projeto desenvolvido pela Epson, é chamado de EPP (Enhanced Parallel Port) ou ECP (Extended Capabilities Port). Ambas as denominações são compatíveis com o padrão antigo, suportam comunicação bidirecional entre o computador e o dispositivo e oferecem taxa de transferência dez vezes superior à da porta Centronics.

O Macintosh não tem a porta Centronics. Tem a porta SCSI, que é também paralela, mas é bem mais flexível, permitindo taxas de transferência altas o suficiente para uso com HDs e comunicação simultânea com vários dispositivos. Tanto a interface paralela do PC como o SCSI usam os mesmos conectores, gerando confusões.

Serial

As portas seriais que usamos para ligar modems e impressoras (RS-422 no Mac e RS-232 no PC) oferecem taxas de transferência menores que a porta paralela, uma vez que só permitem comunicação de um bit por vez. Elas também são conhecidas como DB9 ou DB25, porque usam conectores de nove ou 25 pinos.

O DB9 é o mais comum nos PCs modernos. No Mac, os conectores são do tipo Mini DIN, mas a interface é tão similar que é possível usar dispositivos de PC no Mac, desde que haja um cabo de interligação com os conectores adequados e o driver (software que habilita o Mac a "falar" com o dispositivo).

GeoPort

Alguns Macs também apresentam o GeoPort, que é um adaptador de porta serial que oferece uma ligação direta entre a linha telefônica e o computador, dispensando o modem. O GeoPort Telecom Adapter Kit suporta velocidades de modem de até 33,6 kbps e oferece serviços avançados de fax e telefonia quando usado em conjunto com o pacote de aplicações para comunicações Apple Telecom 3.0.

Salvando filmes sem o QuickTime Pro

Uma dúvida comum de quem não tem o QuickTime Pro é saber como baixar trailers e comerciais da Web no formato QT e depois deixá-los guardados no disco rígido. Para conseguir isso, siga os seguintes passos, que só rolam no Communicator, da Netscape:

1 Clique no botão direito da janela de vídeo que aparece em seu browser e selecione Plug-in Settings no menu pull-down.

2 Na janela que se abre, selecione Save movies in disk cache.

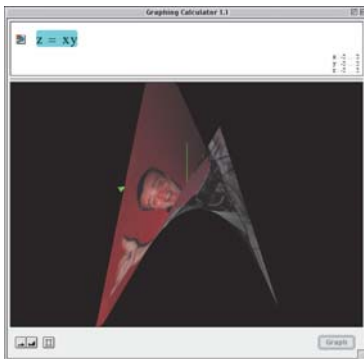
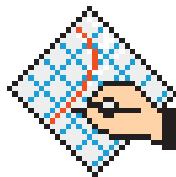
3 Faça tudo isso antes que o clipe comece a ser tocado (você pode sempre dar um rewind). Uma vez que o clipe inteiro for baixado, será possível recuperá-lo a partir do arquivo nomeado cache########.mov, que se encontra na pasta de cache que você designou para o Communicator. Ele vai estar provavelmente entre os arquivos mais novos criados nessa pasta.

4 Copie esse arquivo da pasta de cache (arraste apertando Option) e coloque outro nome se quiser. **Importante:** faça isso antes de fechar o programa. Uma vez fechado há uma chance de que o clipe desapareça. Isso pode ou não acontecer. Mas não vale a pena arriscar. Existe também um modo muito mais fácil de se fazer isso: adquirir o QuickTime Pro.

Atalhos de teclado do Tomb Raider

O Tomb Raider II possui mais comandos de teclado do que você suspeita. Eis alguns exemplos:

1 (são as teclas que ficam acima das letras, não as do teclado numérico) = Escolhe as pistolas
2 = Escolhe a espingarda
3 = Pistolas automáticas
4 = Uzi
5 = Arpão
6 = M-16
7 = Lançador de granadas
8 = Medi-pack pequeno
9 = Medi-pack grande
0 = Luz de emergência (flare)
↑ ou 8 do keypad = Corre para frente
↓ ou 2 do keypad = Pula para trás
← ou 4 do keypad = Vira à esquerda
→ ou 6 do keypad = Vira à direita
F1 = Reduz resolução gráfica
F2 = Aumenta resolução gráfica
F3 = Diminui o tamanho da tela
F4 = Aumenta o tamanho da tela
F5 = Salva o jogo (novo jogo, se você estiver na casa de Lara)
F6 = Carrega uma sessão
F7 = Aumenta a luminosidade
Shift F7 = Diminui a luminosidade
F8 = Muda a perspectiva (software)
F8 = Muda a filtragem (RAVE/3Dfx)
F9 = Altera a mudança de linha (software)
F10 = Seleciona renderização de software
F11 = Seleciona a RAVE
F12 = Seleciona a 3Dfx
F13 ou Shift Tab = Faz um screen shot
F15 ou ⌘Esc = Muda para o Finder (quando o jogo está em Pause)

Insira imagens em seus cálculos

Os objetos 3D podem adquirir qualquer textura

Junto com o Mac OS 8.6 vem uma versão atualizada do Graphing Calculator, o que faz valer a pena relembrar uma dica velha: é possível inserir arquivos PICT nas imagens 3D criadas pelo Graphing Calculator. Para isso, simplesmente abra uma imagem no SimpleText ou outra aplicação que suporte PICT, selecione a figura (ou parte dela), copie-a ⌘C, volte para o Graphing Calculator e dê um paste ⌘V. Pronto. Sua imagem agora faz parte da textura do objeto 3D.

Início e fim do Claris Emailer

Aos amantes do Claris Emailer, uma dica que pode ser útil: se você nomear um script para Startup Script ou Shutdown Script, este script será rodado, respectivamente, no início e no fim do uso do Emailer. Quem usa a versão 2.0v3 já deve ter percebido que, ao fechar o programa, aparece uma caixa de diálogo perguntando se você deseja enviar as mensagens para a pasta Out Box.
O mesmo vale para o startup. É possível, por exemplo, criar um script para checar se você está com o ano correto. Como este:

```
set d to year of (current date) as text
if d is not "1999" then – não se esqueça
de mudar o ano!
        display dialog "Ops, wrong year!"
with icon caution buttons "OK" default
button "OK"
end if
```

Roberta Rabelo Zouain – Vitoria (ES)
zouain@gol.com.br

Filmes em múltiplas janelas

Se você fez o download da versão 4 do QuickTime, deve ter percebido que é possível manter apenas uma janela de filme aberta. No entanto, isso pode ser mudado. Vá até o menu Edit, selecione Preferences e escolha General. Clique na opção Open movie in new player e dê OK. Agora você poderá abrir vários filmes ao mesmo tempo.

Mande sua dica para a seção **Simpatips.** Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da **Macmania.**

FileMaker Pro

Aprenda a criar o seu primeiro banco de dados com o programa mais fácil de usar

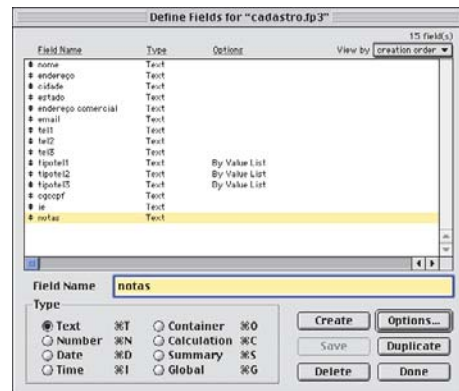
FileMaker Pro: sem sombra de dúvida, o mais amigável banco de dados que existe. É relacional, tem uma interface intuitiva e bonita e funciona tanto em Mac como em Windows. Além disso, é feito para trabalhar em rede, podendo utilizar os protocolos AppleTalk, IPX e TCP/IP. Desse modo, podemos ter vários usuários ligados a uma mesma base de dados, com até 50 bancos de dados abertos simultaneamente.

É possível publicar dados na Internet, por meio do Web Companion, e acessá-los através de um browser utilizando comandos CDML (Claris Dynamic Markup Language). Só falta ele saber responder a um *query* SQL, se bem que um driver ODBC já existe e, graças à sua estrutura de plug-ins, muita gente vem trabalhando em programinhas para acrescentar-lhe funções.

Após a rasgação de seda, vamos ao que interessa: ensinar os rudimentos necessários para se montar um banco de dados usando o FileMaker Pro. Para não ficar muito chato, vamos exemplificar os conceitos teóricos com um trabalho bem prático, criando uma agenda telefônica. Se você não conhece o programa, leia primeiro o box abaixo, para se inteirar dos comandos fundamentais.

Mão na massa

Primeiro, vá ao menu File e escolha o comando New; selecione Create a New Empty File e clique em OK, caso surja uma janela com essa opção. Preencha o nome do seu banco de dados – no nosso caso, Cadastro. Se você pretende usá-lo em um PC, não se esqueça das limitações de nome do DOS: máximo de 8 caracteres, sem espaços nem acentos, seguidos da extensão .FP3.

A partir daí, o FileMaker irá abrir automaticamente o box Define Fields. Entre os valores conforme mostra a figura:

Após preencher cada nome, clique em Create. Os campos serão criados dentro do banco de dados, até chegar em tipotel1. Neste, vamos criar uma lista de valores automática. Após colocar o

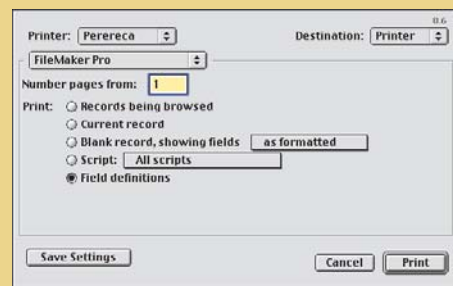
Um tour pelos comandos do FileMaker

O conceito básico do FileMaker é o mesmo de uma ficha de cadastro. A ficha é chamada registro (Record) e cada linha da ficha é chamada campo (Field). Podemos ter campos nos seguintes formatos:

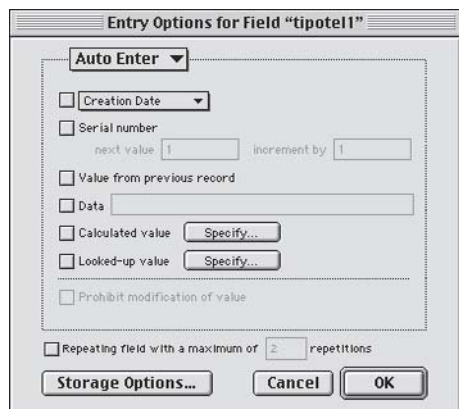
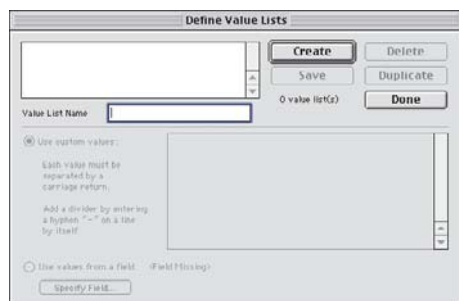
•***Texto*** (Text) – *Para armazenar qualquer caractere.*
•***Número*** (Number) – *Guarda só números.*
•***Data*** (Date) – *Para inserir datas.*
•***Tempo*** (Time) – *Para armazenar horas.*
•***Recipiente*** (Container) – *Para registro de sons, imagens e vídeos.*
•***Cálculo*** (Calculation) – *Insere resultados de cálculos.*
•***Sumário*** (Summary) – *Para resumos de outros campos.*
•***Global*** (Global) – *Campo especial que pode ser visto por todos os registros do mesmo banco de dados.*

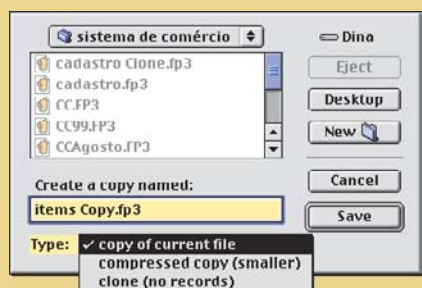
Um monte dessas fichas reunidas num arquivo é o que configura um banco de dados.

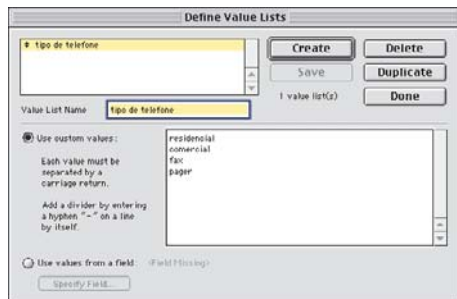
No FileMaker há quatro modos de operação, definidos por opções do menu Edit:
•***Entrada de dados*** (Browse) – *Neste modo, cadastram-se e editam-se os dados.*
•***Procura*** (Find) – *Faz a procura de informações já cadastradas.*
•***Desenho*** (Layout) – *Permite criar um visual personalizado para as fichas.*
•***Preview*** – *Visualiza o layout do que será impresso.*

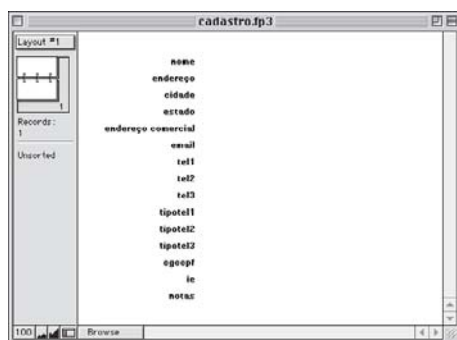
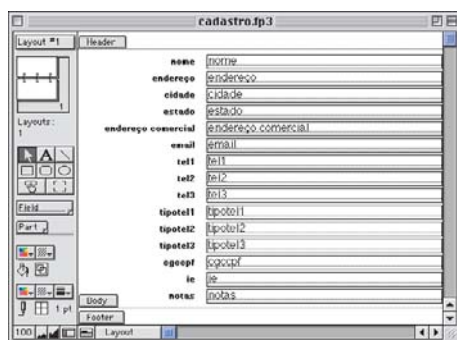
Eis as opções do menu File *que você deve conhecer de antemão:*
•***Novo*** (New) – *Começa um novo banco de dados.*
•***Abrir*** (Open) – *Abre um banco de dados existente.*
•***Fechar*** (Close) – *Fecha um banco de dados que esteja aberto.*
•***Definir*** (Define) – *Define campos, relacionamentos e lista de valores.*
•***Ajuste do Papel*** (Page Setup) – *Ajusta o tamanho do papel que iremos usar. Esse recurso é importante porque, quando formos desenhar o layout, ele terá como base o tamanho de papel aqui definido.*
•***Imprimir*** (Print) – *Define o que queremos impresso: todos os registros encontrados, somente o registro que estamos vendo, um registro em branco, os scripts do banco de dados ou as definições de campos.*

•***Importar/Exportar*** (Import/Export) – *Importa registros, figuras e filmes/sons em vários formatos e exporta o seu conteúdo para outro banco de dados.*
•***Recuperar*** (Recover) – *Tenta recuperar um banco de dados danificado.*

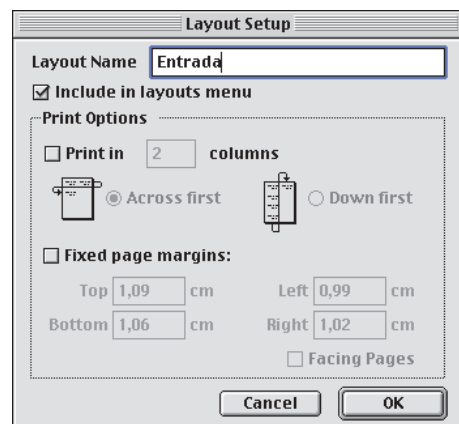
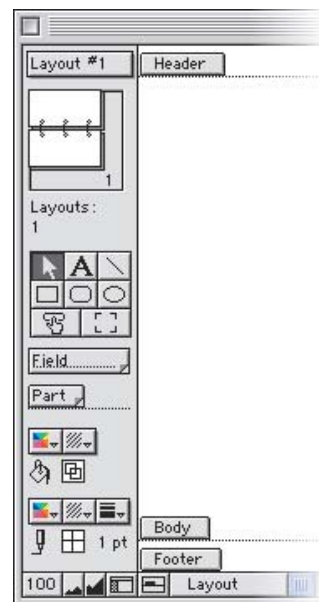
A função Define *possui duas sub-opções:*
•***Privilégios de Acesso*** (Access Privileges) – *Define grupos de usuários do banco de dados e determina senhas de acesso e quais layouts podem ser exibidos para o cliente.*
•***Compartilhamento*** (Sharing) – *Define se o banco de dados é monousuário ou*

nome do campo tipotel1, clique em Create e depois em Options. Você deverá ver esta janela:

Vá até o Auto Enter, mude-o para Validation e marque o item Member of Value List. Clique em <No List Defined>. Você deverá ver o seguinte:

multiusuário (se ele for feito para estar disponível via rede) e qual plug-in iremos usar para publicar os dados na Internet.

• ***Salvar*** (Save) *– Salva uma cópia do arquivo, uma cópia comprimida ou uma cópia só do layout, sem dados.*

Preencha o campo Value List Name com tipo do telefone e clique em Create. No box maior, coloque as variáveis da sua lista (fax, celular, pager etc.) e depois clique em Save.

Agora você deverá estar vendo mais ou menos a seguinte janela:

Clique em Done e depois em OK na outra janela. Observe que o FileMaker já vinculou a lista de tipos de telefone, que você acabou de criar, ao campo teltipo1. Repita todos os passos acima para os campos tipotel2 e tipotel3. Crie normalmente os campos que faltam e, por fim, clique em Done.

O FileMaker, por definição, exibe um layout padrão após os campos terem sido definidos:

Agora vamos começar a mexer com a apresentação do seu banco de dados. Vá até o menu Mode e escolha Layout.

Um layout nada mais é do que a fôrma que define a maneira como pretendemos exibir as informações contidas no banco de dados. Note que, ao mudar para o modo Layout, seus menus também mudam para permitir a mudança de cores, fontes, tamanho dos campos etc. Nesse modo, o FileMaker mostra suas ferramentas de edição de layout.

Em primeiro lugar temos Layout #1, que é o nome do layout no qual estamos trabalhando, através do comando Mode ▸ Layout Setup. É possível mudar o nome desse layout. No nosso caso, vamos alterá-lo para Entrada. Logo abaixo vemos um "caderninho". Se você tiver mais de um layout, pode mudar de um layout para o outro clicando no caderninho.

Logo abaixo do seletor de layout temos os botões de ferramentas (todos convenientemente descritos pelo Balloon Help). Eles são:

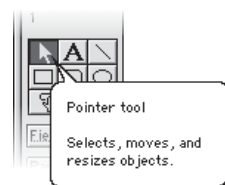
• **Botão de seleção –** Serve para selecionar, mover e mudar o tamanho dos objetos no layout.

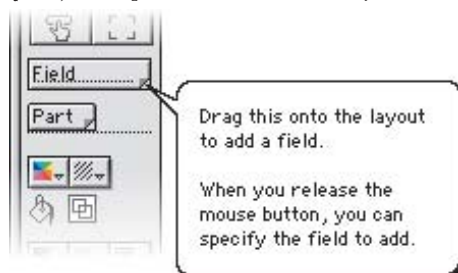
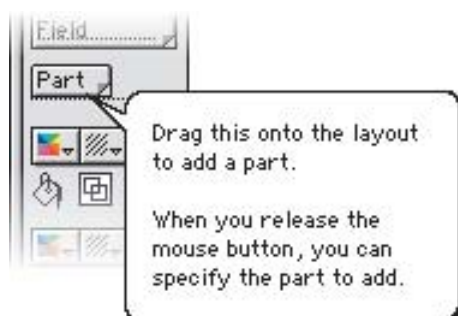
• **Botão de texto –** Insere textos no layout.

• **Botão de linha –** Coloca linhas verticais e horizontais nos layouts.

• **Botão de formas –** Desenha retângulos, retângulos com cantos arredondados e círculos.

• **Botão de botões –** Cria botões de funções (*scripts*). Mais adiante, iremos dar uma automatizada no nosso banco de dados, e aí você vai entender melhor sua função.

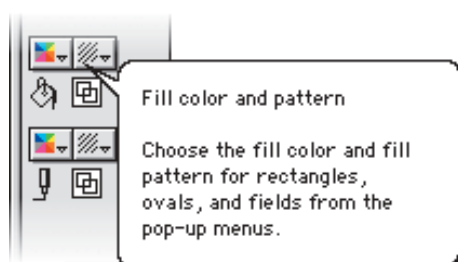
• **Botão de portal –** Cria portais. Esse é um tópico avançado do FileMaker, que iremos discutir profundamente em uma matéria futura. Por enquanto, o que podemos dizer é que ele permite ver registros de outra base de dados como se eles pertencem ao nosso próprio banco de dados.

Um pouco abaixo, temos mais algumas ferramentas (calma, tá acabando):

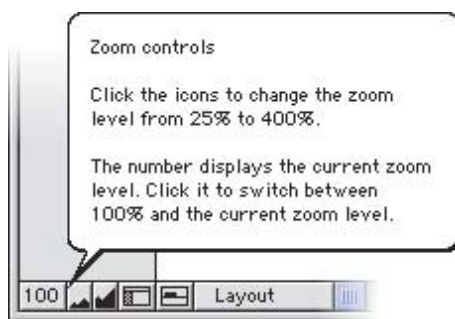
• **Ferramenta de inserir campos** – Com ela, você pode inserir um campo que não está aparecendo no seu layout no momento. Pegue a ferramenta, arraste-a e solte-a sobre o layout. A partir daí, você pode escolher qual campo (*field*) voce quer ver/inserir no seu layout.

• **Ferramenta de partes** – O layout no FileMaker é dividido em partes.

As partes básicas são:

• **Header**: cabeçalho. O que estiver aqui aparece em todos os cabeçalhos de registros.

• **Body**: corpo do registro. Aqui devem estar os campos, pois eles mudam conforme o registro que estamos vendo.

• **Footer**: rodapé. Equivalente ao Header, só que fica no pé do layout.

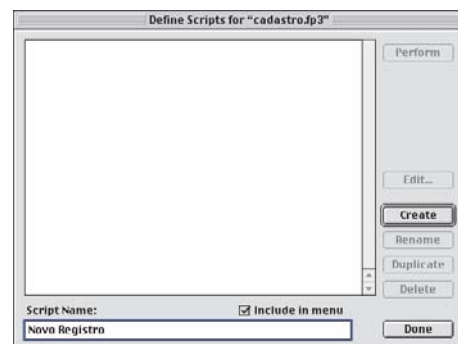
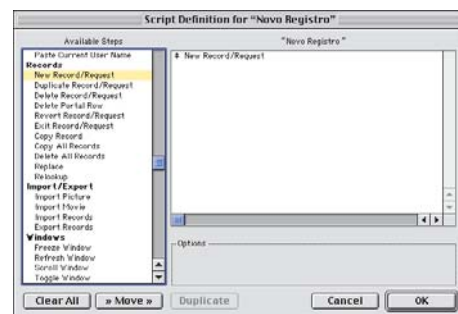
• **Ferramenta de pintura e textura de fundo** – Podemos mudar a cor de fundo do nosso layout e sua textura. Para isso, selecione a parte Body, clique no botão de cor e escolha a cor que você deseja. O mesmo vale para a textura.

• **Ferramenta de pintura e textura de linha** – Esta é quase igual à anterior, só que modifica as linhas ao redor dos registros ou as linhas desenhadas em um layout. Podemos modificar cor, textura e espessura. Selecione um campo ou linha e faça um teste.

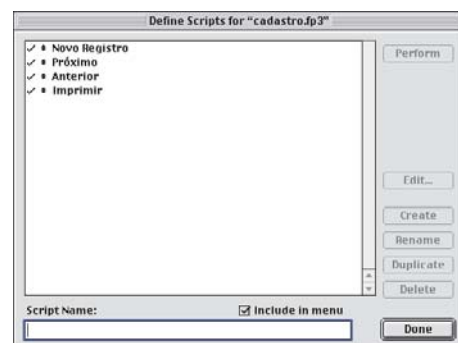
Finalmente, temos os controles de zoom, de esconder/mostrar a área de status do FileMaker, de mudar a posição dos labels do layout e de trocar de modo no programa.

Tenha **sempre** em mente que, ao mexer em um layout, você não está alterando a informação contida no banco de dados, apenas mudando a forma de exibi-la.

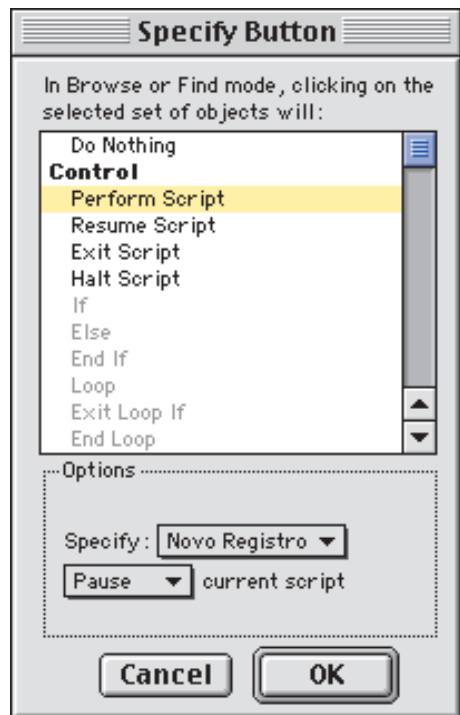
Agora vamos à "operação plástica". Vá para o modo Layout e selecione Header no layout. Clique na ferramenta de pintura e escolha um cinza escuro. Pronto: o fundo do cabeçalho do seu banco de dados deverá ter mudado de cor. Repita a operação para Body e Footer.

Vamos, agora, mudar a cor do texto do banco de dados. Selecione todos os campos do banco de dados, puxe o menu Format ▸ Text Color e escolha um azul escuro. Mantendo todos os campos selecionados, clique na ferramenta de pintura e escolha um cinza claro.

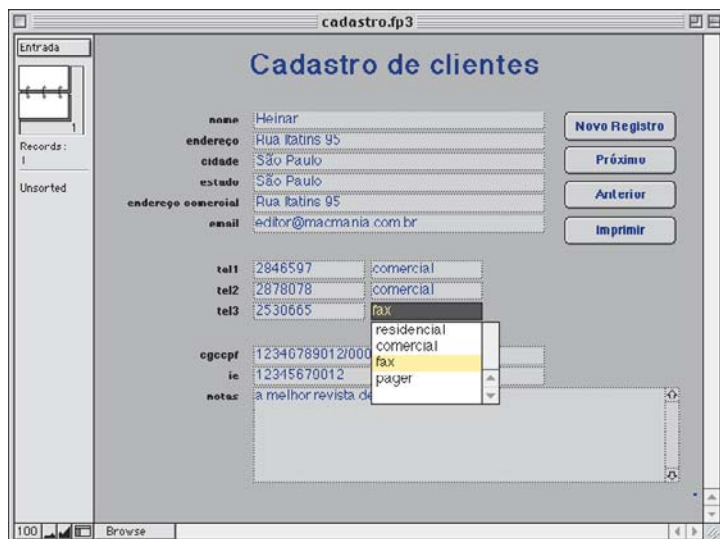
Devemos, agora, posicionar os campos de uma maneira mais clara. Para isso, escolha a ferramenta de seleção, posicione os campos e ajuste o seu tamanho. Pegue a linha pontilhada abaixo do Header e abaixe-a um pouco. Faça o mesmo para a linha abaixo do Body. Selecione o campo Notas, segurando pelo canto inferior esquerdo, e aumente o seu tamanho até poder ver umas seis linhas de texto. Agora vá ao menu Format ▸ Field Format, selecione Style e Standard Field e marque Include Vertical Scroll Bar. Clique em OK. Com a ferramenta de texto, escreva na área do Header o nome do banco de dados. Não esqueça que, através do menu Format, você pode alterar a fonte do texto, tamanho, estilo etc. Com a mesma ferramenta, coloque um ponto embaixo e à direita do campo Notas. Isso serve para centralizar os campos no layout. Agora o banco de dados deve estar mais ou menos assim:

Finalmente, vamos criar alguns botões e scripts para automatizar seu banco de dados. Vá até o menu Script e escolha ScriptMaker. Agora você está entrando no maravilhoso mundo da programação do FileMaker!

Coloque no campo Script Name o nome do script. No nosso caso, escreva Novo Registro e clique em Create. Agora você deverá estar vendo esta tela:

Clique em Clear All, dê um scroll no box Available Steps, escolha New Record/Request no item Records e clique no botão >>Move>> e depois em OK.

Pronto, você acaba de criar seu primeiro script. Vamos agora criar mais três scripts: Próximo, Anterior e Imprimir. Para isso, repita as operações acima e escolha para o Próximo o passo Go To Record/Request/Page no item Navigation, selecionando Next no menu pull-down Options. Para o script Anterior, também selecione Go To Record/Request/Page, mas com o Options em Previous. Para o script Imprimir, basta apenas selecionar Print e esperar.

Terminada a criação dos quatro scripts, clique em Done. No modo Browse, você poderá acio-

ná-los atráves do menu Script ou associá-los a botões, que é o que faremos agora.
Ainda no modo Layout, selecione a ferramenta de botão, escolha Perform Script e, no campo Options, o nome do script que você quer que o botão execute. Coloque o nome do botão agora. Repita o mesmo procedimento para os outros scripts. Para facilitar o posicionamento dos botões no layout, desligue a função Auto Grid no menu Arrange. Se você apertar ⌘T, o FileMaker mostrará uma "régua-T" que pode ser movimentada e usada para alinhar os objetos no layout. O resultado final deverá ser parecido com aquilo que vemos abaixo, à direita. Pronto! Finalmente terminamos o nosso banco de dados de cadastro. Você já pode usá-lo para fazer seu cadastro pessoal. Espero que, com este ensaio, você esteja conhecendo um pouco mais de FileMaker. Mas isso é apenas a ponta do iceberg, pois o programa é cheio de recursos, sendo usado por grandes empresas de todo o mundo para gerenciar e controlar estoques, mailings e até para vender produtos através de sites na Internet. Infelizmente, não temos como esgotar o assunto aqui, em uma única matéria. Mas prometemos outras, com uma visão mais profunda do aplicativo (relacionamentos, portais, scripts mais sofisticados etc.).

ROBERTO CONTI lucca@pobox.com
Desenvolve bancos de dados e dá cursos de FileMaker.

Sigilo e segurança a custo zero

Novo PGP democratiza a encriptação de mensagens

Mensagens eletrônicas têm vantagens evidentes sobre documentos em papel, mas também algumas importantes desvantagens. Para começar, é relativamente fácil para um hacker espião interceptar suas mensagens privadas. Também não é difícil alguém enviar uma mensagem forjada como se fosse sua. Documentos eletrônicos sempre podem ser adulterados sem deixar qualquer marca. Para resolver esses três problemas, e mais alguns, existe um freeware que acaba de ganhar uma nova versão: o PGP 6i, da Network Associates Inc. (NAI).

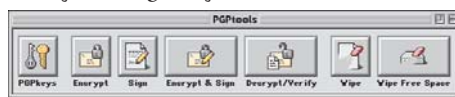
Esse é o homem que inventou o PGP

O PGP e a lei

A sigla PGP significa Pretty Good Privacy, ou seja, Privacidade Bem Boa. A distribuição na forma de freeware e o tom informal do nome do produto não parecem obra de uma sisuda empresa de sistemas de segurança como a NAI.

De fato, não são. O PGP foi inventado pelo programador americano Phil Zimmermann como um gesto na luta em defesa das liberdades individuais nos EUA e no mundo. Phil percebeu que a popularização da informática permitia, pela primeira vez na história, que cidadãos comuns utilizassem técnicas criptográficas para proteger a privacidade de suas comunicações eletrônicas. Ele notou também que a melhor forma de democratizar o acesso à criptografia era desenvolver um freeware e espalhá-lo pela Rede. Foi isso que ele fez, e por pouco não acabou preso por violar uma lei americana que impede a exportação de programas critptográficos sem autorização prévia do Tio Sam (ficou provado que não foi Zimmermann, mas alguém não-identificado, que colocou o PGP na Internet).

Hoje o PGP é exportado legalmente para fora dos EUA através de um método curioso que demonstra a estupidez da legislação: a equipe do PGP produz, a cada nova versão, livros com o código-fonte integral do programa. Esses livros são exportados legalmente, porque a lei proíbe apenas a exportação do software (a listagem impressa não é considerada "software"). Na Noruega, um grupo de voluntários escaneia todas as páginas dos livros e, com o auxílio de um software de OCR (reconhecimento de escrita), gera novamente os arquivos do programa prontos para serem compilados e distribuídos. Todo esse trabalho traz uma vantagem adicional: o código-fonte do PGP também fica disponível para que qualquer programador possa verificar que ele não contém "portas dos fundos" ou bugs que comprometam sua segurança.

O PGP permite que você criptografe textos de email ou arquivos quaisquer de forma que somente você, ou um grupo específico de destinatários, possa abri-los. Para tanto, é preciso que todos os envolvidos sejam usuários do PGP e que tenham trocado anteriormente suas chaves públicas. O PGP utiliza uma técnica revolucionária, chamada criptografia de chave pública, que não é nada intuitiva, mas dá para entender se você dedicar uma ou duas horas lendo e experimentando *(leia o box nesta matéria)*. Usar um programa de criptografia de forma errada é bem pior do que não usar criptografia nenhuma, já que você pode cometer erros muito graves se estiver com uma falsa sensação de segurança.

Com as ferramentas do PGP ninguém vai interceptar suas mensagens

Versão internacional

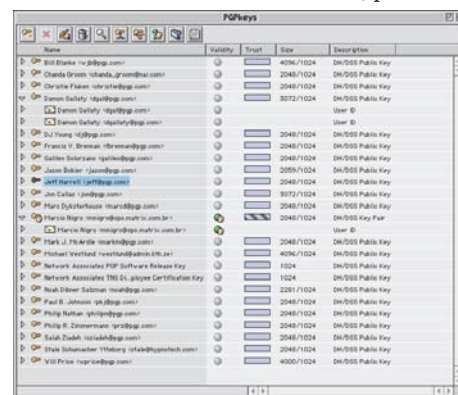
Em dezembro de 1997, a PGP Inc., empresa que Zimmermann criou para vender versões comerciais do PGP, foi adquirida pela NAI, que continua desenvolvendo o produto em versões comerciais e freeware. A versão do PGP que analisamos é a 6.0.2i. A letra "i" indica "versão internacional". Ela é praticamente idêntica à versão freeware 6.0.2, que é disponível legalmente apenas para cidadãos americanos e canadenses em virtude da tal legislação. Só há duas diferenças:

1 A versão internacional suporta um algoritmo criptográfico, chamado RSA, que não existe na versão freeware americana porque o RSA é patenteado nos EUA mas não no resto do mundo. Para evitar incompatibilidades, o freeware suporta o RSA apenas na leitura de chaves, mas não pode gerá-las usando esse algoritmo.

2 O servidor default para armazenagem das chaves dos usuários fica na Holanda, e não nos EUA.

Gerenciamento de chaves

As chaves são peças fundamentais dessa tecnologia. Após instalar o PGP 6, você precisará gerar um par de chaves pessoais ou fornecer o caminho para que o PGP localize seu arquivo de chaves, caso você já seja usuário de uma versão anterior do PGP. Sua chave secreta é protegida por uma *pass-phrase*, ou frase-senha, e sua chave pública é enviada para um servidor de chaves, de onde poderá ser baixada por qualquer pessoa que queira se corresponder com você.

Uma vez criado seu par de chaves pessoais, o PGP exibe a janela do seu principal módulo: o gerenciador de chaves PGP Keys. Com ele você pode enviar e receber chaves de servidores especiais espalhados pela Internet e organizar as chaves daqueles com quem você se corresponde habitualmente. Uma característica muito útil é a possibilidade de criar grupos. Se eu envio com freqüência mensagens cifradas para uma dúzia de colaboradores da Macmania, posso

O PGP Keys gerencia as chaves que serão enviadas e recebidas

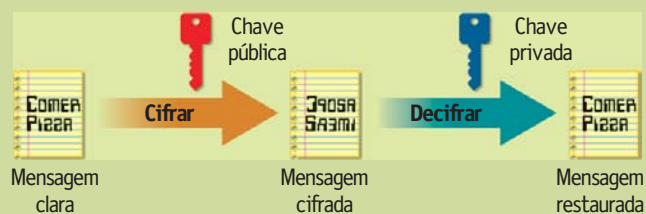
Criptografia para as massas

Quando a informação é digital e flui pela Internet, cadeados e cofres não servem mais para protegê-la. Mas uma tecnologia permite que cidadãos comuns mantenham sua privacidade trocando mensagens cifradas. A mesma tecnologia garante a segurança das transações no comércio eletrônico. Seu nome é criptografia de chave pública.

O ato de cifrar ou encriptar consiste em submeter a mensagem original a uma ou mais transformações que a tornem ilegível. Essas transformações são ditadas por um algoritmo, ou seja, uma seqüência de instruções que pode ser repetida com exatidão. O algoritmo pode até ser executado por uma pessoa, mas o mais comum é que ele seja implementado em um chip ou um software. Nos sistemas criptográficos modernos, o segredo não está no algoritmo, e sim na chave. A chave é como uma senha, uma informação secreta que precisa ser fornecida para cifrar e, posteriormente, decifrar a mensagem. A ação de decifrar normalmente utiliza o mesmo algoritmo e a mesma chave.

O grande problema da criptografia convencional é a segurança da chave. Vamos usar dois personagens, Alice e Bruno, para exemplificar a troca de mensagens cifradas. Na criptografia convencional, Alice e Bruno usam a mesma senha para cifrar e decifrar mensagens. Para combinar a senha a ser utilizada, Alice e Bruno precisam se encontrar pessoalmente ao menos uma vez, pois essa é a maneira mais segura de trocar senhas.

A invenção da chave pública

Em 1976, os cientistas americanos Whitfield Diffie e Martin Hellman criaram uma nova modalidade de troca de mensagens cifradas: a criptografia de chave pública, ou "public-key cryptography". A grande inovação foi o uso de duas chaves. Uma delas, chamada chave pública, é usada para cifrar as mensagens, e a outra, a chave privada, serve para decifrá-las. Essa comunicação pode ser esquematizada como na figura.

A característica mais importante desse esquema é que a chave privada dos usuários não precisa circular.

Em um sistema de chave pública, a chave utilizada para cifrar uma mensagem não pode ser usada para decifrá-la. Uma segunda chave é necessária para tanto. Por isso as chaves são sempre criadas em pares. Cada usuário possui seu par de chaves. A chave privada é usada para decifrar mensagens recebidas. Por isso essa chave é protegida por uma senha secreta. A chave pública de outra pessoa é usada quando se enviam mensagens cifradas para ela.

Sem a criptografia de chave pública, o comércio eletrônico seria bem mais complicado. Desde 1995, todos os navegadores Netscape e Internet Explorer utilizam um protocolo chamado SSL para acessar os "servidores seguros" usados no comércio eletrônico. Você pode verificar se uma página está em um servidor seguro se a URL tem o prefixo `https://`, *em vez de* `http://`. *Os navegadores também exibem ícones na barra de status indicando quando o SSL está sendo usado. Na prática, ocorre uma troca de chaves públicas quando o navegador solicita uma página de um servidor usando SSL. O servidor usa a chave pública do navegador para cifrar as páginas consultadas, e o navegador usa sua chave privada para decifrá-las e exibi-las. Por outro lado, a chave pública do servidor é usada pelo browser para cifrar os dados enviados pelo usuário.*

É mesmo seguro?

Nada no mundo é totalmente seguro, e nenhum sistema criptográfico é perfeito. Nos últimos anos, têm sido noticiados vários casos de mensagens decifradas por grupos de pesquisadores. Na maioria desses casos, os algoritmos atacados usavam chaves curtas (de até 56 bits) e foram utilizadas técnicas de "força bruta", com dezenas ou mesmo milhares de computadores gerando todas as possíveis combinações de chaves.

O problema é que o governo americano raramente autoriza a exportação de softwares criptográficos capazes de usar chaves maiores do que 56 bits. O motivo, supostamente, é evitar que traficantes e terroristas possam proteger suas mensagens usando chaves longas demais para serem quebradas por força bruta. Pena que terroristas e traficantes não liguem muito para leis e regulamentos.

No caso dos navegadores, o limite para exportação está fixado em 40 bits, o que não se considera suficientemente seguro para aplicações de internet-banking, por exemplo. A segurança das chaves aumenta geometricamente com o número de bits. Por isso, uma chave de 64 bits é milhões de vezes mais segura que uma de 40 bits. Residentes permanentes dos EUA e do Canadá têm acesso a versões do Communicator e do IE com chaves de 128 bits. Tais chaves são consideradas seguras até mesmo para transações financeiras de valores muito altos. No Brasil, alguns sistemas de internet-banking já utilizam chaves de 128 bits, mesmo usando os browsers americanos limitados. Para conseguir isso, os bancos precisaram implementar sistemas de criptografia paralelos usando a linguagem Java ou mesmo plug-ins especiais.

No entanto, na prática, o elo mais fraco de qualquer sistema de segurança geralmente é o usuário. A melhor segurança do mundo é inútil se for usada de forma incorreta, ou se estiver protegida por uma senha tão óbvia quanto sua data de nascimento.

então criar um grupo contendo esses destinatários. A partir daí, poderei incluir suas chaves em qualquer mensagem com apenas um clique.

Cifrar, decifrar e assinar

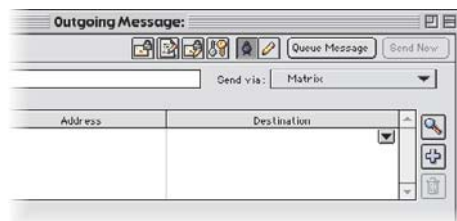
Para cifrar e decifrar mensagens você pode invocar as funções do PGP de dentro de seu programa de email. O PGP 6 acompanha "plug-ins" (módulos de expansão) que suportam os clientes de email Eudora e o Claris Emailer. No Windows, são suportados o Outlook 97/98, Outlook Express 4 e o Eudora 3 e 4. A operação de cifrar é idêntica em todos esses programas. Você escreve sua mensagem normalmente e, logo antes de enviá-la, clica no ícone de "cifrar mensagem" que o PGP coloca na barra de botões do programa de email. O próximo passo é escolher os destinatários a partir da lista de chaves que você possui. Então é só enviar a mensagem cifrada. Ao recebê-la, o destinatário que já instalou o PGP terá

apenas que digitar a frase-senha dele para poder ler seu conteúdo.

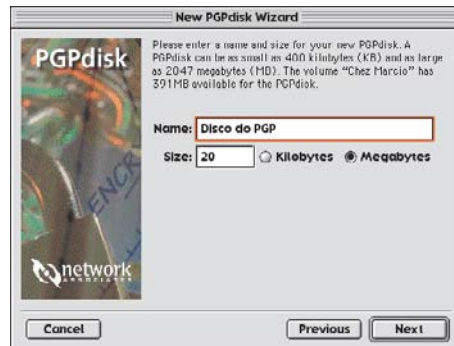
Ao cifrar uma mensagem, o PGP oferece a opção *secure viewer*. Se ativada, essa opção fará com que o destinatário seja avisado de que a mensagem só deve ser lida em condições de segurança máxima. Assim ele terá a chance de verificar se ninguém está espiando sobre seus ombros antes de abrir o texto secreto. E para atrapalhar até mesmo os mais sofisticados espiões, o PGP 6 pode exibir o texto utilizando uma fonte especial, resistente à tecnologia Tempest de espionagem eletrônica (com essa técnica, que dizem ter sido usada na captura do famoso espião Aldrich Ames, é possivel captar e reconstruir a imagem gerada pelo monitor do seu micro — mesmo através de paredes).

Outra função do PGP é assinar mensagens. Com isso, os destinatários ganham duas certezas: a de que você é de fato o autor e a de que o texto não foi alterado. A assinatura eletrônica pode ser aplicada sobre mensagens de email de dentro dos próprios aplicativos suportados, também através de um ícone especial. Nesse caso, o procedimento é o seguinte: escreva a mensagem, clique no ícone para assiná-la e então digite sua frase-senha. Um arquivo especial contendo a assinatura digital será anexado à mensagem. Ao abri-la, os destinatários verão um aviso do PGP confirmando a identidade do autor. Caso o texto tenha sido adulterado de qualquer maneira, isso também será sinalizado.

Discos secretos

Se você trabalha diariamente com vários arquivos sigilosos, vai gostar do PGPdisk. Com ele você cria um disco virtual dentro de seu disco rígido. Na verdade, o disco virtual não passa de um arquivo cifrado, de tamanho fixo, que pode conter seus documentos secretos. Ao criar um disco virtual, você associa uma frase-senha e um nome qualquer. Para usá-lo, basta um duplo-clique e o PGPdisk fará com que seu conteúdo apareça associado à letra escolhida, desde que você digite de novo a frase-senha. Para fechá-lo, é só usar o comando unmount PGPdisk, que aparece clicando-se no ícone do disco virtual e pressionando-se Control para acessar o menu contextual. Ele volta a ser um mero arquivo cifrado, que pode ser transportado ou copiado

O PGP tem integração com o Claris Emailer ou com o Eudora

normalmente. Se o conteúdo do disco virtual precisa ser compartilhado por várias pessoas, o PGPdisk permite a criação de múltiplas frases-senha e também a associação das chaves públicas dos indivíduos que precisarão ter acesso.

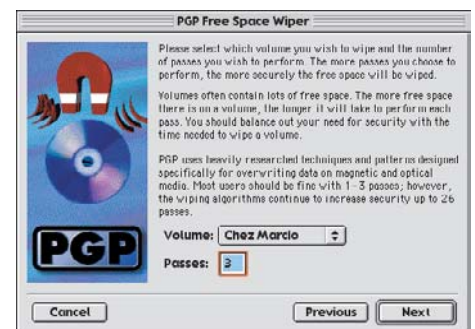
O PGPdisk permite criar uma partição de disco...

...onde podem ser armazenadas suas informações confidenciais

Arquivos bem apagados

Além dos recursos tradicionais de cifragem e decifragem, o PGP 6 traz também dois utilitários complementares que servem para apagar arquivos sem deixar vestígios. Isso é necessário porque, ao cifrar um documento, o PGP gera uma cópia cifrada do original. Mesmo que você apague do disco o documento original, não é preciso ser um grande perito para recuperá-lo com o auxílio de um programa especial como o Norton Utilities. Para evitar que isso aconteça, você pode usar o comando wipe (limpar), que o PGP coloca no menu contextual ao clicarmos sobre um arquivo pressionando Control. Antes de apagar o arquivo, o wipe o sobrescreve múltiplas vezes com dados aleatórios, impedindo sua reconstituição.

Se você escreveu o documento original em um programa como o Word, é bem provável que o aplicativo tenha gerado cópias temporárias enquanto você trabalhava. Como essas cópias são apagadas pelo aplicativo, o comando wipe não pode ser usado para eliminá-las. Para resolver esse problema, o PGP 6 inclui também o utilitário Free Space Wiper, ou limpador de espaço livre, que realiza a mesma operação em todo o espaço vazio de seu disco rígido, que pode conter fragmentos ou versões antigas de seus dados sigilosos. Apenas por curiosidade, a documentação do Free Space Wipe traz o seguinte aviso: "Sabe-se que empresas comerciais de recuperação de dados podem recuperar arquivos sobrescritos até 9 vezes". O mesmo documento recomenda, então, que para fins "militares" o espaço livre deve ser sobrescrito 18 vezes, ou até 26 vezes para se obter o máximo de segurança!

Conclusão

Quem precisa manter ou trocar dados sigilosos não precisa procurar mais: o PGP 6 é a melhor solução. Diferente de outros programas comerciais que oferecem funções criptográficas, o PGP é o único que coloca seu código-fonte aberto na Internet, para análise de cientistas e hackers de todo o mundo. Ao fazê-lo, o PGP oferece a garantia da transparência. Qualquer criptógrafo concorda que essa é a maior garantia que se pode exigir de um programa baseado em técnicas matemáticas sofisticadas, onde um pequeno bug pode representar uma falha fatal de segurança. A versão freeware pode ser usada por pessoas ou organizações em atividades sem fins lucrativos. Para usar o PGP 6 comercialmente, você precisa adquirir uma licença de uso. A versão paga oferece ainda um recurso, opcional, que garante às empresas a possibilidade de abrir a correspondência comercial de seus funcionários.

O Space Wiper varre qualquer informação de seu HD para sempre

Para encerrar, não podemos simplesmente recomendar o PGP 6 sem repetir o aviso: se suas atividades sigilosas são realmente sérias, não use o PGP antes de estudar cuidadosamente sua documentação. Se você não tem tempo para isso, contrate alguém que possa ajudá-lo a dominar o programa e rever seus procedimentos de segurança. De nada adianta o melhor sistema de criptografia do mundo se, no final, sua frase-senha favorita é "batatinha quando nasce esparrama pelo chão". M

LUCIANO RAMALHO luciano@magnet.com.br
É usuário do PGP desde 1995, tem uma chave pública com ID 0x10473E5E e fingerprint 3B32 6D95 3FDF 271A 8115 8683 6FD0 8C37 1047 3E5E.

Onde oncontrar
PGP: www.pgpi.com
Network Associates: www.nai.com

Monitores Samsung SyncMaster

São bege, mas são belos

Ricardo Teles

Alguns anos atrás, os monitores sul-coreanos Samsung de 14 polegadas eram companheiros naturais dos PCs sem griffe de não-muito-alto-custo. A sua ubiqüidade deu origem à expressão depreciativa "um samsungão qualquer" – embora eu mesmo, na condição de piloto de monitores brevetado, nunca tenha achado motivo justo para tal desprezo –, como se os da NEC ou Philips tivessem qualidade tão mais elevadamente celestial quanto o seu preço.

Na mesma época, os macmaníacos se viravam com Quadras e Performas acoplados a monitores baratos, de resolução fixa, fabricados pela também sul-coreana LG (que na época se chamava GoldStar), mas com o logo da maçã estampado na frente. Os lindos modelos Trinitron da Apple (feitos pela Sony) eram caros demais para serem sequer levados em consideração.

Os tempos mudaram. Depois de um período de frenética competição, com muitas marcas desconhecidas acotovelando-se no mercado, a quantidade de opções diminuiu. A qualidade é uniforme entre as várias marcas, devido às normas técnicas cada vez mais rigorosas que regem a construção dos monitores. Dessa forma, o usuário profissional pode se dar muito bem comprando um modelo "business" ou "small office", que já dá e sobra para uma photoshopagem decente, por exemplo. Outras qualidades dos monitores novos são a grande melhoria na ergonomia dos controles, consumo baixo e gabinetes não tão "caixosos" e feios.

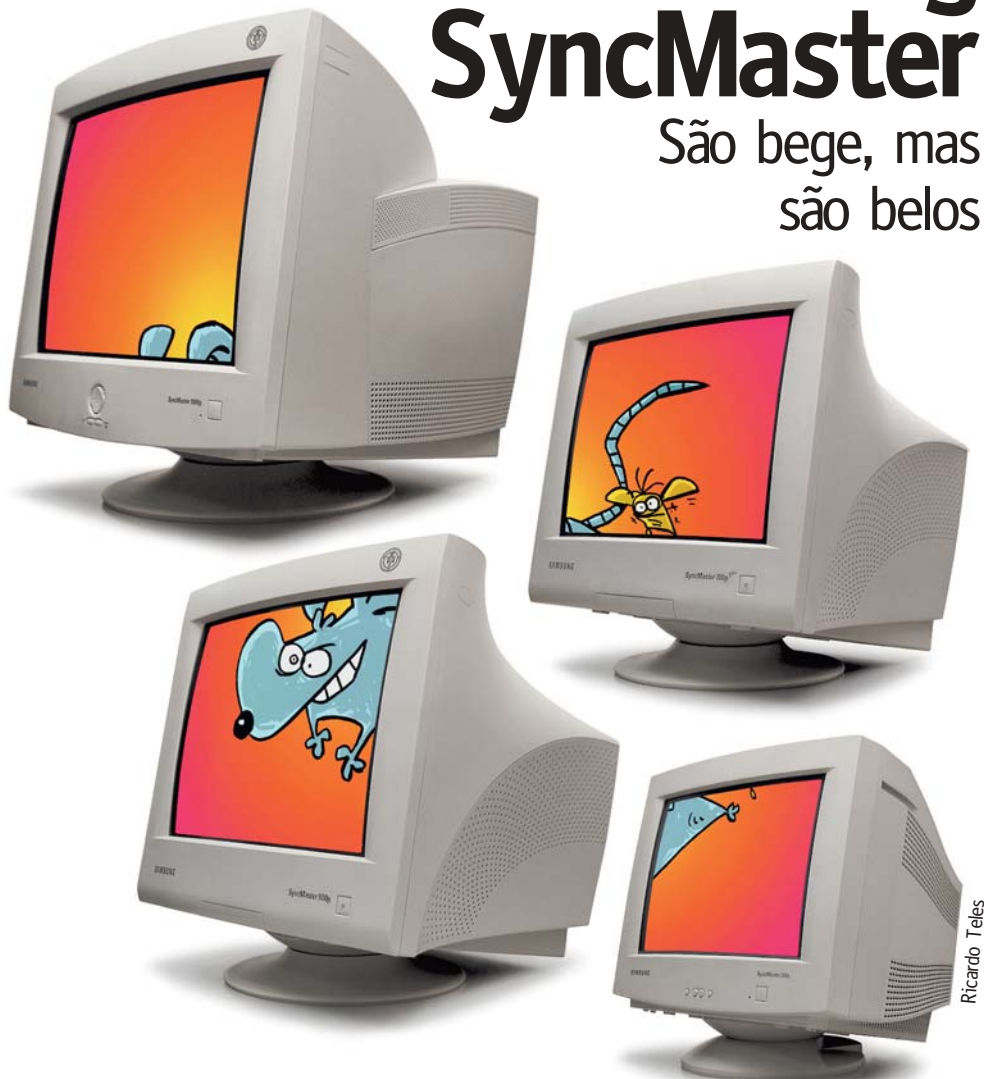
Exuberância bege

O que nos leva às considerações estéticas sobre os novos SyncMaster da Samsung.

Experimentamos quatro modelos diferentes: três da série p (profissional), importados, e um da série s (business/small office), usado como referência, único do grupo fabricado no Brasil e o mais barato.

Evidentemente, todos eles são caixotões bege. Mas os designs da série p conseguem ser atraentes e disfarçam bem o volume dos gabinetes. Em várias marcas concorrentes, pelo contrário, isso é até realçado pela falta de criatividade de seus construtores.

O modelo 1000p, de 21 polegadas, se caracteriza pela intersecção angulosa de dois inesperados volumes curvos, que lembram as formas arquitetônicas da Ópera de Sydney. Feito para impressionar, ele é provavelmente semelhante àquilo que a Apple estaria fazendo hoje se não tivesse mudado radicalmente a sua identidade estética a partir do iMac.

Os modelos 700p+ e 900p, de desenhos similares entre si, são mais conservadores, arredondados como almofadas e com um arco de furos em cada lateral, de muito bom gosto.

O modelo 710s tem um gabinete com estilo excessivamente convencional, que não contribui para destacá-lo da concorrência.

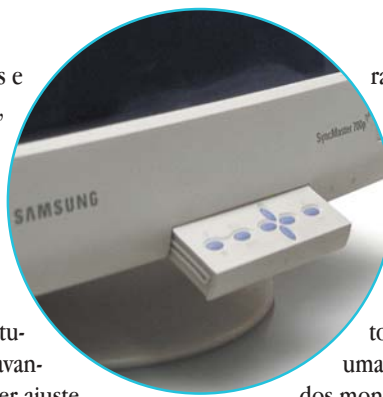
O controle deslizante

Os SyncMaster 700p+ e 900p têm em comum o painel de controle embutido, que desliza para fora do gabinete quando pressionado, como uma espécie de "gaveta-língua". Os outros dois modelos têm botões afixados diretamente à frente do gabinete.

Os botões de controle são de silicone macio, com comandos direcionais posicionados em cruz. Um toque em qualquer botão traz à tela um menu de opções que flutua sobre a imagem normal gerada pelo computador. Os modelos

Quem é a Samsung?

A empresa sul-coreana é bem maior do que seria de se supor pela sua presença ainda relativamente modesta por estes lados. Somente a divisão Samsung Electronics, a principal do conglomerado, fabrica desde eletrodomésticos até chips de memória e outros semicondutores, passando por telas planas TFT, micros de mão, televisores, geladeiras, telefones celulares, fornos de microondas, aparelhos de som, condicionadores de ar e câmeras fotográficas. Em janeiro, a empresa foi eleita pela Forbes como líder em produtos e serviços de consumo, na frente dos monolitos Sony e Philips. Poucos dias depois, recebeu um investimento de US$ 100 milhões da Intel.

sem o painel deslizante (700s e 1000p) também têm o menu, sendo o do 1000p o mais completo em opções.
A ergonomia e a gama de controles disponíveis são excelentes e superam as de todos os monitores concorrentes que já tivemos a oportunidade de testar. O usuário avançado pode encontrar qualquer ajuste especializado, inclusive vários que costumam ser omitidos mas que são úteis em certas circunstâncias.
Sentimos falta apenas de mais opções de temperatura de cor no 700p+ (são apenas duas opções, contra o ajuste múltiplo do 900p e do 1000p). Também desejaríamos que o menu sumisse da tela sozinho ao fecharmos o painel (em vez disso, há um ajuste de quantos segundos ele fica na tela depois do último aperto de botão). Com cores berrantes, o menu não vence nenhum concurso de beleza (o do 1000p é particularmente feio), mas é bem fácil de navegar e pode ser livremente posicionado onde não incomode a vista, além de oferecer escolha dentre sete idiomas diferentes (português, inglês, espanhol, italiano, francês, alemão e sueco), confirmando que o monitor obedece às normas técnicas de todos os respectivos países.
Melhor que isso, só se fosse um monitor ColorSync da Apple, que pode ser configurado no próprio painel de controle Monitors & Sound do Mac OS – desde que você disponha de uma pequena fortuna para investir nele.

Todos os monitores têm menu na tela, que na série p é ativado puxando o painel-gaveta (acima)

A conectividade

Para o macmaníaco, o conector padrão VESA de 15 pinos é uma séria desvantagem técnica dos monitores Samsung em relação aos Apple, por exemplo, pois você tem que usar o plug adaptador (fornecido como item opcional), a não ser que o Mac já tenha uma saída de vídeo para SVGA, como é o caso nos G3 azuis. Infelizmente, isso significa que não se pode mudar a resolução da tela pelo Control Strip ou pelo painel Monitors & Sound; você é obrigado a desligar o Mac, reajustar as micro-chaves no adaptador e religar o Mac. Para quem curte games e precisa mudar para 640 x 480 pixels freqüentemente, é um saco.
O destaque positivo é que todos os monitores da série p aceitam uma base opcional que vem com um hub USB de quatro portas, tornando-os ainda mais úteis para quem tem um G3 azul. Todos os modelos da série p têm entrada de vídeo BNC, selecionável pelo menu na tela, e o 1000p tem um modo "expandido" em que a imagem ocupa completamente a tela, facilitando o uso em apresentações.

A ficha dos modelos testados

Modelo	710s	700p+	900p
Peso	16,5 kg	18,5 kg	22,5 kg
Tubo de imagem	17"	17"	19"
Área útil da tela	15,7"	15,7"	18"
Dot pitch	0,28 mm	0,26 mm	0,26 mm
Resolução máxima (Mac)	1280 x 1024 a 60 Hz	1280 x 1024 a 75 Hz	1280 x 1024 a 75 Hz
Resolução máxima (PC)	1280 x 1024 a 60 Hz	1600 x 1200 a 85 Hz	1600 x 1200 a 85 Hz
Largura de banda	110 MHz	205 MHz	205 MHz

Todos os modelos usam tubo de imagem Invar shadow mask com superfície anti-estática e anti-reflexo e aceitam a

Na Internet

A Samsung pode ser acessada por três sites na Web: o principal, altamente profissional (www.samsung.com); outro, bem mais bonito e voltado para o público consumidor americano (www.sosimple.com); e um latino-americano com páginas em português (www.samsung-latin-america.com).
O site americano tem como destaque uma divertida e realística loteria "raspadinha" em Java, valendo um monitor (http://samsungelectronics.com/syncmaster).
O site latino tem fichas dos produtos, inclusive dos monitores que nós testamos, mas de forma desatualizada.
Outro problema é que os idiomas (português, espanhol e inglês) aparecem misturados em certas páginas.
Outro site digno de uma visita é o Samsung Advanced Institute of Technology (www.sait.samsung.co.kr), um órgão de pesquisa privado no mesmo estilo dos centros acadêmicos americanos.

A qualidade da imagem

Os modelos 700p+ e 900p, que usam tubos de imagem tipo shadow mask, são plenamente satisfatórios para todo tipo de uso – isso significa muito, vindo de um usuário de longa data de monitores com tubo Trinitron. (Na verdade, a Samsung ainda tem uma linha de monitores acima da série p, a série IFT, com telas absolutamente planas.)
Além do design bonito (ainda que bege) e da excelência dos controles por menu, os tubos já vêm muito bem regulados de fábrica: é plugar, ligar e sair usando. A nitidez da imagem é excepcional, em se tratando de tubos shadow mask. A única coisa que compromete é uma tendência ao moiré (faixas de interferência) em certas resoluções no 700p+ e no 1000p, obrigando a carregar a mão no controle anti-moiré para cancelá-lo satisfatoriamente. De qualquer forma, essa é uma idiossincrasia comum a quase todos os monitores shadow mask.
O 1000p não agradou tanto, por custar muito mais caro, pelo óbvio gasto de espaço sobre a mesa e pelo fato de que, realmente, esse monitor não é feito para ser visto de curta distância, como é usual numa instalação típica de escritório. Os olhos ficam trombando à toa nos pontinhos luminosos da tela. O ideal é usar um monitor desse tamanho numa instalação de estúdio que seja bem espaçosa, aproveitando ao máximo a sua generosa resolução máxima. Para edição de imagens, o 900p também é mais cômodo que o 1000p.
O 710s é um modelo de menor custo e, por isso, seria compreensível se o menu de controles na tela fosse bem limitado, como ocorre em outras marcas. Felizmente, porém, o menu é tão bom como os dos seus "primos" mais caros. O ponto negativo é a qualidade de imagem ligeiramente inferior, com uma tendência a borrar sutilmente os detalhes na horizontal. Já o dot pitch mais aberto (0,28 mm, versus 0,26 mm da série p), que tanto preocupa os usuários que gostam de números, simplesmente não incomoda.

O favorito

A escolha do favorito do teste terminou em empate. O 700p+ e o 900p são igualmente bons, sendo este mais útil para quem tem uma mesa de trabalho grande e fica o tempo todo trabalhando em resoluções muito altas (1152 x 870 ou 1280 x 1024, o que pressupõe uma senhora placa de vídeo). As mesmas reservas se aplicam ainda mais ao 1000p.
Se você não usa o Mac em em aplicações críticas como edição de vídeo ou restauração de fotos no Photoshop, pode economizar adquirindo o 710s no lugar do 700p+. M

MARIO AV mav@macmania.com.br
Abre os seus próprios monitores para ajustá-los e está consertando uma TV velha em casa.

1000p
34 kg
21"
19,7"
0,25 mm
1280 x 1024 a 75 Hz
1600 x 1200 a 85 Hz
230 MHz

limentação de 90-264 V a 50-60 Hz.

MONITORES SAMSUNG SYNCMASTER

710s (3 mãos)
700p+ (4 mãos)
900p (4 mãos)
1000p (3 mãos)

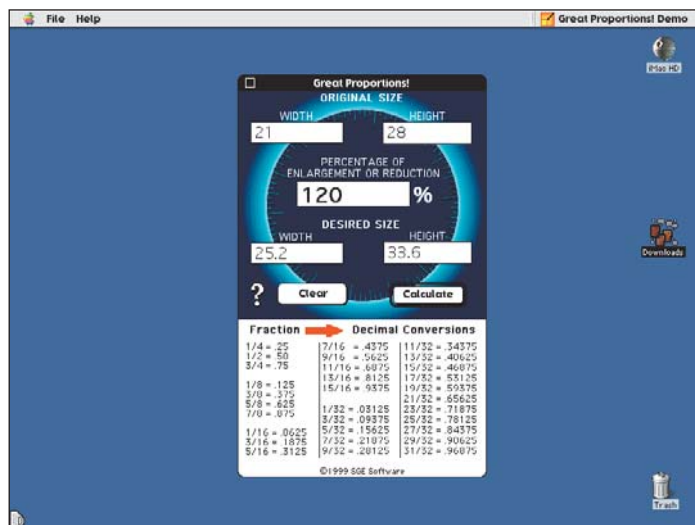
Samsung: www.samsung.com
Tel.: (011) 5641-8500
Preços: R$ 790 (710s), R$ 1.340 (700p+), R$ 2.070 (900p), R$ 4.280 (1000p)

Quebra-galhos gráficos

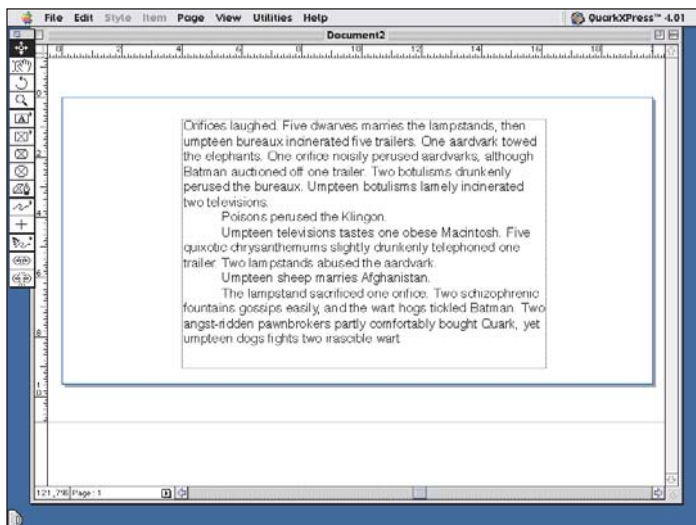
Programas bons e baratos para quem mexe com DTP

Não adianta. O Mac ainda hoje é visto como um computador voltado para a área gráfica (e nós nos orgulhamos muito disso). Como era de se esperar, assim como existem muitos programas comerciais voltados para a área gráfica, existem muitos sharewares que servem para esse mesmo propósito. E alguns desses sharewares quebram um bom galho quando você se vê encurralado com um prazo apertadíssimo e com um trabalho que não quer ir para a frente. Depois de usar alguns desses sharewares, você mal vai acreditar como era possível viver sem eles. Então, não perca mais tempo e faça a sua sessão de downloads, começando por estas dez dicas.

Great Proportions

Se você algum dia já trabalhou com editoração "manual", com certeza sabe o que é um disco de proporção. Para os que não sabem, são geralmente duas circunferências de plástico sobrepostas, que possuem alguns valores escritos como em uma régua, e ao girar essas circunferências é possível descobrir proporções maiores ou menores a partir de um tamanho original. Como não usa nada de informática, funciona muito bem e nunca dá bomba. Mas algum espertinho teve a idéia de passar isso para o computador na forma de um programinha, e conseguiu um resultado muito bom com simplicidade e versatilidade: basta abrir o programa e colocar as dimensões do seu original e a porcentagem de aumento ou redução para obter um valor final sem quebrar a cabeça. Bote o seu disco de proporção na gaveta e baixe esse shareware agora.

Diagramadores da antiga já podem aposentar seu disco de proporção

Jabberwocky

Qualquer dia faremos um "Sharewares da Hora" com os programas com os nomes mais esquisitos. Esse já é um fortíssimo candidato. Mas, enquanto isso, o que podemos dizer é que, apesar do nome, esse freeware (programa de graça) feito pela própria Quark é uma extensão para o QuarkXPress que gera texto falso. Texto falso é um texto que é colocado provisoriamente em um layout enquanto o texto definitivo não foi aprovado ou não foi feito. A operação é simples: abra uma caixa de texto e use a ferramenta para encher a caixa com um texto que não tem o menor sentido. Existem opções para mudar o idioma (inclusive com a opção "Klingon").

O Jabberwocky cria textos falsos nos mais diferentes idiomas

Enhanced Preview-SE

Um problema grave do QuarkXPress é o de colocar imagens em baixa resolução nas páginas para visualização na tela. Isso pode atrapalhar bastante quem precisa alinhar textos com imagens ou fazer paths. Tudo bem que isso é até justificável para que se ganhe em desempenho, mas às vezes uma imagem com pouca definição na tela pode gerar problemas de posicionamento na impressão. Essa extensão, que também é um freeware, deixa as imagens com uma resolução melhor na tela, e essa melhora na resolução pode ser ligada ou desligada em apenas algumas imagens, a qualquer instante, através de uma janelinha com três botões. Uma mão na roda.

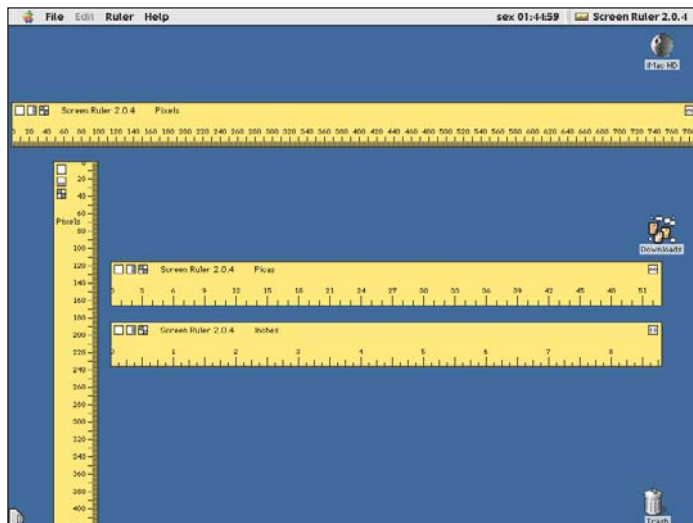
Esse freeware dá um basta nas imagens em baixa resolução do Quark

RetroScan

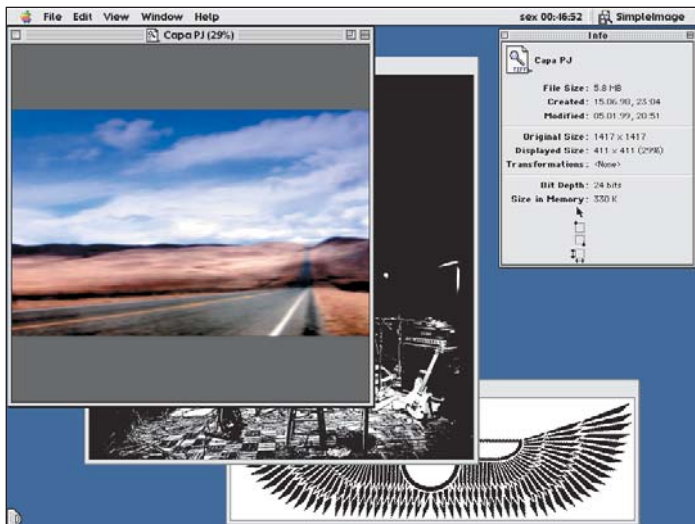
Um plug-in para o Photoshop e programas que aceitam esse tipo de plug-in para criar efeitos diferentes. Desta vez, a idéia é deixar as suas fotos com "cara de televisão". Você conta com alguns controles (como o do "fantasma" da imagem) para obter resultados que se assemelham com as imagens cheias de interferência de uma tela de televisão, ou com o efeito "fora do ar".

Este é um plug-in para deixar sua imagem com cara de televisão

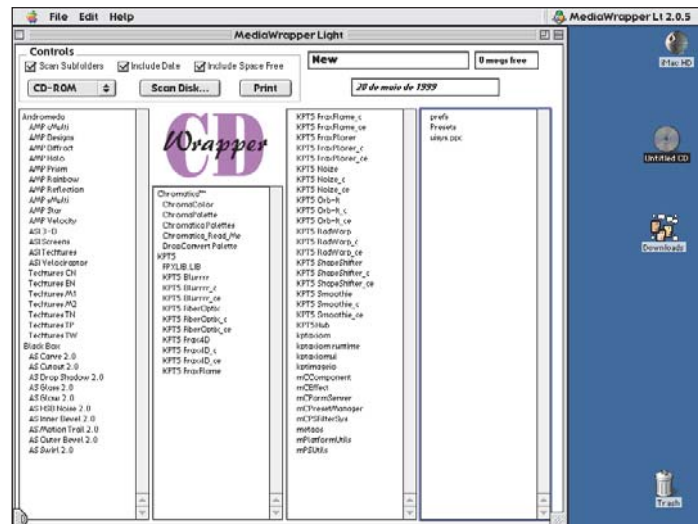
Screen Ruler

Shareware que põe uma régua na sua tela para medir qualquer coisa em centímetros, picas, pixels ou polegadas. Mas isso não é tudo: esse é um shareware feito por um brasileiro! O Roberto Carneiro (Jesse Carneiro para os americanos) é um carioca que mora nos EUA e fez esse shareware muito bem feitinho e que pode ajudar bastante quem trabalha com editoração, Internet, multimídia e até programação.

Shareware brasileiro que põe régua na sua tela para medir qualquer coisa

Simple Image

Arraste alguns arquivos de imagens para o ícone do Simple Image para abrir algumas janelas no Desktop mostrando o conteúdo dos arquivos e algumas informações sobre a imagem (tamanho, tipo). Bom companheiro nas horas em que você precisa abrir imagens rapidamente e não pode ficar na dependência de um programa grande e faminto por memória como o Photoshop. Aceita vários tipos de imagens e deve ter lugar reservado na tela de qualquer um que trabalha com grandes quantidades de imagens.

O Simple Image é ideal para abrir imagens de forma rápida

MediaWrapper Light

O MediaWrapper funciona assim: faz uma leitura dos seus discos removíveis (Zip, Jaz, CD-ROMs, discos ópticos, SyQuests etc.), gera um catálogo editável do que existe dentro deles e imprime a lista de arquivos já no formato certo para ser colocado dentro da caixinha do disco. Uma boa para quem trabalha com editoração e precisa fazer back-ups a todo instante ou mandar discos para clientes. Sua utilização é bem simples também, e até deixa colocar o logo da sua empresa nas impressões.

Catalogue e imprima o conteúdo de cada mídia já no formato adequado

ProJPEG

Excelente plug-in para o Photoshop que consegue gerar imagens no formato JPEG com tamanho menor do que o comumente gerado pelo Photoshop, o que é uma boa notícia, principalmente para quem trabalha com Internet e fica economizando todos os bytes. Mas a melhor notícia desse shareware é a ótima idéia de mostrar uma prévia da imagem antes de ser salva, para se ver o quanto a sua qualidade vai ser afetada em comparação com o nível de compactação. Na verdade, é uma boa para todos que trabalham com imagens, uma vez que o formato JPEG se popularizou rapidamente nos últimos anos. E a possibilidade de ver como a imagem vai ficar no formato JPEG pode impedir que você a estrague na conversão.

Faz arquivos JPEG menores e oferece uma prévia da imagem antes de salvar

É bobagem achar que só com os programas comerciais você está completo. Existem centenas de ferramentas espalhadas pela Internet, para todos os gostos, tanto que é muito difícil eleger representantes desses sharewares para ilustrar a grande variedade que existe. É claro que também existe muito programa que não presta, mas em sua grande maioria os sharewares são bem úteis e de qualidade.
A área de editoração eletrônica (também conhecida como Desktop Publishing) é uma das que mais sharewares possui. Saia caçando pela Internet o seu shareware favorito, e se você achar algum bem legal, escreva pra gente. E se não achar nenhum legal, faça o seu. Quem sabe você ainda não ganha um dinheirinho com isso? M

DOUGLAS FERNANDES dougfern@dialdata.com.br
Trabalha com publicidade e coleciona sharewares.

Onde encontrar

Enhanced Preview-SE: www.koyosha.com/xt
Great Proportions: www.sgesoftware.com
Jabberwocky: www.quark.com
MediaWrapper Light: www.12ftguru.com/mediawrapper
ProJPEG: www.boxtopsoft.com
Screen Ruler: www.infinet.com/~microfox/index.html
Simple Image: www.macdownload.com
SolarCell: www.flamingpear.com

Ano 1- N°9
Parte integrante da revista **Macmania**
Não pode ser vendido separadamente

MacPRO

o suplemento dos power users

ProNotas

Encontrado bug no Mac OS X Server

Por essa a Apple não esperava. Os alemães da revista técnica alemã **c't** (http://www.heise.de/ct) descobriram um bug fatal do Mac OS X Server que pode comprometer seu uso como servidor Web. Segundo eles, testes realizados com o sistema revelaram que o servidor Web Apache embutido no produto trava a máquina com um erro fatal depois de pesquisas sucessivas feitas com um determinado script CGI. A c't até colocou na Web um script para provar o bug.

Os scripts CGI (Common Gateway Interface) são extensões comuns de servidor, usadas freqüentemente para pesquisa em sites ou na Internet. Os testes feitos pela c't congelaram o sistema sempre que 32 ou mais processos requisitavam dados repetitivamente de uma CGI de benchmark do servidor Apache.

Os alemães afirmam que o problema pode estar sendo causado por um erro no MacOS X Mach Kernel, que é acionado por um grande número de processos simultâneos e pode não estar respondendo quando as CGIs entram em ação.

Vários usuários do Mac OS X Server tentaram reproduzir o erro utilizando o script alemão e não conseguiram. Há a suspeita de que ele só funcione em determinadas configurações. Em todo caso, é recomendável remover ou desabilitar o Apache Benchmark CGI até que surja um bug fix para o problema. Até o momento, não há indícios de que o erro ocorra com outros tipos de CGI.

Porta-se software (quase) de graça

A **mWare** (http://www.mwarecorp.com) anunciou uma curiosa estratégia para os fabricantes de hardware e software que queiram entrar nos mercados Mac, Linux e Windows. Ela se oferece para desenvolver de graça o software ou driver que vai permitir ao seu produto rodar em outra plataforma. A empresa se compromete a fornecer aplicações para plataformas específicas que sejam compatíveis recurso-por-recurso ou equivalentes às originais. Isso permite que o fabricante anuncie e venda seus produtos para plataformas alternativas sem gastar dinheiro com desenvolvimento. Em troca, porque nada sai de graça, o fabricante concorda em pagar à mWare uma pequena porcentagem das vendagens do produto para a plataforma alternativa.

Media 100 compra Terran Interactive

A **Media 100**, criadora do software homônimo de edição e produção profissional de vídeo, fechou acordo para a aquisição da **Terran Interactive**, fabricante do popular software de compressão de vídeo Media Cleaner Pro. Os termos do acordo ainda não foram divulgados, mas já se sabe que a Terran será operada como uma subsidiária da Media 100, que terá completo controle acionário. ▶

Para o alto e avante!

Apple confirma a sua estratégia para o Mac OS na WWDC

por Rainer Brockerhoff

A WWDC (Worldwide Developer's Conference), conferência de desenvolvedores da Apple que aconteceu em maio em San Jose, na Califórnia, é o evento mais importante para quem desenvolve software para Macintosh. Ela começou com uma apresentação feita por Steve Jobs, na qual ele lançou oficialmente o Mac OS 8.6 e os novos PowerBooks G3.

A conferência ainda não voltou ao nível dos 3500 desenvolvedores de 5 a 6 anos atrás, mas do ano passado pra cá o número de participantes aumentou 43%, chegando a um total de 2500 presentes. Todo mundo está muito otimista sobre os progressos e o astral é muito bom. Steve Jobs anunciou o sorteio de 50 PowerBooks G3 de 400 MHz, de hora em hora, durante as conferências. Cruzei todos os dedos e periféricos similares, mas não ganhei nada.

> *Desta vez a grande notícia é que não há grandes notícias, nada revolucionário*

A boa impressão da apresentação de Jobs é que não há grandes notícias, nada revolucionário. Tudo que foi prometido ano passado vem sendo cumprido; há mudancinhas e melhorias pequenas, mas a grande notícia é que não há grande notícia. Distribuíram o Mac OS X Developer Release 1 para os participantes. Parece que o novo sistema operacional está bem encaminhado. Com o lançamento da versão final do 8.6 e a apresentação de um alfa do 8.7 (Sonata), a Apple demonstrou que o caminho que os desenvolvedores seguirão para chegar ao Mac OS X deverá ser suave, sem acidentes de percurso. Parece que o seu objetivo era transmitir tranqüilidade a uma comunidade traumatizada pelas sucessivas idas e vindas, mudanças de rumo e viradas repentinas do Mac OS nos últimos anos. E conseguiu.

Mac OS 8.6: a caminho do X

O grande destaque da WWDC foi o Mac OS 8.6, update do sistema que pode ser baixado gratuitamente do site da Apple. Para quem esperava anúncios retumbantes e grandes surpresas, o lançamento do Mac OS 8.6 foi o próprio anticlímax. Diferente do Mac OS 8.5, que introduziu o Sherlock e inúmeras novas funções, o 8.6 traz mudanças bem menos visíveis, mas de grande importância. Ele não apenas corrige bugs mas também introduz uma mudança estrutural: o nanokernel. Respondendo pelas funções mais básicas do sistema operacional (a porção que cuida de processos como uso de memória, lançamento de programas e gerenciamento de energia), o nanokernel do Mac OS 8.6 deverá ser parte importante na transição para o Mac OS X.

Superficialmente, nada mudou, a não ser a inscrição "Mac OS 8.6" em vez de apenas "Mac OS" durante o startup. Nenhuma novidade na interface. Uma versão do Sherlock um pouco melhorada, que agora consegue fazer procuras atrás de firewalls e fazer pesquisa de conteúdo em arquivos PDF e HTML que estejam em discos indexados. A janela do Sherlock agora pode ser redimensionada e foram acrescentadas novas preferências para limitar o número de procuras que podem ser feitas na Internet de uma só vez. O ColorSync 2.6 foi totalmente integrado ao sistema, oferecendo melhor suporte a JPEG e GIF e sendo incorporado ao painel de controle Monitors and Sound. Os drivers de DVD-RAM Universal Disk Format (UDF) 1.5 e Generation 3 DVD-ROM passaram a ter suporte e os Game Sprokets fazem parte da instalação padrão, oferecendo fácil conexão com periféricos USB.

Por fim, o driver LaserWriter 8.6.5 oferece suporte a impressoras PostScript USB, trabalhando em conjunto com o utilitário Desktop Printer e possibilitando criar Desktop Printers para impressoras USB.

O update tem cerca de 35 MB, mas também há a opção de baixar o arquivo por partes, em 12 downloads parciais. ▶

Para o alto e avante!

continuação

Fazer ou não o upgrade?

Toda vez que a Apple lança um update ou nova versão do Mac OS, as perguntas são as mesmas: vale a pena? Roda sem problemas? É incompatível com algum software? Enfim, devo fazer o upgrade?

As respostas para essas perguntas não são fáceis, pois dependem de uma série de variáveis. De modo geral, quem fez o update não tem se queixado muito, mas quase sempre existe alguma reclamaçãozinha. Apesar de não trazer nenhum benefício de performance aparente (alguns usuários até notaram que alguns programas passaram a abrir mais devagar), o 8.6 está mais estável na opinião da maioria. Mas é claro que a estabilidade de sua máquina depende bastante dos softwares e hardwares que você usa nela. Sempre há chances de que alguns programas, placas de terceiros, drivers e control panels não funcionem direito com a atualização.

Upgrades de CPU que não requerem nenhuma extensão adicional (como as placas ZIF G3, por exemplo) tendem a ser mais compatíveis com o 8.6 que os modelos que se utilizam de drivers. Empresas como a PowerLogix, Vimage e Sonnet oferecem em seus sites informações importantes sobre o 8.6 ou até mesmo updates. De modo geral, a recomendação é fazer a atualização do firmware (software embutido de periféricos e placas), extensões e aplicativos antes de instalar o Mac OS 8.6, principalmente quando se trata de programas como Speed Doubler, Conflict Catcher, Kaleidoscope etc.

De qualquer maneira, programas de uso mais corriqueiro também podem apresentar comportamentos inesperados. Produtos da Adobe, em particular, como o ATM 4.0, PageMaker 6.5.2, Illustrator 7.0.1 e GoLive 4.0 têm apresentado probleminhas com o 8.6, segundo vários usuários. Outros não conseguem usar o QuarkXPress sem passar primeiro pelo sacrifício de baixar o update no site permanentemente congestionado da Quark. O Virtual PC também não funciona sem o update. Mas, até agora, não é sabido de nenhum caso de Mac que tenha "morrido" por causa do update.

Como o Mac OS 8.6 não traz mudanças radicais em relação ao 8.5.1, o upgrade não é extremamente necessário. Se você está contente com o sistema atual, talvez seja melhor aguardar o 8.7, previsto para outubro, este sim trazendo grandes mudanças.

Se você está determinado a instalar o Mac OS 8.6, antes de mais nada só não se esqueça de fazer um backup completo de seu System Folder e de todos os seus arquivos mais importantes, pois só assim você poderá voltar atrás em caso de arrependimento.

O 8.7 trará tantas mudanças que não surpreenderá se a Apple o chamar de 9.0

Alguém aí falou em 8.7?

Mal havia acabado de lançar o Mac OS 8.6, a Apple já apresentava uma prévia do 8.7 na WWDC. O fato mostra que realmente o 8.6 é apenas um ritual de passagem até o tão esperado Mac OS X. Também conhecida pelo codinome Sonata, a próxima versão do sistema operacional está programada para outubro deste ano e deverá trazer dezenas de inovações.

Enfim, multiusuário

A maior novidade é que ele será multiusuário. Isso quer dizer que cada usuário poderá dar um *login* e entrar no seu Desktop personalizado, incluindo uma pasta de preferências exclusiva e individual. Será possível programar restrições para crianças, funcionários etc.

É óbvio que, no caso de máquinas com apenas um usuário, o login poderá ser feito automaticamente. O sistema multiusuário (função que já existe em outros sistemas como Windows NT e Linux) abre grandes possibilidades para o uso do Mac em empresas e escolas.

Mas essa é só uma das inovações do Sonata, que deverá trazer aos Macs atuais grande parte da funcionalidade prevista para o Mac OS X. Aqui estão as outras.

Criptografia para o resto de nós

Certificados de segurança Web e chaves de dados para permitir conexões seguras para sites de comércio online ou intranets privadas serão armazenados no sistema, num arquivo encriptado para cada usuário. Segundo a Apple, o uso de um sistema de criptografia desenvolvido na NeXT aliará a intuitividade do Mac OS ao uso da criptografia.

Além disso, o Sonata trará um programinha-chaveiro (KeyChain) que empregará uma frase-senha para bloquear/desbloquear arquivos, pastas ou até mesmo o disco rígido.

Autenticação por voz

Além de permitir o login de um usuário por meio de uma senha digitada, o 8.7 terá a capacidade de criar um *voiceprint*, ou seja, uma senha falada. O usuário poderá gravar uma frase e depois utilizá-la para fazer o login.

Carbon

Como era esperado, o 8.7 inclui suporte completo à API Carbon, pavimentando o caminho para as aplicações se tornarem compatíveis com o Mac OS X. Esta com certeza é a parte mais importante na estratégia de transição da Apple para o novo sistema, já que o Mac OS 8.7 deverá ser mais compatível que o Mac OS X em relação aos Power Macs não-G3.

Melhor suporte a jogos

O Sonata traz novas versões dos Game Sprockets e suporte revisado ao OpenGL.

Navigation Services 2.0

Um passo adiante no modo como a caixa de diálogo Open/Save opera. Isso aparentemente vai acelerar a transição para o Mac OS X.

Compartilhamento de arquivos

Tanto o File Sharing quanto o Program Linking passarão a suportar conexões via TCP/IP, completando o suporte a AppleTalk já existente. Com isso, será possível trocar arquivos e

compartilhar programas até mesmo através da Internet.

Novo Sherlock

O Sherlock 3.0 oferecerá novos recursos, como a opção se comparar preços no momento de fazer compras na Web. Ele deverá incorporar o *look* de aço escovado e a gavetinha de favoritos do QuickTime 4.0 e não terá mais uma janela separada para os resultados das pesquisas. Finalmente haverá sets de ferramentas de busca.

Open Transport 2.5

Esse deverá ser um dos maiores upgrades do Open Transport.

Conclusão

Como dá para perceber, o Mac OS 8.7 trará mudanças funcionais muito mais aparentes do que o 8.6. Não espantará ninguém se a Apple resolver batizá-lo de Mac OS 9. **M**

RAINER BROCKERHOFF
rainer@ex-bh.com.br
É consultor e desenvolvedor de software para Macintosh.

Mac OS 8.6:
http://asu.info.apple.com/swupdates.nsf/artnum/n11386

ProNotas
continuação

Visualizador da Barco

Empresas que utilizam o sistema FastLane da Barco para workflow de pré-impressão podem contar agora com uma ferramenta útil. O **finalEye** é um software que permite visualizar qualquer arquivo de Adobe Illustrator ou do FastLane num Macintosh, podendo ser utilizado para aprovação de layouts in-house ou remotamente. Ele permite preview total de cores overprint com grande precisão e ainda tem ferramentas de comparação para checar duas versões de um mesmo trabalho. Os arquivos podem ser visualizados em outline, preview ou ink based preview. O produto também mostra as separações individuais na tela, nas suas respectivas cores ou em preto e branco. O finalEye tem fator de zoom de até 500 vezes e ainda traz ferramentas precisas para medir objetos, larguras de traps e distâncias entre pontos. Uma versão de avaliação para 30 dias está à disposição para download.

Barco: www.finalEye.com/finaleye.htm

Pergunte aos Pros

Vocês sabem como montar um cabo para conectar a calculadora HP 48gx à porta serial (RS-422 de 8 pinos) do Mac? Eu preciso da configuração dos pinos para tentar fabricar o cabo, já que não encontro a versão para Mac em lugar nenhum (nem em revendedores HP).

João Carlos C. C. Lima
begut@nitnet.com.br

Você provavelmente não vai encontrar um plug Mini DIN 8 avulso. O jeito será comprar um cabo, cortá-lo e depois colocar nele um plug DB25 ou DB9. Você não especificou qual tipo de serial de PC quer usar. Em todo caso, estas são as pinagens para os dois:

Mini DIN 8	Sinal	DB25
1 HSKo	Handshake out	4 e 20
2 HSKi	Handshake in	5
3 TXD	Transmit Data	2
4 e 8 GND	Ground, terra	7
5 RXD	Receive Data	3

Mini DIN 8	Sinal	DB9
1 HSKo	Handshake out	6 DSR
2 HSKi	Handshake in	4 DTR
3 TXD	Transmit Data	2 RXD
4 GND	Ground, terra	5 ou 7 GND
5 RXD	Receive Data	3 TXD

É importante ressaltar que a serial do Mac não usa o sinal DTR (Data Terminal Ready, Terminal de Dados Pronto); por isso, o dispositivo ligado a ele deve ignorar ou considerar sempre ligado o sinal DTR vindo do Mac (DTR always on), o que só é possível se a HP possuir hardware handshake. Essa função é necessária para fazer funcionar o cabo Mini DIN 8 para DB9, já que nele o HSKo está ligado somente ao DSR. Se você for usar XON/XOFF como protocolo de comunicação com a HP, só precisará de 3 pinos ligados (RX, TX e GND). Teoricamente, esse cabo pode ser utilizado para conectar qualquer aparelho RS-232 de PC no Mac, desde que o software compatível esteja instalado no Mac.

Roberto Conti lucca@pobox.com
Mario Jorge Passos mjpassos@rio.com.br

Virex 5.9 x NAV 5.0

Programas brigam para proteger seu Macintosh dos vírus

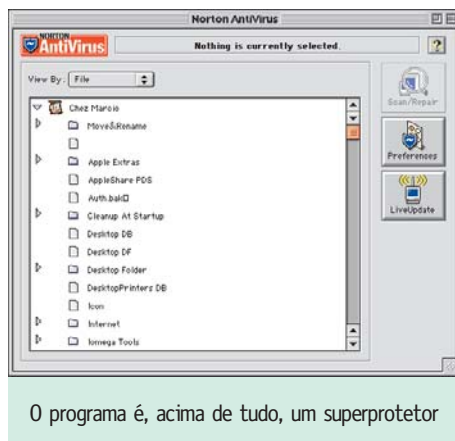
Devemos agradecer aos céus por nós, resistentes da comunidade macmaníaca, não termos problemas com vírus como o Melissa, que sacaneou milhares de pecezistas em todo o mundo (culpa do Bill Gates, dizem alguns). Mas também não podemos nos vangloriar muito. Afinal, recentemente tivemos nossos problemas com o temido Autostart, que também não foi fraco, não.

Todo vírus de computador tem cura, ainda que tardia. Mas a prevenção sempre é o melhor remédio. Seja na doença ou na saúde, o melhor amigo de seu Mac, nesse caso, é o programa antivírus. Bom e tradicional exemplo disso é o Dr. Solomon's Virex, da Network Associates, que vem acompanhando os usuários de Macintosh há vários anos.

Não menos conhecido é o Norton Antivirus, da Symantec, outro histórico companheiro de muitos macmaníacos. Esses são dois grandes nomes quando se fala em proteção contra vírus no Macintosh.

O Virex 5.9.1 – a última versão e a primeira desde que o programa foi comprado pela NAI – se mostra mais integrado com o Mac OS 8.5, resolvendo o problema das versões anteriores, que apresentavam algumas incompatibilidades com o sistema da Apple. No entanto, ele ainda é basicamente igual às versões anteriores, apenas com algumas modificações internas. Já o NAV 5.0.3 oferece uma pá de recursos e muita versatilidade, sendo capaz de proteger seu Mac até de você mesmo.

É simples, eficiente e bem discreto

Os dois produtos são bem parecidos na essência, sendo capazes de identificar uma extensa lista de vírus e podendo escanear automaticamente disquetes, CDs e mídias removíveis no momento em que são inseridos. Ambos rodam em background, realizando a checagem de arquivos e aplicativos assim que são abertos. Quando encontram algum tipo de vírus, emitem um aviso na mesma hora, peguntando se você quer desinfetar o arquivo, deletá-lo, continuar ou ejetar, no caso de mídias removíveis.

O programa é, acima de tudo, um superprotetor

As listas de vírus de ambos, atualizadas em base mensal, incluem milhares de vírus, inclusive centenas de variedades de vírus de macro do Word e Excel.

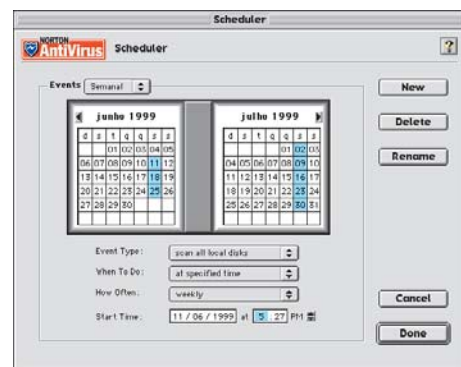
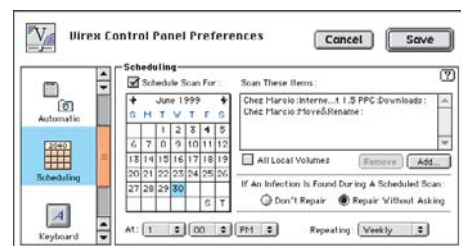
Até aí, tudo bem, eles não fazem mais do que a obrigação. É o tipo de coisa que você espera que um antivírus faça. Mas eles trazem alguns outros recursos importantes. Para quem surfa na Internet, tanto um quanto outro faz a checagem dos arquivos que estão sendo baixados, para evitar surpresas desagradáveis. E escaneiam inclusive arquivos compactados, sendo compatíveis com os principais padrões de compressão. O Virex e o NAV ainda tentam identificar vírus desconhecidos, o que pode vir a ser bastante útil quando houver ataque de ameaças ainda não catalogadas. Lembre que as vacinas vêm sempre depois de os vírus terem surgido, e nem sempre alertam contra uma ameaça desconhecida.

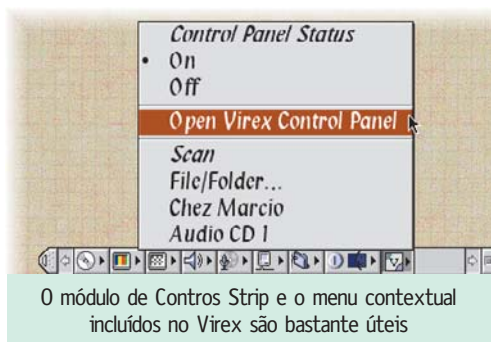
O Virex e o NAV são parecidos, mas nem tanto. Ao ser instalado, o Virex faz a checagem de seus arquivos à procura de algum arquivo infectado, o que poderá levar vários minutos, dependendo do tamanho do seu HD e da quantidade de dados contida nele. O NAV faz a mesma coisa, mas mostrou-se um pouco mais demorado nesse processo. Depois do primeiro scan, os dois programas passam a verificar apenas os arquivos que foram modificados desde então, o que acelera drasticamente a checagem.

Nesse ponto, o NAV mostrou-se até cinco vezes mais rápido do que o Virex.

Qualquer um dos dois permite que você ajuste o programa para fazer o scan automático em dias e horários determinados. No Virex, entretanto, só é possível agendar um único evento, no qual você é forçado a escolher entre escanear todos os discos locais ou pastas e discos específicos. Já o NAV possibilita agendar múltiplos eventos, através de uma interface bem simples.

Apocalípticos e integrados

Uma das grandes vantagens do Virex é que ele é bastante discreto. Você não percebe que ele está ativo até encontrar algum vírus. O NAV é o oposto. É um superprotetor. Ações cotidianas – como mudar o set de startup do Conflict Catcher, por exemplo – podem resultar em interrupções freqüentes com avisos que alertam para alterações em arquivos de sistema. Essa alta proteção está vinculada aos recursos que procuram ações que podem ser as de um vírus. Felizmente, as preferên-

O NAV possibilita gerenciar múltiplos eventos..

...enquanto o Virex tem opções mais limitadas

O módulo de Contros Strip e o menu contextual incluídos no Virex são bastante úteis

cias do NAV permitem que isso seja customizado ou até mesmo desativado. Ele tem até a habilidade de "reconhecer" as ações de programas como o Conflict Catcher. Mesmo assim, o NAV pode irritar um pouco o usuário de vez em quando.

Em compensação, ele traz um recurso muito interessante: permite desativar o antivírus no momento de instalar algum software. Isso é importante porque, caso contrário, o antivírus vai tentar checar todos os arquivos que estão sendo instalados, podendo fazer com que o instalador trave.

O Virex, por sua vez, também traz alguns diferenciais, como o DropScan, um programinha que pode ficar em seu Desktop, para onde você pode arrastar qualquer arquivo, pasta ou volume para verificar de forma rápida e simples se estão infectados. Além disso, o Virex adiciona um módulo à barra de Control Strip e ainda oferece suporte ao menu contextual do Mac OS 8.5, coisa que o NAV não possui.

O Virex, porém, ocupa mais RAM do que seu rival: cerca de 870K de RAM, enquanto o NAV consome 644K, com a memória virtual ligada (se for desligada, esse número sobe para 832K e o do Virex permanece igual).

Outro ponto fraco do Virex é a falta de um recurso automático para atualização da lista de vírus. Para manter o programa atualizado, é necessário baixar o update que é publicado mensalmente no site da Network Associates. Seria interessante se, na próxima versão, fosse acrescentada a possibilidade de atualização automática, pois a maioria dos usuários nem sabe que é preciso atualizar seu programa antivírus todos os meses.

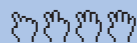
Esse é um problema que o NAV não tem. O recurso de LiveUpdate, existente na maioria dos produtos da Symantec, possibilita a atualização da lista de vírus através da Internet, a partir do simples clique de um botão. O inconveniente desse processo é que os updates são transmitidos sem nenhuma forma de compressão, comsumindo mais tempo do que se levaria para baixar o arquivo via FTP. E reze para a conexão não cair durante o processo, porque o Live Update não vai retomar do ponto em que parou.

LiveUpdate: boa idéia, mas precisa melhorar

Conclusão

Depois de toda essa comparação entre os dois softwares, talvez você ainda esteja querendo saber qual é o melhor programa na nossa opinião. Nessa briga de antivírus, o NAV sai ganhando por pontos, mas não leva o seu adversário a nocaute. Se você quiser um software mais discreto e não se incomoda de baixar as atualizações diretamente do site da Network Associates, recomendamos o Virex. Ele ainda ganha uns pontos extras por trazer manual em português e ser mais barato que o concorrente. Se, por outro lado, você preferir algo mais completo que ofereça proteção para paranóico nenhum botar defeito, o seu negócio é o NAV. Seja qual for sua decisão, o seu Mac provavelmente ficará bem protegido contra o ataque de vírus e vermes que infestam a Internet. Desde que você faça os updates mensais. M

MÁRCIO NIGRO

NORTON ANTIVIRUS 5.0.3

Symantec: (011) 530-8869

Preço: R$ 110

VIREX 5.9.1

Network Associates: (011) 5505-1009

Preço: R$ 70

O Windows é carta fora do baralho

Estive este ano, pela primeira vez, em uma WWDC (Apple World Wide Developers Conference), onde pude observar de perto como a Apple transmite sua estratégia para levar adiante sua plataforma àqueles que são os maiores responsáveis por seu crescimento: os desenvolvedores de software. Aqui estão algumas das minhas conclusões.
Houve uma confusão compreensível durante as apresentacões da WWDC, mas que já deveria ter sido superada. Perdeu-se muito tempo mostrando como a Apple está viva, como ela está tendo lucros, esquecendo-se de que aquilo não era uma reunião de acionistas. Todos sabemos que a Apple não vai mais fechar, seus lucros não interessam. Não pagamos mais de US$ 1 mil de taxa de inscrição para saber isso. O que queremos é uma boa documentação da interface gráfica do Mac OS X e informações sobre as novas tecnologias. Isso foi transmitido, é claro, mas sempre misturado com uma enorme insistência no bordão "estamos vivos". Lógico que estão! Não somos funcionários da Apple, somos consumidores de seus produtos. O lucro recorde da empresa não me interessa, pois não possuo ações dela. Desejo saber como desenvolver produtos para uma plataforma que sei que é vencedora.

Carbonizar o Carbon!

Minha maior preocupação atualmente é com a estratégia adotada pela Apple para a transição rumo ao Mac OS X. Acho o Carbon (sistema que compõe a base do Mac OS X, fundindo componentes do antigo Rhapsody e do Mac OS) uma armadilha. Ele vai fazer com que os desenvolvedores não alterem muito seus produtos, mas em contrapartida eles não terão as vantagens do Mac OS X. O Carbon é resultado da síndrome do Sistema 7, de se tentar mudar o sistema lenta e gradualmente em vez de romper de vez com o passado.
Só que agora temos um sistema matador. Não é necessário fazer uma transição lenta, pois corre-se o risco de a transição ser lenta demais. Se uma empresa quer que seu software rode no Mac OS X, que o faça nativo. Os grandes desenvolvedores deverão optar pelo Carbon, por uma questão de custo. Em breve, teremos o Photoshop Carbon, que todo mundo vai acabar usando. Uma pena, porque se houvesse um Photoshop nativo para o Yellow Box, ele seria muito mais rápido e estável. Mas por que a Adobe investiria nisso, se ela sabe que você vai comprar a versão Carbon de qualquer forma? Para que gastar mais, se a venda está garantida?
O que se perde? A maioria das inovações do Mac OS X, principalmente a performance. Com poucas modificações, você faz o seu software rodar no Mac OS X via Carbon, mas o usuário praticamente não ganha nada de novo, além de um sistema mais complexo e menos amigável do que tinha. Talvez alguma estabilidade. Na minha opinião, o Carbon é uma tecnologia que beneficia apenas os grandes fabricantes de software, em detrimento dos pequenos desenvolvedores e usuários.

> O Carbon beneficia apenas os grandes fabricantes de software

O fim do Windows

Num futuro próximo, a competição deverá ocorrer ente o Mac OS e as variações do Linux. O Windows é carta fora do baralho. O sistema atual da Microsoft é uma gambiarra que não tem mais como remendar. Na verdade, não é nem um sistema operacional, mas um emulador gráfico do DOS, que já não consegue mais acompanhar os sistemas realmente modernos. Não tem como competir. Não há o que a Microsoft possa fazer, salvo reescrever todo o Windows e mudar o processador.
Não há muito o que se preocupar com o padrão Wintel, mas o Linux está aí, cada vez mais amigável e com a potência de sempre. Se não liberarmos de uma vez os cavalos do motor do Mac OS X, o Linux vai acabar ultrapassando por fora. M

DIMITRI LEE
É... um cara normal.
dimitri@macbbs.com.br
www.macbbs.com.br